

UNIVERSIDADE FEDERAL DO MARANHÃO  
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM CIÊNCIAS SOCIAIS  
MESTRADO EM CIÊNCIAS SOCIAIS

COBERTURA MIDIÁTICA DAS OLIMPÍADAS RIO 2016: a imagem da jogadora de  
futebol pela imprensa no Brasil e nos Estados Unidos  
Clarissa Carramilo Raposo

São Luís  
2018

COBERTURA MIDIÁTICA DAS OLIMPÍADAS RIO 2016: a imagem da jogadora de  
futebol pela imprensa no Brasil e nos Estados Unidos

Clarissa Carramilo Raposo

Dissertação apresentada ao Programa de  
Pós-graduação em Ciências Sociais da  
Universidade Federal do Maranhão para  
obtenção do título de Mestre em Ciências  
Sociais.

Orientador: Prof. Dr. Túlio Cunha Rossi

São Luís

2018

Ficha gerada por meio do SIGAA/Biblioteca com dados fornecidos pelo(a) autor(a).  
Núcleo Integrado de Bibliotecas/UFMA

Carramilo Raposo, Clarissa.

Cobertura midiática das Olimpíadas Rio 2016 : a imagem da jogadora de futebol pela imprensa no Brasil e nos Estados Unidos / Clarissa Carramilo Raposo. - 2018.  
101 f.

Orientador(a): Prof. Dr. Túlio Cunha Rossi.

Dissertação (Mestrado) - Programa de Pós-graduação em Ciências Sociais/cch, Universidade Federal do Maranhão, São Luís, 2018.

1. Comunicação e mídia. 2. Cultura do futebol. 3. Estudos de gênero. 4. Futebol feminino. 5. Sociologia do esporte. I. Cunha Rossi, Prof. Dr. Túlio. II. Título.

CLARISSA CARRAMILO RAPOSO

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-graduação em Ciências Sociais da Universidade Federal do Maranhão para obtenção do título de Mestre em Ciências Sociais.

Aprovada em \_\_\_\_/\_\_\_\_/\_\_\_\_

BANCA EXAMINADORA

---

Prof. Dr. Túlio Cunha Rossi  
(Orientador)

---

Prof. Dr. Paulo Fernandes Keller  
(Examinador)

---

Prof. Dr. José Ribamar Ferreira Júnior  
(Examinador)

São Luís  
2018

## AGRADECIMENTOS

Ao professor Túlio Rossi, orientador desta pesquisa, pela confiança no projeto desde as suas fases iniciais, pela orientação paciente, atenciosa e desafiadora, responsável pelo meu crescimento não só nas Ciências Sociais, na Sociologia do Esporte, nos Estudos de Gênero e de Mídia, mas também como ser humano.

À professora Sandra Nascimento, pela leitura minuciosa e apontamentos fundamentais para o desenvolvimento deste trabalho, nas oportunidades em que foi membro da banca de qualificação e professora da disciplina de Tópicos Especiais em Sociologia I: Gêneros e Narrativas.

Ao professor Ferreira Júnior, em nome de quem agradeço aos professores e funcionários do Departamento de Comunicação Social da Universidade Federal do Maranhão, onde iniciei minha formação acadêmica e adquiri repertório simbólico para interpretar o mundo de forma crítica.

À coordenadora Eliana Tavares, pelo suporte institucional, na pessoa de quem agradeço a todos os professores e funcionários que integram o Programa de Pós-graduação em Ciências Sociais da Universidade Federal do Maranhão.

À Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior - CAPES, pelo apoio financeiro por meio da concessão de bolsa de estudos, essencial para que eu me mantivesse durante o tempo de dedicação ao desenvolvimento desta pesquisa.

Aos colegas da turma do Mestrado 2016.1, em especial, à Jacimara Sarges e Diana Mendes, por toda a colaboração, apoio e momentos de descontração durante a trajetória do curso, agradecimento que também estendo às alunas do Doutorado, Maristhela Rodrigues e Rarielle Rodrigues.

Aos colegas colaboradores e servidores da Secretaria de Estado de Direitos Humanos e Participação Popular, que me incentivaram e ajudaram no cumprimento de minhas obrigações referentes ao mestrado durante os meses em que trabalhamos e viajamos juntos.

Aos colegas de redação do G1 Maranhão, pelos momentos de aprendizado compartilhados na vivência do exercício profissional com comprometimento, responsabilidade e dedicação.

Aos amigos de longa data, Gustavo Sampaio, Camila Chaves e Ananda Martins, pelo apoio com palavras de carinho e solidariedade.

Aos meus sogros Dulce Arrais e Ricardo Mousinho; aos meus cunhados, Amanda Arrais, Ross Neto e Guto Martins; às minhas irmãs Kamila Carramilo e Carolina Carramilo; à minha tia Luiza Raposo; à minha avó Maria da Graça Raposo; e a meus pais, Haroldo Raposo e Neilene Carramilo, a quem eu agradeço pelo apoio de toda uma vida em busca da realização dos meus sonhos.

À minha companheira Juliana Arrais, minha rocha, pela amizade, parceria e apoio na luta diária em busca da superação de mim mesma, pelo amor sem limites.

*Para Juliana Arrais.*

*"I put my heart and my soul into my work, and have lost my mind in the process".*

*(Vincent Van Gogh)*

## RESUMO

Trata-se de estudo que investiga os discursos construídos em material jornalístico publicado durante a cobertura midiática da modalidade do futebol feminino no decorrer dos Jogos Olímpicos ocorridos no Rio de Janeiro, em 2016, no período entre 1º e 16 de agosto daquele ano. O trabalho promove ampla discussão teórica sobre a relevância do estudo do esporte sob perspectivas sociológicas, relacionando-o às questões de gênero no futebol, observando e explorando, no recorte temporal analisado, a partir da revisão da literatura relacionada ao objeto e dos dados obtidos, as diferenças na cobertura realizada pelos profissionais de imprensa nos dois países e a reprodução de estereótipos pela mídia online e televisiva.

Palavras-chave: sociologia do esporte; estudos de gênero; comunicação e mídia; cultura do futebol; futebol feminino

## ABSTRACT

It is a study that investigates the discourses constructed in journalistic material published during the media coverage of the women's football during the Olympic Games held in Rio de Janeiro in 2016, between August 1 and 16 of that year. The work promotes a wide theoretical discussion about the relevance of the study of sport under sociological perspectives, relating it to gender issues in soccer, observing and exploring, in the time cut analyzed, from the literature review related to the object and the data obtained, the differences in coverage by media professionals in both countries and the reproduction of stereotypes by online and television media.

Keywords: sociology of sport; gender studies; communication and media; soccer culture; women's soccer

## LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

AFEs – Atividades Físicas e Esportivas  
ALESDE – Asociación Latinoamericana de Estudios Socioculturales del Deporte<sup>1</sup>  
ANATEL – Agência Nacional de Telecomunicações  
CAPES – Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior  
CBF – Confederação Brasileira de Futebol  
CAQDAS – Computer Assisted Qualitative Data Analysis Software  
DNR – Digital News Report<sup>2</sup>  
EASS – European Association for Sociology of Sport<sup>3</sup>  
EUA – Estados Unidos da América  
FAPEMA – Fundação de Amparo à Pesquisa e Desenvolvimento Científico do Maranhão  
FIFA – Fédération Internationale de Football Association  
IBOPE - Instituto Brasileiro de Opinião Pública e Estatística  
ISSA – International Society of Sociology of Sport<sup>4</sup>  
JSSS – Japan Society of Sociology of Sport<sup>5</sup>  
NASSS – North American Society for Sociology of Sports<sup>6</sup>  
ONU – Organização das Nações Unidas  
PPGCSoc – Programa de Pós-graduação em Ciências Sociais  
PNAD - Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios  
TCC – Trabalho de Conclusão de Curso  
UCCS – University of Colorado Colorado Springs  
UFMA – Universidade Federal do Maranhão  
UFMG – Universidade Federal de Minas Gerais  
UFPE – Universidade Federal de Pernambuco  
UFPR – Universidade Federal do Paraná  
UFRGS – Universidade Federal do Rio Grande do Sul  
UFSC – Universidade Federal de Santa Catarina

---

<sup>1</sup> Associação Latino-americana de Estudos Socioculturais do Esporte (tradução livre).

<sup>2</sup> Relatório de Notícias Digitais (tradução livre).

<sup>3</sup> Associação Europeia de Sociologia do Esporte (tradução livre).

<sup>4</sup> Sociedade Internacional de Sociologia do Esporte (tradução livre).

<sup>5</sup> Sociedade Japonesa de Sociologia do Esporte (tradução livre).

<sup>6</sup> Sociedade Norte-americana de Sociologia do Esporte (tradução livre).

UNICAMP – Universidade Estadual de Campinas

USS – United States Soccer<sup>7</sup>

USP – Universidade de São Paulo

---

<sup>7</sup> Federação Americana de Futebol (tradução livre).

## LISTA DE FIGURAS

Figura 1 - Ranking de audiência online no Brasil (Digital News Report 2017).....	60
Figura 2 - Ranking de audiência online nos EUA (Digital News Report 2017).....	61
Figura 3 - Representação de autoria dos textos no Brasil .....	76
Figura 4 - Representação de autoria dos textos nos EUA .....	77
Figura 5 - Extensão dos textos publicados no Brasil.....	78
Figura 6 - Extensão dos textos publicados nos Estados Unidos.....	79
Figura 7 - Categorias de discursos encontradas na análise .....	80

## LISTA DE TABELAS

Tabela 1 - Percentual do tipo de AFEs mais praticadas no Brasil, segundo o sexo..	53
Tabela 2 - Dados gerais sobre o noticiário analisado.....	72

## SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO .....	15
2. GÊNERO, RELAÇÃO DA MULHER COM O FUTEBOL E ESPORTE COMO DIREITO HUMANO .....	24
3. MÍDIA: OS PANORAMAS BRASILEIRO E NORTE-AMERICANO .....	58
3.1. A MÍDIA ESPORTIVA E SUAS CONSTRUÇÕES .....	62
3.2. FUTEBOL FEMININO NA MÍDIA .....	68
4. COBERTURA DO FUTEBOL FEMININO NA RIO 2016 .....	72
4.1. AUTORIA.....	76
4.2. EXTENSÃO DAS MATÉRIAS .....	78
4.3. DISCURSOS .....	79
A) O RECONHECIMENTO DO FUTEBOL FEMININO A PARTIR DA COMPARAÇÃO COM O MASCULINO .....	80
B) REPRESENTAÇÃO NORMALIZADA DE FEMINILIDADE.....	82
C) ABORDAGEM NÃO-PROFISSIONAL DO FUTEBOL FEMININO .....	83
D) ROTULAÇÃO DA SUPOSTA “FRAGILIDADE FEMININA” .....	84
5. CONCLUSÃO .....	86
6. BIBLIOGRAFIA.....	93

## 1. INTRODUÇÃO

O estudo apresenta os resultados obtidos por meio de trabalho de pesquisa realizado no âmbito do Programa de Pós-graduação em Ciências Sociais da Universidade Federal do Maranhão (UFMA). O tema está ligado às atuais discussões promovidas pelos organismos internacionais de desenvolvimento humano e pelas escolas de sociologia do esporte em todo mundo, explorando a questão também sob as perspectivas de gênero e mídia.

Trata-se de pesquisa exploratória, que “tem como objetivo proporcionar maior familiaridade com o problema, com vistas a torná-lo mais explícito ou a construir hipóteses” (GERHARDT; SILVEIRA, 2009, p. 35) e descritiva de abordagem qualitativa<sup>8</sup>. Adotou-se o recorte analítico de gênero, categoria fundamentada na diferença entre os sexos, elemento indispensável das relações sociais, assim como representa um fator primordial para a construção de significados sobre as relações de poder.

“Como componente das relações sociais, a diferença sexual pode estar vinculada a quatro elementos: aos símbolos culturalmente disponíveis, aos conceitos normativos, às instituições e organizações sociais e à construção de identidades subjetivas” (SCOTT, 1995, p. 21).

O estudo bibliográfico foi realizado a partir das reportagens sobre as Olimpíadas Rio 2016 publicadas em dois sites de notícias de circulação nacional, no Brasil e nos Estados Unidos – UOL Online e Fox News, respectivamente. Justifica-se a escolha desses jornais por serem os primeiros colocados no ranking de audiência em webjornalismo nos dois países (Digital News Report, 2017) com o maior número de matérias publicadas sobre as Olimpíadas. Os dois veículos foram consultados online e correspondem ao conteúdo disponibilizado gratuitamente pelas empresas jornalísticas. Não foi possível acessar o conteúdo restrito a assinantes.

No entanto, isso não se caracterizou como limitação, uma vez que a maior parte das reportagens referentes aos jogos olímpicos foram liberadas e continuam

---

<sup>8</sup> A pesquisa qualitativa não se preocupa com representatividade numérica, mas, sim, com o aprofundamento da compreensão de um grupo social, de uma organização, etc. Os pesquisadores que adotam a abordagem qualitativa opõem-se ao pressuposto que defende um modelo único de pesquisa para todas as ciências, já que as ciências sociais têm sua especificidade, o que pressupõe uma metodologia própria. (GERHARDT; SILVEIRA, 2009, p. 31)

disponíveis para livre acesso.

Neste estudo, adotou-se os termos notícia ou reportagem para identificar todos os relatos jornalísticos publicados nos dois veículos, na perspectiva de Genro Filho (1987), que conceitua a seguir:

Todo o relato jornalístico, toda notícia ou reportagem, reproduz os fatos através de uma complexa operação subjetiva. O resultado desse processo será, sempre, aquilo que podemos chamar de singular significativo, isto é, o produto de uma modalidade de apreensão subjetiva que supera o particular e o universal no interior da singularidade do fato jornalístico (GENRO FILHO, 1987, p. 126)

Os textos selecionados foram publicados no período de 1º de agosto a 16 de agosto de 2016, período que compreende a abertura e o encerramento das Olimpíadas Rio 2016. No mesmo período, foi realizada coleta generalizada de dados, de forma manual, com vistas à captação e sistematização de informações para estruturação e discussão de análises. O material foi indexado por país, veículo e título, e classificado conforme a apreciação de critérios como número total de linhas, presença ou ausência de fotografias, data de publicação, sexo<sup>9</sup> do autor e discursos correspondentes ao referencial teórico do estudo.

Foi realizada revisão livre e independente dos títulos das reportagens, das manchetes, dos *leads*, que são geralmente os primeiros parágrafos das notícias na sua forma atual, “o parágrafo sintético, vivo, leve, com que se inicia a notícia, na tentativa de fisgar a atenção do leitor” (GENRO FILHO, 1987, p. 14). Também foram revisados os números de imagens publicadas nos dois veículos, considerando reportagens de cunho informativo, opinativo e especial. Foram selecionadas publicações cujas temas centrais fossem a cobertura do futebol feminino referente à seleção brasileira e norte-americana, em seus respectivos países. Considerando os critérios estabelecidos, obteve-se um total de 30 reportagens, sendo 15 do UOL Online e 15 da Fox News.

As imagens foram combinadas com os trechos das reportagens. Deste modo, pontua-se a necessidade de uma análise aprofundada das figuras, a partir de referenciais e técnicas de análise de imagens específicas.

---

<sup>9</sup> Por questões puramente analíticas e metodológicas foi utilizada a classificação entre homens e mulheres.

A Organização das Nações Unidas (ONU) possui uma série de ações relacionadas ao esporte para o desenvolvimento humano e a paz, difundindo mundialmente a visão do tema como direitos humanos e fundamentais aos indivíduos. A discussão ganhou força no Brasil nos últimos anos após a realização dos Jogos Olímpicos Rio 2016 e da Copa do Mundo de 2014.

Em apoio à “Agenda 2030”, a Organização das Nações Unidas para a Igualdade de Gênero e o Empoderamento das Mulheres (ONU Mulheres) está desenvolvendo a iniciativa “Por um planeta 50-50 em 2030: um passo decisivo pela igualdade de gênero”, voltada a líderes mundiais, governos, empresas, universidades, sociedade civil e mídia, para a celeridade de medidas concretas em favor dos direitos de mulheres e meninas. No Brasil, foi lançado, em 2015, o programa “Uma Vitória Leva à Outra”, com o objetivo de promover o empoderamento de meninas crianças e adolescentes por meio do esporte, além do engajamento dos homens pelo fim da violência contra a mulher em suas várias formas.

Considerado um legado olímpico, o programa é voltado à formação de espaços seguros para que meninas com idades entre 10 e 18 anos possam praticar esportes e adquirir habilidades para a vida como autoestima e liderança, educação financeira, saúde e direitos sexuais e reprodutivos, empoderamento pessoal e coletivo e eliminação da violência, com a proposta de estabelecer parcerias entre estados e municípios.

Organizações não-governamentais (ONGs) também vêm atuando na promoção do acesso das minorias à cultura do esporte. A ONG voltada para o empoderamento feminino por meio da informação, “Think Olga”, lançou, em São Paulo, em 2016, a campanha Olga Esporte Clube (OEC), com a missão de transformar a relação das mulheres com o esporte e abrir novas possibilidades para a prática feminina. Outro exemplo é a Annitas, em Brasília, ONG voltada para o auxílio emocional de mulheres que também vem reconhecendo a importância do esporte no cotidiano das brasileiras. Entre as principais pautas, está a difusão de estereótipos como, por exemplo, a representação da mulher pela imprensa como “objeto”, desvalorizando atletas e promovendo pressões ligadas a ideais estéticos.

A definição de estereótipo é problematizada pelo teórico indiano Homi K. Bhaba (2013), que discute a importância do tema no livro “O local da cultura”. Para o autor, além da emergência dos estereótipos, questionar seus usos e desdobramentos

é tão indispensável quanto o próprio objeto proposto, considerando os estudos de linguagem nas questões:

“(...) o estereótipo não é uma simplificação porque é uma falsa representação de uma dada realidade. É uma simplificação porque é uma forma presa, fixa, de representação, que, ao negar o jogo da diferença (que a negação através do Outro permite), constitui um problema para a representação do sujeito em significações de relações psíquicas e sociais. (BHABHA, 2013, p. 130)

No país, aproximadamente 70% da população não pratica esportes e atividades físicas, conforme relatório divulgado pelo Programa das Nações Unidas para o Desenvolvimento (PNUD)<sup>10</sup>. O estudo afirma que os homens brasileiros têm 28% mais chances de praticar esportes que as mulheres e que, na puberdade, em função das pressões sociais e dos estereótipos de gênero, a autoestima das meninas tende a cair duas vezes mais do que a dos meninos. Também foi registrado que 49% das meninas abandonam a prática esportiva, porcentagem seis vezes maior em comparação com os meninos. Nessa fase da vida, os estereótipos de gênero e a linha que divide o que é considerado adequado às meninas e aos meninos começa a ficar evidente. As meninas são submetidas a controles e vigilâncias severas sobre seus corpos e sexualidades, enfrentando processos de objetificação pela sociedade e pelas diversas representações midiáticas.

Em 31 de março de 1981, por meio de assinatura da Resolução nº 34/180 da Assembleia Geral da ONU, o Brasil adotou a “Convenção sobre a eliminação de todas as formas de discriminação contra a mulher (CEDAW) e respectivo protocolo facultativo”, com modificações posteriores assumidas pelo país pelo Decreto 4377, de 13 de setembro de 2002. Em seu artigo 1º, o documento afirma:

(...) a expressão ‘discriminação contra a mulher’ significará toda a distinção, exclusão ou restrição baseada no sexo e que tenha por objeto ou resultado prejudicar ou anular o reconhecimento, gozo ou exercício pela mulher, independentemente de seu estado civil, com base na igualdade do homem e da mulher, dos direitos humanos e liberdades fundamentais nos campos político, econômico, social, cultural e civil ou em qualquer outro campo.<sup>11</sup>

---

<sup>10</sup> Relatório Nacional de Desenvolvimento Humano do Brasil 2017 “Momento é vida: atividades físicas e esportivas para todas as pessoas”, do Programa das Nações Unidas para o Desenvolvimento (PNUD), Organização das Nações Unidas (ONU). Disponível em: <http://movimentoevida.org/sumario/>.

<sup>11</sup> Decreto nº 4377, de 13 de setembro de 2002. Disponível em: [http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/decreto/2002/d4377.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/decreto/2002/d4377.htm).

A Convenção determina que os Estados Partes tomem medidas apropriadas para alterar padrões socioculturais de conduta, visando a eliminação de preconceitos baseados na ideia de “superioridade” ou “inferioridade” de qualquer dos sexos ou em funções estereotipadas de homens e mulheres, com a finalidade de modificar práticas enraizadas na sociedade.

O artigo 13 afirma que os Estados-Partes devem adotar medidas apropriadas para eliminar a discriminação contra a mulher em todas as esferas da vida econômica e social, a fim de assegurar, em condições de igualdade entre homens e mulheres, os mesmos direitos, entre eles, “o direito a participar em atividades de recreação, esportes e em todos os aspectos da vida cultural” sem constrangimentos.

O artigo 10 estabelece que os Estados devem adotar medidas apropriadas para eliminar a discriminação contra as mulheres, a fim de assegurar-lhes a igualdade de direitos com o homem na esfera da educação e, em particular, para assegurarem condições de igualdade entre homens e mulheres: “as mesmas oportunidades para participar ativamente nos esportes e na educação física”.

Na área das ciências sociais, as pesquisas voltadas para sociologia do esporte relacionadas aos estudos de gênero e mídia focadas no desenvolvimento de estereótipos das mulheres envolvidas são relevantes na medida em que elevam os estudos de sociologias específicas a novos e mais altos patamares de legitimação acadêmica, em um meio onde há a supervalorização de temas sensacionalistas e que hierarquiza temas como se as problemáticas diversas não estivessem inter-relacionadas e, portanto, influenciando-se mutuamente em sociedade.

o caráter de fenômeno ‘sócio-econômico’ de um evento não é algo que lhe seja ‘objetivamente’ inerente. Pelo contrário, ele está condicionado pela orientação do nosso *interesse* de conhecimento, e essa orientação define-se conforme o significado cultural que atribuímos ao evento em questão em cada caso particular. Sempre que um evento da vida cultural vincula-se direta ou indiretamente àquele fato básico, através daqueles elementos da sua especificidade nos quais repousa para nós o seu *significado* próprio, ele contém ou pelo menos envolve uma tarefa para uma disciplina que toma por objeto a pesquisa do alcance do fato básico apontado acima. (WEBER, 2003, p.79)

Weber (2003) trabalha a noção de “objetividade” com a proposta de não tomar o termo como algo já dado, problematizando a noção positivista, segundo a qual, o conhecimento científico pode ser isento de valores e constituir um reflexo fidedigno da

realidade. Para o autor, o conhecimento sociológico não reflete a realidade societária, mas sim um ordenamento conceitual dela para fins específicos.

Livres do preconceito obsoleto de que a totalidade dos fenômenos culturais pode ser deduzida como produto ou como função de determinadas constelações de interesses “materiais”, cremos, no entanto, que a análise dos fenômenos sociais e dos processos culturais da perspectiva especial do seu condicionamento e alcance econômico foi um princípio científico de fecundidade criadora, e continuará a sê-lo, enquanto dele se fizer uso prudente e livre de coibições dogmáticas. (WEBER, 2001, p. 121)

Ao afirmar que “o domínio do trabalho científico não tem por base a conexão ‘objetiva’ entre as coisas, mas as conexões conceituais entre os problemas” (WEBER, 2003, p. 83), o sociólogo distancia o escopo de atuação das ciências sociais do paradigma positivista. Weber, dentro da sua metodologia, não considera os fenômenos sociais independentes do contexto social; o que há são conexões conceituais entre eles. Daí a escolha pela metodologia weberiana na realização deste estudo, considerando a interdisciplinaridade presente no objeto, com a correlação de fenômenos e problemas ligados às humanidades e às ciências sociais aplicadas, mais especificamente às áreas da sociologia, estudos de gênero, comunicação e esporte.

O que chamamos de cultura são apenas aqueles componentes que se tornam significativos para a vida social.

“O conceito de cultura é um *conceito de valor*. A realidade empírica é ‘cultura’ para nós porquê e na medida em que a relacionamos a ideias de valor. Ela abrange aqueles e *somente* aqueles componentes da realidade que através desta relação tornam-se *significativos* para nós”. (WEBER, 2003, p. 92).

Não há possibilidade de análise puramente objetiva da vida cultural e dos fenômenos sociais que seja independente das perspectivas do pesquisador, implícitas ou explícitas, conscientes ou inconscientemente selecionadas. Há casos em que as perspectivas são colocadas implicitamente ou inconscientemente, quando os pesquisadores acreditam na realização de um trabalho neutro, mas acabam influenciados pelas suas posições e perspectivas.

Não existe qualquer análise científica puramente ‘objetiva’ da vida cultural, ou – o que pode significar algo mais limitado, mas seguramente não essencialmente diverso, para nossos propósitos – dos ‘fenômenos sociais’, que seja independente de determinadas perspectivas especiais e parciais, graças às quais estas manifestações possam ser, explícita ou implicitamente,

consciente ou inconscientemente, selecionadas, analisadas e organizadas na exposição, enquanto objeto de pesquisa (WEBER, 2003, p. 87)

Pelo método de Weber, é na atuação do indivíduo em sociedade que se encontram as características sociais. Ele afirma, por exemplo, que a psicologia deveria cumprir, nas ciências humanas, o papel realizado pela matemática nas ciências exatas, em decompor os fenômenos sociais em suas condições e efeitos psíquicos, os mais simples possíveis, classificá-los e analisar suas relações.

Colocar em foco as bases conceituais entre os problemas não significa, no entanto, deixar de lado a realidade. A análise baseia-se nas relações conceituais e aparecem na realidade na forma da ação individual. Ao fazer isso, é permitido ao pesquisador observar, em última instância, a configuração da realidade.

Não há qualquer dúvida de que o ponto de partida do interesse pelas ciências sociais reside na configuração *real* e, portanto, individual da vida sócio-cultural que nos rodeia, quando queremos apreendê-la no seu contexto *universal*, nem por isso menos *individual*, e no seu desenvolvimento a partir de outros estados sócio-culturais, naturalmente individuais também. (WEBER, 2003, p. 89)

Quebrar o fenômeno social nas suas menores partes (fatores psíquicos) é analisar o papel de cada uma dessas etapas para a formação do todo. Não significa que o pesquisador trabalha de maneira individual ou solitária, mas que seu método enfoca o indivíduo, que é importante para a análise. No caso da presente pesquisa, é delimitado um trecho da realidade social, definido como relevante para a sociedade. Se fossem avaliados todo o conjunto da realidade social, chegaríamos a um caos teórico, existencial.

Segundo Mills (1982), a imaginação sociológica é a capacidade de relacionar biografia com história ligada a um contexto amplo, envolvendo questões políticas, sociais e econômicas. Não se pode analisar a atuação de um determinado indivíduo ou grupo social deixando de lado o cenário ao qual este indivíduo ou grupo está envolvido. Daí a perspectiva da cobertura midiática do futebol feminino nos jogos olímpicos realizada pela imprensa, partindo do pressuposto de que o problema ultrapassa o campo da ação individual do jornalista e exerce influência nas análises críticas em geral. A questão não pode ser vista como fato isolado e sim como um problema social, uma vez que não atinge somente as mulheres, mas toda a forma de

configuração da sociedade, possivelmente contribuindo para o aumento da diferença de gênero. A partir do conceito, é possível realizar uma leitura e compreensão ampla do estudo, interligando fatos históricos e a realidade social dos países envolvidos na análise.

“O que precisam [...] é uma qualidade de espírito que lhes ajude a usar a informação e desenvolver a razão, a fim de perceber, com lucidez, o que está ocorrendo no mundo e o que pode estar acontecendo dentro deles mesmos. É essa qualidade, afirmo, que jornalistas e professores, artistas e públicos, cientistas e editores estão começando a esperar daquilo que poderemos chamar de imaginação sociológica.” (MILLS, 1975, p.11)

A pesquisa em questão conecta o particular ao universal e o prático ao teórico, no esforço de contribuir na compreensão da trajetória da sociedade e seus problemas estruturais, auxiliando atores sociais na disputa da consciência sobre os conceitos nos quais estão fundados os conflitos modernos. A imaginação sociológica ajuda a filtrar, avaliar e refletir sobre o que vemos e ouvimos, além de ajudar a contextualizar as nossas próprias experiências. Auxilia a reflexão sobre por que agimos como agimos e a identificar problemas e injustiças a partir dos questionamentos sobre se os problemas são pessoais ou sociais e como eles estão relacionados, instrumentalizando, por meio da ciência, os atores em suas vidas particulares e seus cenários sociais mais amplos.

No caso das ciências sociais, é necessário entender a vida cultural como produzida, onde existem sentidos passíveis de compreensão e que podem ser relacionados conceitualmente. É importante reconhecer que essa compreensão não está no tecido objetivo da realidade, mas consiste em uma abstração da mesma, como ocorre a respeito tanto dos estudos do gênero quanto às temáticas sobre o esporte. Relacioná-los, portanto, é exercício fecundo para as ciências sociais e humanas, para que se compreenda em que termos foram construídas as bases da desigualdade de gênero, considerando o significado cultural atribuído aos fenômenos sociais problematizados e analisados neste estudo e o interesse da pesquisadora, voltado ao empoderamento feminino por meio do esporte (ALMEIDA; BANDEIRA; KÜCHEMANN, 2015, p. 77), levando em conta os parâmetros fundadores de uma ciência eurocêntrica, branca, androcêntrica, heteronormativa e elitista.

A relevância teórica e prática afirma-se na medida em que se alinha em interesse aos estudos voltados para a sociologia do esporte e suas formas de abordagem das questões de gênero, somadas à difusão midiática de discursos capazes de reproduzir imagens estereotipadas e de pautar a visão da sociedade sobre o futebol feminino.

Como a imprensa media a publicização de fatos considerados de interesse público, constituindo-se como um dos mais importantes meios de informação das sociedades ocidentais democráticas.

Os veículos de comunicação de largo alcance atuam como formadores de opinião pública, sendo assim responsáveis pela disseminação de produtores sociais de diferenças, ratificando ou ressignificando a imagem de minorias e movimentos sociais.

Outra questão a ser considerada, é que o esporte é uma “matéria-prima” favorável ao processo de espetacularização televisiva, pela sua imprevisibilidade, beleza, velocidade, pelo drama humano que enseja vitórias e derrotas, entre outros. A espetacularização resulta da construção de uma realidade textual-imagética relativamente autônoma face à prática “real” do esporte por meio da codificação e mediação dos eventos esportivos efetuadas pelo enquadramento das câmeras, edição das imagens, comentários, sons, efeitos gráfico-computacionais que se acrescentam a elas e que estabelecem condições para a interpretação do telespectador. Tal realidade textual-imagética pode ser denominada “esporte-teleespetáculo” e é razoável afirmar que o interesse principal da televisão (e dos meios de comunicação em geral) é “vender” o esporte como espetáculo e não incentivar a prática esportiva. (BETTI, 1997, p. 37)

Nesse contexto, o termo empoderamento<sup>12</sup> pode ser conceituado como a capacidade de um indivíduo ou um grupo de ter controle sobre o que lhes afeta, tomando, com a maior autonomia possível, as suas decisões e provocando mudanças nas relações de poder, como é o caso das jogadoras de futebol.

---

<sup>12</sup> Aprofundando um pouco mais, Antunes (2002, p. 97), esclarece que o conceito surgiu com os movimentos de direitos civis nos Estados Unidos nos anos 1970 (originalmente, *empowerment*), mas começou a ser utilizado pelo movimento feminista ainda nesta década, já significando a alteração dos processos e estruturas que reduziam as mulheres a uma posição subordinada.

## 2. GÊNERO, RELAÇÃO DA MULHER COM O FUTEBOL E ESPORTE COMO DIREITO HUMANO

A reunião de temáticas clássicas das ciências sociais como, por exemplo, ( trabalho, violência, pensamento social, religião, meio ambiente, educação, dentre outras, requer análises profundas e transversais em torno de suas confluências, que abrem possibilidades para que se modifiquem conceitos, métodos ou técnicas de pesquisa, epistemes e se produzam “reflexões e intervenções permanentemente autocríticas e distintas daquelas consideradas mantenedoras do *status quo* e da desigualdade de gênero nas ciências.” (ALMEIDA; BANDEIRA; KÜCHEMANN, 2015, p. 79).

Vale lembrar que há particularidades passíveis de atenção no caso da transversalidade das categorias gênero e esporte, fazendo-se útil considerar o contexto dinâmico das sociedades ocidentais gerado pelas transformações sociais a partir dos anos 1960. Neste sentido, Almeida, Bandeira e Küchemann (2015) apontam noções sobre as mudanças das relações sociais na modernidade e suas consequências para os referenciais norteadores das atuais estruturas societárias:

A chamada ‘crise de identidade’ é vista como parte de um processo mais amplo de mudança, que está deslocando as estruturas e os processos centrais das sociedades modernas e abalando os quadros de referência teórica que davam aos indivíduos uma pseudo-ancoragem estável no mundo social (HALL, 1997; GIDDENS, 1991). O sujeito contemporâneo não possui uma identidade fixa, seja ela imanente como a noção de sexo biológico ou apoiada em processos de estruturação social. Diferentes identidades são assumidas em diferentes momentos, não se unificando ao redor de uma concepção de ‘eu’ coerente, tal qual o ‘eu mulher’. Por ser o indivíduo, na verdade, fragmentado, seu sentido de identificação está constantemente sendo deslocado e sua identidade constituindo-se permanentemente no plano político. Isso ocorre num momento histórico no qual se multiplicam sistemas de significação e representação cultural. O sujeito assim confrontado com uma multiplicidade de referenciais de identidades possíveis perde segurança existencial, pois há uma gama de identidades que poderia lhe servir, pelo menos circunstancialmente. (ALMEIDA; BANDEIRA; KÜCHEMANN, 2015, p. 76).

Entre as novas formas de individualismo e de sujeito individual trazidas pela modernidade e apontadas por Hall (1997), ocorreram também notáveis “mudanças nos paradigmas de construção da ciência” que fizeram surgir “vozes de novos sujeitos sociais, dentre eles as mulheres” (ALMEIDA; BANDEIRA; KÜCHEMANN, 2015, p. 72), mesmo que os estudos dessas áreas possam, por vezes, entre outros temas, serem desqualificados como supérfluos às questões sobre o ser humano. De acordo com

Segato e Küchemann (2010), estes estudos são estruturais e não acessórios, agregados, aspectos particulares face ao geral que podem ou não ser introduzidos à análise geral (2010, *apud* ALMEIDA; BANDEIRA; KÜCHEMANN, 2015, p.77).

Sendo assim, para analisarmos a questão com abrangência e observar se a relação das mulheres com o futebol é afetada pela desigualdade de gênero, foi realizado levantamento bibliográfico para a compreensão das categorias envolvidas, com destaque para documentos e estudos de autores que discutem noções, definições ou conceitos sobre o significado de mulher, feminino e gênero.

Tendo como ponto de partida os estudos de Beauvoir (1991), é possível afirmar que, para a filósofa francesa, o homem não define a mulher de forma autônoma, apenas relativiza-a quanto ao masculino, isto porque o homem pode ser pensado sozinho. Para Benda (1946), a mulher não é pensada sem o homem, posto que ela não é nada senão o que o homem decide que seja. Neste sentido, Virginia Woolf (2004) questiona:

As mulheres serviram por todos estes séculos como espelhos possuindo o mágico e delicioso poder de refletir a figura do homem com o dobro do seu tamanho natural. (...) O que é uma mulher? Eu lhes asseguro, eu não sei. Não acredito que vocês saibam. Não acredito que alguém possa saber até que ela tenha se expressado em todas as artes e profissões abertas à habilidade humana. (WOOLF, 2004, p. 57)

Na visão de Judith Butler, as representações política e linguística já apresentariam o binarismo homem e mulher, e caberia aos sujeitos apenas adequar-se, sendo que apenas o que conseguissem fazê-lo obteriam representação política. Essa seria a razão pela qual as mulheres não deveriam buscar adentrar nessa categoria de sujeito e sim romper os critérios dessa regulação.

Segue, para tanto, o pensamento foucaultiano, para quem o poder cria os sujeitos que o representarão. Butler reconhece, porém, a necessidade de que se mantenha a categoria “mulher”, por imperativo da política feminista.

Haveria, portanto, uma falsa estabilidade da categoria mulher, devendo-se encontrar uma forma de interrogar a constituição de determinado indivíduo sem que seja preciso recorrer a uma identificação normativa que recaia no sexo binário.

Como as desigualdades de gênero penetram em todas as esferas da vida, as estratégias feministas envolvem um enfrentamento da posição subordinada das mulheres tanto dentro das instituições do Estado como da sociedade civil. A força por

trás da teoria e da prática feminista no período do pós-guerra tem sido seu compromisso de erradicar desigualdades derivadas da noção de diferença sexual inerente a teorias biologicamente deterministas, que explicam a posição social das mulheres como resultado de diferenças inatas. Apesar de evidência de que as “diferenças dos sexos” no comportamento cognitivo entre crianças são pequenas e a semelhança psicológica entre homens e mulheres é muito grande, a pesquisa para estabelecer diferenças inatas prossegue. As feministas, é claro, não ignoram a biologia das mulheres, mas questionam ideologias que constroem e representam a subordinação das mulheres como resultado de suas capacidades biológicas (BRAH, 2006).

Há que se destacar que a própria categorização e separação de modalidades esportivas por sexo reflete o binarismo dos corpos referente ao imperativo heterossexual. Recentemente, a questão se tornou polêmica pelo destaque dado à jogadora Tiffany Abreu, primeira transgênero a atuar na Superliga Feminina de vôlei, fato que gerou revolta de algumas adversárias, que alegaram que ela, por ter “nascido homem”, teria alguma vantagem sobre as demais jogadoras.<sup>13</sup>

O Comitê Olímpico Internacional (COI) permitiu, pela primeira vez, nas Olimpíadas de 2016, a participação de transgênero sem que tivesse sido realizada cirurgia de transgenitalização, exigindo, entretanto, de pessoas que “passaram do gênero masculino para o feminino” que fosse observado um nível máximo de testosterona e que a atleta se declarasse como “pertencente ao gênero feminino” há pelo menos quatro anos. Por outro lado, para quem tivesse “passado do gênero feminino para o masculino”, não foi feita qualquer exigência. Apreende-se, assim, que as exigências, por si só, indicam a visão de que há uma vantagem dos homens sobre as mulheres na prática desportiva, sem que seja feita ressalva de modalidade.

Sobre a necessidade de redimensionar as configurações binárias que pautam a atividade esportiva, nos fala Araújo (2012):

O esporte, não alheio à conjuntura social que o abarca, identifica (mesmo que com resistência) tais questionamentos e descentramentos em seu campo que possibilitam uma complexificação das posições binárias e maniqueístas em torno do gênero e sexualidade dos sujeitos/atletas. Contudo, destacamos a resistência do fenômeno esportivo a essa nova demanda por compreender que esta desestabiliza a prática esportiva, inclusive, em sua clássica forma

---

<sup>13</sup> Disponível em: [https://brasil.elpais.com/brasil/2018/01/27/deportes/1517010172\\_234948.html](https://brasil.elpais.com/brasil/2018/01/27/deportes/1517010172_234948.html).

de organização das modalidades por categoria e gênero. (ARAÚJO, 2012, p. 68)

Butler (1993) retoma o conceito de “ideal regulatório”, de Foucault, para debater sobre a ideia de diferença sexual, adotada nesta pesquisa. Ela observa a materialização da categoria sexo através do tempo, apontando para a formulação de um constructo ideal forçosamente elaborado com base em normas regulatórias.

A diferença sexual, entretanto, não é, nunca, simplesmente, uma função de diferenças materiais que não sejam, de alguma forma, simultaneamente marcadas e formadas por práticas discursivas. Além disso, afirmar que as diferenças sexuais são indissociáveis de uma demarcação discursiva não é a mesma coisa que afirmar que o discurso causa a diferença sexual. A categoria do ‘sexo’ é, desde o início, normativa: ela é aquilo que Foucault chamou de ‘ideal regulatório’. Nesse sentido, pois, o ‘sexo’ não apenas funciona como uma norma, mas é parte de uma prática regulatória que produz os corpos que governa, isto é, toda força regulatória manifesta-se como uma espécie de poder produtivo, o poder de produzir — demarcar, fazer, circular, diferenciar — os corpos que ela controla. Assim, o ‘sexo’ é um ideal regulatório cuja materialização é imposta: esta materialização ocorre (ou deixa de ocorrer) através de certas práticas altamente reguladas. Em outras palavras, o ‘sexo’ é um constructo ideal que é forçosamente materializado através do tempo. Ele não é um simples fato ou a condição estática de um corpo, mas um processo pelo qual as normas regulatórias materializam o ‘sexo’ e produzem essa materialização através de uma reiteração forçada destas normas. O fato de que essa reiteração seja necessária é um sinal de que a materialização não é nunca totalmente completa, que os corpos não se conformam, nunca, completamente, às normas pelas quais sua materialização é imposta. Na verdade, são as instabilidades, as possibilidades de rematerialização, abertas por esse processo, que marcam um domínio no qual a força da lei regulatória pode se voltar contra ela mesma para gerar rearticulações que colocam em questão a força hegemônica daquela mesma lei regulatória (BUTLER apud LOURO, 2000, p. 109).

Para Scott (1995), para se chegar a uma análise autêntica, é preciso rejeitar “o caráter fixo e permanente da oposição binária” por meio da historicização e da desconstrução autêntica dos termos da diferença sexual, distinguindo o vocabulário de análise e o material a ser analisado. Desta forma, é possível encontrar os meios, mesmo que estes sejam imperfeitos, de submeter a análise à crítica ou à autocrítica. A autora invoca a definição de desconstrução de Jacques Derrida (1992) para explicar que a crítica “significa analisar no seu contexto a maneira como opera qualquer oposição binária, revertendo e deslocando a sua construção hierárquica, em lugar de aceitá-la como real, como óbvia ou como estando na natureza das coisas” (SCOTT, 1995, p. 18-19).

Derrida (1992, p. 115) questiona as oposições binárias e metafísicas, inclusive a que opõe masculino e feminino, o que abre espaço para a perguntas sobre a

dualidade dos sexos. O autor discorre sobre as características e peculiaridades da diferença sexual a partir de sua leitura de Heidegger, filósofo que, para Derrida, considerava que a diferença sexual deveria ser tratada como antropológica, sociológica ou biológica por não estar “à altura” da diferença ontológica. No pensamento heideggeriano, a diferença ontológica – que distingue ser e ente – aparece como a diferença mais significativa, acima de qualquer outro conceito ou instância de diferenças.

Butler (2013) questiona se existe alguma região do “especificamente feminino” diferenciada do masculino e reconhecível em sua diferença por uma universalidade indistinta, e conseqüentemente presumida, das mulheres, concepção que auxilia na ideia da construção discursiva do sujeito do feminino.

A noção binária de masculino/feminino constitui não só a estrutura exclusiva em que essa especificidade pode ser reconhecida, mas de todo modo a “especificidade” do feminino é mais uma vez totalmente descontextualizada, analítica e politicamente separada da constituição de classe, raça, etnia e outros eixos da relação de poder, os quais tanto constituem a “identidade”, como tornam equívoca a noção singular de identidade. É minha sugestão que as supostas universalidade e unidade do sujeito do feminismo são de fato minadas pelas restrições do discurso representacional em que funcionam (BUTLER, 2013, p. 21).

O movimento feminista ressurgiu em um momento histórico em que outros movimentos de libertação denunciavam a existência de formas de opressão que não se limitavam ao econômico (ALVES; PITANGUY, 2007).

Resumidamente, podemos evocar as “três ondas” ou três etapas de articulação da crítica feminista às desigualdades de poder nas relações sociais marcadas por gênero. A “primeira onda” do feminismo, na virada do século XIX para o XX, seria caracterizada pelo “sufragismo” e reivindicações universalistas de conquista de direitos, oportunidade de estudo e profissionais. A “segunda onda”, no fim da década de 1960 e nos anos 1970, que enfatiza processos psíquicos e culturais profundos nos quais estaria enraizada uma suposta opressão das mulheres a partir de conceitos sociológicos de gênero, para mudar o significante da diferença sexual, que servirão como chave de novas interpretações da diferença nas relações entre homens e mulheres.

A exclusividade masculina sobre o tema do futebol parece obedecer à ordem compulsória sobre sexo e gênero discutida por Butler (2013). A filósofa debate como os estudos de gênero demonstram que a cultura é determinante para a

performatividade dos indivíduos, que agem de acordo com características biológicas pré-concebidas.

A performatividade não é, assim, um "ato" singular, pois ela é sempre uma reiteração de uma norma ou conjunto de normas. E na medida em que ela adquire o status de ato no presente, ela oculta ou dissimula as convenções das quais ela é uma repetição. Além disso, esse ato não é primariamente teatral; de fato, sua aparente teatralidade é produzida na medida em que sua historicidade permanece dissimulada. (BUTLER, 2000, p. 121).

Talvez o sexo sempre tenha sido o gênero, de tal forma que a distinção entre sexo e gênero se revela absolutamente nenhuma (...). O gênero não está para a cultura como o sexo para a natureza; ele também é o meio discursivo/cultural pelo qual a "natureza sexuada" ou "um sexo natural" é produzido e estabelecido como "pré-discursivo", anterior à cultura, uma superfície politicamente neutra sobre a qual age a cultura (BUTLER, 2013, p. 24-25).

Em alguns lugares do mundo, o senso comum<sup>14</sup> define, pelo sexo, qual profissão ou personalidade um indivíduo terá como destino. Por exemplo, nesse contexto, o balé é classificado como uma "prática para as mulheres", enquanto o futebol seria "um esporte para homens", corroborando uma dualidade masculino/feminino que é problemática para a desconstrução dos papéis sociais.

A exclusividade masculina sobre o futebol, sob justificativas biológicas e culturais, é um dos exemplos do uso de estratégias culturais e simbólicas para a manutenção do estado de dominação. Bourdieu (1998) discute a questão a partir de uma perspectiva da violência simbólica, conceito que compreende a violência exercida com a cumplicidade tácita do ofendido, que, por sua vez, com frequência a exerce inconscientemente sobre terceiros. Isso se dá porque essa violência toma por base o reconhecimento de uma imposição de critérios e padrões do discurso dominante, do qual o sujeito faz parte sem conseguir percebê-lo.

---

<sup>14</sup> O termo senso comum aqui utilizado trata do conhecimento adquirido através de ações não planejadas, instintivas, espontâneas, subjetivas, acríicas, permeadas pelas opiniões, emoções e valores de quem o produz. Assim, o senso comum varia de acordo com o conhecimento relativo da maioria dos sujeitos num determinado momento histórico. Um dos exemplos de senso comum mais conhecido foi o de considerar que a Terra era o centro do Universo e que o Sol girava em torno dela. Galileu ao afirmar que era a Terra que girava em volta do Sol quase foi queimado pela Inquisição. Portanto, o senso comum é uma forma específica de conhecimento. A cultura popular é baseada no senso comum. Apesar de não ser sofisticada, não é menos importante sendo crescentemente reconhecida (GERHARDT; SILVEIRA, 2009, p. 13).

Nesse ponto, importa discutir o conceito de *habitus*, elemento estruturado nos meios sociais e estruturante de ações e representações individuais e coletivas. Ele se apresenta como um conjunto de princípios geradores de práticas sociais, gerador e unificador, que retraduz as características intrínsecas e relacionais de uma posição em um estilo de vida unívoco, isto é, em um conjunto unívoco de escolhas de pessoas, de bens, de práticas (BOURDIEU, 1996, p. 21-22). Conclui-se, assim, que as práticas movidas pelo *habitus* resultam em relações de força que se naturalizam no pensamento social e sustentam a ideia de dominação, denunciando um modo de pensar baseado em dicotomias e oposições e que reflete na forma dominante de ver o corpo biológico.

O corpo biológico socialmente modelado é um corpo politizado, ou se preferimos, uma política incorporada. Os princípios fundamentais da visão androcêntrica do mundo são naturalizados sob a forma de posições e disposições elementares do corpo que são percebidas como expressões naturais de tendências naturais. (BOURDIEU, 1998, p. 156)

A própria socialização dos corpos está atingida por essas noções. Assim como na noção de masculino e feminino, o mesmo se opera quanto às ideias dicotômicas entre alto e baixo, rico e pobre, branco e preto, etc. Bourdieu (1998) continua:

Se as mulheres, que são submetidas a um trabalho de socialização que tende a diminuí-las, a negá-las, fazem a aprendizagem das virtudes negativas da abnegação da resignação e do silêncio, os homens também estão prisioneiros e, sem perceberem vítimas da representação dominante. (BOURDIEU, 1998, p. 63).

Para o autor, existe, ainda, uma dominação masculina historicamente estruturada, muito difícil de ser rompida e com frequência naturalizada por quem está sujeito a ela. Importante destacar ainda que essa dominação opera na socialização de homens e mulheres, uma vez que é estrutural.

É necessário lembrar a tensão existente entre o pensamento de Bourdieu e Butler. Em uma reedição da obra *A Dominação Masculina*, o autor francês acrescenta uma crítica aberta à teoria desenvolvida pela filósofa norte-americana, no que diz respeito, mais especificamente, à possibilidade da performatividade alcançar mudanças relevantes em uma relação de dominação socialmente estruturada e estruturante. Em alguns momentos do texto, ele faz uma alusão nominal direta a

Butler, discordando que o trabalho de construção simbólica se reduza a operações performativas. Segue o trecho:

É contra [...] forças históricas de des-historicização que deve orientar-se, prioritariamente, uma iniciativa de mobilização visando repor em marcha a história, neutralizando os mecanismos de neutralização da história. Esta mobilização marcadamente política, que abriria às mulheres a possibilidade de uma ação coletiva de resistência, orientada no sentido de reformas jurídicas e políticas, opõe-se tanto à resignação a que encorajam as visões essencialistas (biologistas e psicanalíticas) da diferença entre os sexos quanto à resistência reduzida a atos individuais ou a estes *happenings* discursivos sempre recomeçados que preconizam certas doutrinas teóricas feministas: estas rupturas heroicas da rotina cotidiana, como as “*parodic performances*” tão caras a Judith Butler, exigem, sem dúvida, demais para um resultado muito diminuto e demasiado incerto. (BOURDIEU, 1999. p. 5).

Os argumentos biológicos são um discurso comumente utilizado para afastar a mulher do futebol. Segundo Faria Júnior (1995, *apud* SOUZA JR; DARIDO, 2002, p. 2), Ballariny (1940), da Escola de Medicina, afirmou que o futebol era um esporte violento e prejudicial ao corpo feminino, podendo até causar danos permanentes aos órgãos reprodutores da mulher. Ele acreditava ainda que a prática do futebol masculinizava o corpo das mulheres, desenvolvendo pernas mais grossas, tornozelos mais rechonchudos, joelhos deformados. Outro argumento utilizado à época para contraindicar o futebol feminino era a ocorrência de lesões mamárias. No campo psíquico, o futebol é considerado como um agravante do “espírito agressivo e combativo”, qualidades consideradas incompatíveis com o que se julga ser “o gênio e o caráter femininos”.

No que tange à discussão acerca da corporalidade, Michel Foucault (1989) entende o corpo como expressão e sustentáculo das relações de poder/saber, ressaltando-o como realidade política, biológica e histórica. Simultaneamente, o autor define o corpo como superfície modelável ao longo da história, que pode ser alterada, docilizada e transformada por técnicas disciplinares através da biopolítica e do biopoder, conceitos trazidos em *A Vontade de Saber*, primeiro volume da *A História da Sexualidade*.

Foucault afirma que “foi no biológico, no somático, no corporal, que antes de tudo investiu a sociedade capitalista. O corpo é uma realidade biopolítica” (Foucault, 1989, p. 82). O corpo social, ao longo dos tempos, se consolida como algo fabricado, influenciado por uma “docilização calculada”, esquadrinhado em cada função corpórea, com fins de automatização.

Le Breton (2003, p. 27) ressalta ainda a possibilidade de alteração e reconstrução do corpo construído. Torna-se uma representação provisória, “uma construção, uma instância de conexão, um terminal, um objeto transitório e manipulável e suscetível de muitos aparelhamentos”.

Para que se torne possível compreender o alcance da dominação masculina e dos aspectos biopolíticos ilustrados por Foucault na forma de perceber o futebol feminino, é preciso analisar o conceito de gênero, partindo de Joan Scott. Neste sentido, a autora discute o gênero relacionado e subordinado às relações de poder:

A exploração dessas perguntas fará emergir uma história que oferecerá novas perspectivas a velhas questões (como por exemplo, é imposto o poder político, qual é o impacto da guerra sobre a sociedade), redefinirá as antigas questões em termos novos (introduzindo, por exemplo, considerações sobre a família e a sexualidade no estudo da economia e da guerra), tornará as mulheres visíveis como participantes ativas e estabelecerá uma distância analítica entre a linguagem aparentemente fixada do passado e nossa própria terminologia. Além do mais, essa nova história abrirá possibilidades para a reflexão sobre as estratégias políticas feministas atuais e o futuro (utópico), porque ela sugere que o gênero tem que ser redefinido e reestruturado em conjunção com a visão de igualdade política e social que inclui não só o sexo, mas também a classe e a raça. (SCOTT, 2002, p. 29)

À luz de Derrida e sob influências de Michel Foucault, a historiadora demarcou uma leitura pós-estruturalista do conceito, numa tentativa de desconstruir a oposição até então tida como universal e atemporal entre homem e mulher. Haraway (2004) entende haver uma relação imbricada entre gênero e relações de poder, na qual aquele se constituiria na primeira maneira de dar sentido a estas, se constituindo assim em uma percepção sobre as diferenças sexuais, hierarquizadas em uma maneira de pensar binária e rígida.

Ela afirma que existem diferenças entre os corpos sexuados, mas o que de fato a interessa são as formas como se constroem significados e são dados sentidos culturais para essas diferenças, o que tem como consequência o posicionamento dentro de relações hierárquicas. Os signos e significados relacionados à diferença sexual constituem o processo de leitura e compreensão dos universos observados, incluindo as relações sociais, sobretudo entre homens e mulheres (CARVALHO, 2011).

Haraway trouxe, pela primeira vez, para a discussão do conceito, a análise conjunta de sexo, gênero e classe ao tentar definir o termo como verbete para um dicionário marxista e afirmou ser necessário que as teorias feministas implodissem as oposições binárias e universalizantes para dar origem a teorias da corporificação articuladas, nas quais a natureza não fosse vista necessariamente como um recurso para a cultura ou o sexo para o gênero.

O uso do termo teorias feministas, no plural, se dá no contexto do pós-feminismo, que traduz a existência de uma multiplicidade de feminismos, reconhecendo o fator da diferença como uma recusa da hegemonia de um tipo de feminismo sobre outro, sem, no entanto, reificar ou “fetichizar” o próprio conceito de diferença.

Ao analisar politicamente o termo gênero, Haraway (2004) afirmou:

“(...) cada condição de opressão requer análise específica que recusa a separação, mas insiste na não identidade de raça, sexo e classe. Essas questões tornam perfeitamente claro porque uma teoria feminista de gênero adequada deve simultaneamente ser uma teoria da diferença racial nas condições históricas específicas de produção e reprodução. Também tornam claro porque uma teoria e uma prática da sororidade não podem estar apoiadas em posicionamentos compartilhados num sistema de diferença sexual e no antagonismo estrutural entre categorias coerentes chamadas mulheres e homens consideradas transculturalmente. Por último, tornam claro também porque a teoria feminista produzida pelas mulheres de cor construiu discursos alternativos sobre a mulher que disromperam o humanismo de várias tradições discursivas ocidentais.” (HARAWAY, 2004, p. 243-244)

No campo das ciências sociais, Eric Dunning (2014), afirma que, nos últimos anos, principalmente após os movimentos feministas, tornou-se cada vez mais evidente que a sociologia surgiu como uma disciplina com pressupostos patriarcais. Para entender essa afirmação, cabe registrar algumas observações sobre patriarcado.

Weber (2009) enquadrou o patriarcado dentro do seu conceito de dominação tradicional, onde a dominação se configuraria na probabilidade de encontrar obediência a um determinado mandato, podendo-se encontrar diversas razões para essa subordinação. Para ele, na dominação patriarcal, a associação dominante é de caráter comunitário, ou seja, atribui-se o poder a um pai, chefe de família e ao seu domínio da comunidade.

Esse conceito, todavia, foi relido por autoras feministas. Saffioti (2004) se alinha às pesquisas de Pateman e Walby e aponta que o conceito de patriarcado não deve ser deixado de lado para que se utilize apenas o de gênero, vez que isso

significaria operar segundo a ideologia patriarcal, que torna natural essa dominação-exploração. Acrescenta ainda que o patriarcado configura-se em um tipo hierárquico de relação, representando uma estrutura de poder baseada tanto na ideologia quanto na violência.

Comte (1853, apud DUNNING, 2014, p. 234), por exemplo, que inventou o termo “sociologia”, considerava as mulheres “intelectualmente inferiores” aos homens e acreditava que a família deve se basear na dominação do marido. Pressupostos não diferentes podem ser encontrados na obra de Durkheim (1952, apud DUNNING, 2014, p. 234) e continuam – embora menos explícitos – a permear contribuições mais modernas à disciplina, por vezes sem observações quanto à questão.

A relevância dos estudos voltados ao esporte encontra referências também nos estudos antropológicos. No futebol, o indivíduo é integrante de uma comunidade – a sua torcida –, pertencente a um coletivo que transcende a racionalidade, similar às conversões da esfera religiosa (Durkheim, 1996). Sobre ele é exercida uma força que advém da noção de pertencimento a uma multidão (Turner, 1974), baseada no envolvimento emocional. Outra possibilidade antropológica diz respeito à utilização de totens, que fazem referência e diferenciam os clubes entre si, como um sistema de identificações. Por vezes são utilizadas nomenclaturas, bandeiras, símbolos, em alguns casos relacionados a animais, aludindo a uma forma de representação totêmica que remete aos clãs, como comunidades compartilhadas. É importante fazer uma opção, engajar-se e seguir algumas regras rígidas e arbitrárias. A interpretação destes simbolismos associados ao futebol é essencial ao entendimento das emoções ligadas dos torcedores (LÉVI-STRAUSS, 1975).

No que diz respeito aos atletas, há o que se discutir no que concerne às noções de dom/dádiva, conduzindo os conceitos de dom como sinônimo de talento e depois como dádiva, relacionando-os, ainda, com a noção de *habitus*, de Bourdieu. Outra questão seria acerca das teorias da reciprocidade, abordando as concepções de *hau* e *mana* a partir de Mauss e Lévi-Strauss sobre os “ganhos advindos do dom” de jogar bola.

No caso de ser percebido como sinônimo de talento, o dom “equivale a uma predisposição inata, algo que está no sujeito e pode ser aperfeiçoado”. Como dádiva, o dom “equivale a uma predisposição que, além de inata, é herdade, razão pela qual comporta a noção de dádiva”, como quando os atletas dizem que jogar bola foi um dom que Deus deu a eles. Damo explica que o “mito indígena do dom do boxeador é

uma ilusão fundada na realidade: o que os boxeadores tomam como uma qualidade da natureza – ‘é preciso que você tenha isso em você’ – é, na verdade, essa natureza particular que resulta do longo processo de inculcar o que ele chama de ‘habitus pugilístico’, processo que muitas vezes começa desde a mais tenra infância”. Na concepção de Mauss, o *hau*, expressão Maori equivalente ao “espírito da coisa” estaria na origem do dever de retribuição, de retornar a coisa dada ao seu lugar de origem. Para Lévi-Strauss, *mana* é, além de uma força ou um ser, uma ação, qualidade ou estado. (DAMO, 2007, p. 185-190)

A prática esportiva constituiu-se, ao longo da história, como importante aspecto da sociabilidade humana, geralmente introduzida como brincadeira ou jogo durante a infância e mantido como hobby ou hábito ao longo da vida. O futebol pode significar parcela importante dessa sociabilidade, sobretudo em locais onde este é considerado o esporte mais popular ou que desperta o interesse de parte expressiva da população, seja como opção de lazer, entretenimento ou prática de atividade física.

Ao analisar as dimensões históricas e socioculturais na elaboração de uma visão própria sobre o futebol, Giullianotti (2010) argumenta que o tema deve ser amplamente debatido pela sociologia, uma vez que os valores ou as características valorizadas do jogo indicam aspectos fundamentais das culturas nas quais é praticado.

Em qualquer lugar, o futebol nos fornece uma espécie de mapa cultural, uma representação metafórica, que melhora nossa compreensão daquela sociedade (Bateson, 1972) (...). Sua centralidade cultural, na maior parte das sociedades significa que o futebol tem uma importância política simbólica profunda, já que o jogo pode contribuir fundamentalmente para as ações sociais, filosofias práticas e identidades culturais de muitos e muitos povos. (GIULIANOTTI, 2010, p. 8)

São relevantes as questões sociais específicas do futebol – como a sua base histórica, a cultura do espectador, os vínculos emocionais e de controle social, a construção de heróis, as formas de jogo e a política cultural a partir da classe, etnia e gênero, classificados por estágios ou tipos ideais como tradicional (pré-moderno, pré-industrial ou pré-capitalista), moderno (urbanização e crescimento demográfico e político da classe trabalhadora) e pós-moderno (dimensão crítica e culturas híbridas). O futebol e outros tipos de práticas esportivas são influenciados e também influenciam o contexto social mais amplo. Seus aspectos somente passam a ser significativos quando colocados em seu contexto histórico e cultural.

A história do esporte é uma história relativamente autônoma que, mesmo marcada por acontecimentos importantes da história econômica e social, tem seu próprio tempo, suas próprias leis de evolução, suas crises, em síntese, sua cronologia específica (BOURDIEU, 1991, *apud* GIULIANOTTI, 2010, p. 12)

É possível analisar os aspectos do futebol relacionados à estrutura de controle social dos estádios baseado nas teorias de Foucault, explorando como o estádio moderno acomoda o olhar do espectador, conceito desenvolvido pelo francês durante a elaboração do nascimento da clínica a partir da arqueologia do saber médico. A ideia de vigilância e controle social de Foucault também é indicada para análises sobre o alto nível de segurança nos campos modernos do futebol do Reino Unido. O modelo de vigilância panóptico, desenvolvido por Jeremy Bentham e apresentado por Foucault (1977), por meio do qual a visão é a fonte de poder, e a “visibilidade é uma armadilha”, teria sido testado, em condições normais, pela primeira vez, no campo de futebol, por meio do *hoolivan* – um grande veículo com janelas escuras e câmeras para filmar as torcidas.

Ainda sobre a importância da transmissão do esporte para a indústria cultural e se posicionando no sentido de que, ao menos na Grã-Bretanha, referencial utilizado no caso, Williams (2004, p.65) afirma que a mídia esportiva teria reforçado tendências mais do que formado elementos da sociedade industrial, conforme trecho que segue:

The national and international sporting networks form a social dimension of an increasingly significant kind in urban industrial culture. In all these tendencies, and in their essentially varied effects, television has been a powerful agency of certain trends which were already active in industrial society, rather than a distinctly formative element.<sup>15</sup>

Williams (2004) rejeitava tanto o determinismo tecnológico, pensamento segundo o qual as tecnologias possuiriam vida própria e seriam capazes de criar novas condições sociais no momento em que fossem injetadas na sociedade, quanto a corrente de tecnologia sintomática, em que as tecnologias surgiriam como subprodutos de pesquisas científicas e seriam levadas até à sociedade, atendendo às demandas sociais. A discussão se adequa a essa pesquisa no sentido da busca pela

---

<sup>15</sup> As redes esportivas nacionais e internacionais formam uma dimensão social de um tipo cada vez mais significativo na cultura industrial urbana. Em todas essas tendências e em seus efeitos essencialmente variados, a televisão tem sido uma agência poderosa de certas tendências que já estavam ativas na sociedade industrial, em vez de um elemento nitidamente formativo (tradução livre).

relação de causa e efeito entre a pouca cobertura do futebol feminino e o baixo interesse das mulheres (mas não só delas) pelo esporte.

Algo aconteceu ao futebol no que concerne à liberação das emoções intensas. Agora, as torcidas, nas arenas britânicas, exibem liberações emocionais mais calmas, pessoais e familiares nas arquibancadas, substituindo “a antiga paixão, quase religiosa, do carnaval da torcida nas arquibancadas” (GIULIANOTTI, 2010, p. 110), à exceção de alguns países da América Latina. Este ambiente formado por indivíduos emocionalmente autocontrolados tem relação com os processos civilizatórios, o alto grau de formação dos Estados e o controle do monopólio sobre a força física, de Norbert Elias (1978).

Fatores como a atenção despendida ao esporte na mídia de massa, os investimentos de dinheiro público e privado, o comércio e a propaganda envolvidos com o tema, o número de pessoas que praticam ou assistem às modalidades regularmente, os sujeitos que possuem vínculos empregatícios ligados ao esporte, o uso abundante de metáforas esportivas em círculos sociais como a política e a economia são alguns dos exemplos da forte relevância dos fenômenos esportivos para as ciências sociais.

Dunning (1999) atesta que há pelo menos três temas da sociologia que podem incluir a correlação com o esporte: o lazer, a educação e o gênero. Ferreira e Marchi Jr (2009) pontuam que, embora a sociologia tradicional ainda seja reticente em relação a este tipo de pesquisa, são notáveis os esforços dos pesquisadores para incluir, nas ciências sociais, os fenômenos ligados ao esporte, que vêm se firmando como objeto válido de pesquisa.

Assim, a Sociologia parece considerar o esporte como objeto menor de estudo. Foram poucas as correntes sociológicas que o discutiram, mesmo que suas temáticas tivessem fortes ligações com o esporte. Norbert Elias e Eric Dunning identificaram no cenário da produção científica da Sociologia inglesa uma resistência na abordagem desse fenômeno como objeto de estudo. O quadro de valores e oportunidades da Sociologia os impediam de seguir as pesquisas acerca do tema, deixando esta tarefa, em sua maior parte, aos que não são sociólogos (...) A busca por legitimação, os interesses de estudo em um cenário social específico podem ter deixado marcas na Sociologia, que perduraram até os dias atuais. (FERREIRA e MARCHI JR, 2009)

Pode-se resumir que a Sociologia do Esporte tem como objeto de estudo a compreensão do papel, da função e o significado do esporte na vida das pessoas, as

razões para a consolidação de diferentes modalidades em diferentes épocas, além de discutir as questões de gênero, raciais, midiáticas e a emergência, crescimento e globalização aplicados ao campo esportivo.

Ao analisar o histórico do estudo sobre sociologia do esporte, nota-se a definição de marcos importantes para a sua consolidação. Em 1902, Marcel Mauss formulou algumas ideias e reflexões sobre o corpo, a gestualidade e a natação, mas apenas em 1921 Heinz Hisse desenvolveu o primeiro estudo sociológico sobre o esporte. (SOUZA; MARCHI JR., 2010, p. 48)

Nos anos 1940, ganhou visibilidade a primeira geração da Escola de Frankfurt, especialmente com Adorno e Horkheimer. No texto de 1947, intitulado *Dialética do esclarecimento: fragmentos filosóficos*, esses autores procuraram discutir as atividades de lazer e, de certo modo, o esporte sob o ângulo crítico do que viria a ser chamado por eles de “indústria cultural”<sup>16</sup>.

Posteriormente, Giddens, que mais tarde abandonaria completamente os estudos na área, defendeu sua dissertação de mestrado, em 1961, tendo como tema o esporte na sociedade inglesa contemporânea e, no mesmo ano, Eric Dunning, sob a supervisão de Norbert Elias, utilizou o futebol para a análise da teoria do processo civilizatório. Essas contribuições começaram a dar forma a um campo que começaria a se estruturar melhor a partir da década de 1960.

Entre as principais contribuições de Norbert Elias para a Sociologia do Esporte, encontra-se a visão de que o esporte não pode ser visto em apartado dos outros aspectos formadores do processo histórico das sociedades, com a aplicação da sua teoria dos processos civilizatórios aos esportes, às manifestações culturais e corpóreas.

Para exemplificar o papel civilizatório do qual é imbuído o esporte, Elias demonstra a importância da atividade esportiva para a política e desenvolvimento da Inglaterra no século XIX, com a substituição de guerras e jogos violentos por esportes em que eram obedecidas regras, onde os indivíduos assimilavam e respeitavam normas.

A partir dessa relação com o processo civilizatório, pode-se, inclusive, perceber que a sociologia do esporte foi originalmente e se mantém até certo ponto

---

<sup>16</sup> O termo indústria cultural (do alemão *kulturindustrie*) foi criado pelos intelectuais da Escola de Frankfurt, especialmente Max Horkheimer e Theodor Adorno, e designa o fazer cultural e artístico sob a lógica da produção industrial capitalista.

sendo pensada numa perspectiva voltada para homens, envolvendo confronto de forças, buscando controlar emoções violentas, abordagens que, no mais das vezes, não consideram aspectos de gênero e não se aprofundam na participação ou não das mulheres no esporte ou nas causas dessa segregação, vez que a sociologia, de forma geral, parte de uma visão masculina.

Ao analisar a origem do futebol, assim como do rúgbi e hóquei, o autor aponta para a origem violenta, quase que sem regras, das modalidades. Esclarece, ainda, que o nível de formação do Estado e de desenvolvimento social eram baixos à época, sendo a violência um aspecto regular e explícito e fazendo com que o equilíbrio de poder entre os sexos tendesse a favor dos homens. Dunning (2014) cita também o relato de um jogador de rúgbi, em 1860, que retrata o nível de violência dos jogos e analisa que o relato mostra qual era o ideal de identidade feminina dos homens de classe média:

“Vocês tinham que ver os *scrummages*<sup>17</sup> na Sexta Partida dois anos atrás... O pessoal nem se importava com a bola, exceto quando ela dava um bom pretexto para chutar canelas. Eu me lembro de um *scrummage*!... Nós vínhamos chutando canelas fazia já uns cinco minutos, de fato, os bacanas estavam começando a se empolgar, quando um espectador... nos informou que a bola estava esperando por nós no topo da ilha... E então tinha o Hookey Wlaker, o hack bacana da Sexta equipe! Não é que ele entrou na Escola! Só para calar a boca de dez companheiros pelo resto da temporada, e mandar meia dúzia para o banco até acabar o tempo... [S]implesmente vê-lo entrar num *scrummage* era o suficiente para as moças gritarem e desmaiarem. E como agora elas gostam de ver um *scrummage*, meu amigo – que vergonha para nós. E não havia esse jogo de movimentos ardilosos que existe hoje; nada de passar um para o outro; tudo era viril e bem simples. (EVERS, 1939 apud DUNNING, 2014, p. 238-239)

Assim, enquanto o homem ideal era retratado como arrogante e fisicamente robusto, a mulher ideal – aos olhos masculinos – era temerosa, fraca e dependente.

Elias sustenta, no entanto, que essa configuração familiar pode ter contribuído para a equalização do equilíbrio entre os sexos, uma vez que teriam sido criados laços mais fortes entre homens e mulheres, contribuindo também para uma transformação civilizadora por meio do esporte.

O cenário social de dominação masculina, mesmo que conte com uma conjuntura favorável, mostra-se flutuante na medida em que alguns indivíduos utilizam

---

<sup>17</sup> Também conhecido pelos termos *scrum* ou *scrimmage*. É a formação ordenada dos jogadores utilizada para reiniciar uma nova jogada no rúgbi, por meio do qual os atletas dos dois times se juntam, entrelaçam os braços, abaixam as cabeças, empurrando-se com o objetivo de obter a posse de bola e chutá-la.

estratégias para construir ou reconstruir a realidade e as condutas humanas padronizadas, como se observa nos eventos que marcam os movimentos pioneiros do futebol feminino no Brasil.

No Brasil, o primeiro time de futebol feminino, segundo reportagem publicada em 2011 pelo jornal “Folha de S. Paulo”, foi o Araguari Atlético Clube, de Minas Gerais, fundado em 1958. Na época, uma escola tradicional da cidade passava por dificuldades financeiras e pediu para que o diretor do clube Ney Montes organizasse um jogo amistoso beneficente, como forma de angariar fundos para a instituição de ensino.

Para atrair a atenção do público, o presidente da agremiação resolveu fazer uma partida de futebol feminino, cedendo à mulher um campo inédito de atuação esportiva no país, onde a participação da mulher no futebol estava próxima das apresentações circenses, simbolizando o extraordinário, e aos jogos de salão. De acordo com a matéria, o time ficou em atividade durante dez meses e disputou dez partidas.

Escolas e rádios divulgaram o que seria a primeira partida feminina do país que, meses antes, havia vencido sua primeira Copa do Mundo, na Suécia. Quarenta meninas, entre 12 e 18 anos, apresentaram-se, e 22 foram selecionadas para o time. Durante dois meses, as moças todas estudantes e bem-nascidas, atraíram a atenção da cidade. ‘Araguari inteira soube que havia um time de futebol sendo formado. Os treinos eram lotados’, conta Heloísa Marques, 64, ex-meia e professora aposentada. Como não havia equipes adversárias, 11 moças jogaram com a camisa do Araguari e 11 vestiram o uniforme do rival Fluminense-MG (REIS, 2011).

A primeira partida de futebol feminino no Brasil foi disputada em dezembro de 1958. O texto jornalístico não diz o resultado do clássico araguarino, mas relata que, partir de então, começaram a chegar convites de cidades próximas interessadas em receber jogos das primeiras mulheres a praticarem a modalidade no país. O sucesso da empreitada pioneira chamou atenção da revista “O Cruzeiro”, umas das principais publicações jornalísticas da época, que divulgou reportagem intitulada “Glamour usa chuteiras”, dando destaque nacional ao assunto: “‘Parece curioso, mas a verdade é que um bom número de jovens, e jovens formosas, pratica esse esporte em Araguari. Futebol autêntico’, dizia a reportagem” (REIS, 2011).

O time foi um sucesso até que começou a incomodar a igreja católica e parte conservadora da população mineira. As pioneiras do futebol feminino que, inicialmente, eram festejadas nos lugares por onde passavam, foram também as

primeiras a sofrerem preconceito e discriminação pelo fato de serem mulheres praticantes de um esporte até então restrito ao ambiente masculino.

Em nove meses, elas arrastaram pequenas multidões em várias cidades do interior de Minas, chegaram a Belo Horizonte, Goiânia e Salvador, onde desfilaram em carro aberto pela cidade. Foram cerca de dez partidas. Até que o sucesso chamou a atenção da sociedade: vieram as pressões para vetar o jogo. Colégios de freiras pressionaram contra suas alunas boleiras. Em Tupaciguara, ameaçaram atear fogo no ônibus caso as jogadoras entrassem na cidade (REIS, 2011).

Junto com um convite para jogar no México, chegou a proibição dos jogos femininos pelo Conselho Nacional de Desportos (CND), em 1959, que resgatou, exclusivamente para o caso, um decreto-lei cujo texto informava que o futebol fazia parte de uma lista de “esportes incompatíveis com as condições da natureza das mulheres”. Era o fim do futebol feminino no país, que só voltaria a reaparecer nos anos 70” (REIS, 2011).<sup>18</sup>

Assim como a popularidade do esporte no país, há outro fator que parece persistir quase um século depois da chegada do futebol no Brasil – a ideia de que a “paixão nacional” é, na verdade, uma paixão de homens para homens, pertencente a um universo dito masculino. O signo da modalidade “futebol” possui por si só uma noção universalizante. Quando praticado pelas mulheres, a categoria é renomeada e ressignificada como “futebol feminino”, signo que vai além do marco de linguagem e encontra terreno fértil na análise sociológica, levando ao debate sobre a participação feminina. Conforme Connell (1995):

Em seu uso moderno, o termo [masculino] presume que o comportamento de alguém resulta do tipo de pessoa que se é. Isso quer dizer que, uma pessoa não masculina se comportaria diferentemente: sendo mais pacífica do que violenta, conciliatória do que dominadora, pouco hábil para chutar uma bola de futebol, desinteressada em conquista sexual e assim por diante. (CONNELL, 1995 apud ROSSI, 2013, p. 269)

Lovisoló (2010, p. 34) aprofundou-se na análise do pensamento do esporte a partir do gênero:

Quando pensamos o esporte a partir do gênero parece que há evidências consideráveis que levam a pensar que as modalidades esportivas, mesmo as de contato e com graus relativos de violências, foram crescentemente vistas

---

<sup>18</sup> Reportagem.

como civilizadoras no caso dos homens. No caso das mulheres, muitos desses esportes foram vistos como contrários à natureza feminina e, mais ainda, como masculinizantes e como fatores que podiam ajudar a desenvolver a violência entre as mulheres. Assim, os esportes teriam para os homens, pelo seu poder mimético, a capacidade de torná-los mais civilizados. No caso das mulheres poderia agir na direção contrária da flecha civilizatória. (LOVISOLO, 2010, p. 34).

Ao trazer o debate para a atualidade, afirma também que há muito a avançar para que se aproxime da plena igualdade. Alerta ainda que algumas das razões para que as mulheres tenham que seguir os homens são o fato de haver poucas atividades semelhantes de lazer disponíveis para as mulheres, que permanecem limitadas aos papéis domésticos e familiares, e a existência de padrões de socialização que preparam as mulheres para o desempenho de papéis subordinados e que limitam seus horizontes, tanto no aspecto ocupacional quanto no lazer.

No caso da presente pesquisa, analisar a problemática de construção da jogadora de futebol pelos veículos de comunicação permite avaliar se a forma como a atleta é simbolizada interfere na percepção social da participação feminina no esporte, reificando a desigualdade estrutural e de incentivo, no desinteresse do público e nas formas de preconceito e discriminação contra a mulher que pratica a modalidade.

Uma pesquisa promovida em cinco estabelecimentos escolares em Porto Alegre, no Rio Grande do Sul, com crianças com idades entre 11 e 13 anos, demonstra a impressão de meninos e meninas sobre os jogadores de futebol em geral (DAMO, 2007, p. 103). Os resultados apontam que a imagem da profissão possui um recorte de gênero (e de classe social) entre os pré-adolescentes, sendo uma atividade profissional cujo mercado oferece oportunidades muito desiguais para homens e mulheres.

Uma das perguntas feitas pelo pesquisador foi: “Na sua opinião, quais as profissões mais valorizadas em nossa sociedade?”. Nas escolas públicas, os meninos escolheram as três seguintes profissões: 1) advogado; 2) jogador de futebol; e 3) médico. Já as meninas responderam: 1) advogado; 2) médico; e 3) professor; com jogador de futebol aparecendo apenas em 8º. Nos estabelecimentos particulares, o ranking dos meninos ficou: 1) médico; 2) advogado; 3) jogador de futebol, enquanto o das meninas ficou: 1) médico; 2) advogado; e 3) juiz, sendo que nenhuma das 107 meninas de escola privadas fez referência a jogador de futebol.

A perspectiva da formação nas ruas como aspecto positivo do futebol brasileiro levaria, por conseguinte, à exaltação de atributos como virilidade e coragem, próprios de um ambiente violento e hostil, onde os indivíduos são sujeitos e sujeitados. As relações com os espaços urbanos demarcam diversas identidades, incluindo-se a de gênero.

“A sociabilidade é coletiva, nos pátios, nas ruas ou nas casas, tanto para meninos quanto para meninas, estando a diferença marcada pela tolerância em relação à liberdade de movimentação. O raio de circulação determina a extensão dessa liberdade, seguidamente associada à noção de risco e, por isso mesmo, tida como mais propícia à masculinidade do que à feminilidade (2000, p. 241). (...) A sobrevivência do futebol de várzea é, sem dúvida, indicativa de que o protótipo do homem viril, temido e corajoso, segue sendo forjado, embora os campos indiquem outras coisas também (DaMATTA, 2000, p. 243).

De acordo com Altmann (2002, apud DAMO, 2007, p. 244), os argumentos mais frequentes invocados pelos meninos para excluir as meninas são de que “elas não sabem jogar” e por isso “atrapalham o jogo”, “dão chutes para qualquer lado” e “caneladas”. As frases mascaram, em grande parte, o fato de que um jogo com a presença de meninas tende a ser interpretado, pelos próprios meninos, como um jogo que não é jogado a “valer” – “jogo pegado”, “duro”, “pau a pau”, etc. –, no qual as hostilidades não podem ser exercidas plenamente, uma vez que elas interessam apenas aos meninos. Tais percepções não devem ser generalizadas, mas têm sido notadas em contextos sociais bem diversos. A própria escolha do vocabulário reflete uma associação à sexualidade masculina:

É pelo fato de que se naturalizou, entre nós, o futebol como prática masculina, que se espera, de meninos e meninas, atitudes diferenciadas. Meninas atrapalham não apenas porque não dominam as técnicas corporais, senão que são percebidas pelos meninos como propensas a não se deixarem absorver pelo jogo, e raramente o fazem. Medir-se, hostilizar-se, fazer-se temer, subjugar e, sobretudo, fazê-lo aberta e publicamente – razão pela qual o jogo constitui uma ocasião privilegiada – é um exercício imposto aos meninos, e os jogos são absorventes quando suscitam tais atitudes (DAMO, 2007, p. 244)

Zaluar (1999, p. 14), observa que Foucault concebia o poder exercido sobre o corpo sem um locus ou instância específica, para discipliná-lo ou domesticá-lo, contestando, mesmo que de forma implícita, os limites impostos ao uso violento da força física e enfatizando que o poder silencia as pessoas. A autora prossegue relacionando a demonstração de poder com a questão de gênero quando vincula essa

violência a um etos de masculinidade e, posteriormente, um etos guerreiro, tal como exposto por Elias. Seria necessário, portanto, para entender a violência recrudescida, observar o contexto de gênero e a relação de poder advinda de uma demonstração de “masculinidade” que se sobreporia a dos demais.

Os jogos reproduzem de forma mais intensa a diferenciação dos papéis no que diz respeito ao domínio das técnicas corporais, virilidade, coragem, além do reconhecimento dos códigos, o que indica o compartilhamento de um sistema de crenças. A dinâmica da partida envolve hostilização, ameaças e reações que excedem o nível de brincadeira geralmente atribuído ao jogo feminino ou misto, mesmo que não haja um padrão homogêneo de comportamento masculino. Nesta configuração, as meninas dariam ao jogo significação diversa, importando-se menos e estando imunes às classificações de status (o “craque” ou o “amarelão”).

A configuração de gênero dos jogos de futebol de rua seria, para Damo (2007), similar ao modelo de sociedades kabila<sup>19</sup> (Bourdieu, 1999, p. 13-67), onde se nota uma nítida distinção dos papéis sexuais. Ele confronta a literatura feminista ao afirmar que “a dominação é uma arte ensinada e aprendida; não é, pois, naturalmente dada aos homens” (2007, p. 245). Para ele, tornar-se dominante requer investimentos e provações custosas. No futebol, os mais hábeis e mais fortes impõem as regras por meio da força corporal e, por consequência, social.

Damo (2007) afirma que o futebol jogado nas ruas é eficaz na percepção e elaboração das diferenças, sobretudo as de gênero, incluindo as definições de masculino e feminino. Ele utiliza o conceito de *illusio*<sup>20</sup>, de Bourdieu, para argumentar que alguns jogos são marcados pelo que chama de engendramento dos papéis sexuais e promovem tensões, por sua vez, decorrentes do consenso pré-estabelecido a respeito dos códigos envolvidos.

As meninas representam uma ameaça nos jogos de futebol uma vez que elas podem vir a modificar os significados de certos eventos que ocorrem no interior, podendo também destituí-lo da conotação masculina, tendo os meninos de buscar outras estratégias para se fazerem meninos: aderindo a uma outra modalidade de jogo, onde não há a presença de meninas, ou admitindo a possibilidade de parâmetros menos ortodoxos em relação à diferenciação de gênero. (...) masculino e feminino são categorias de status como outras quaisquer e é preciso forjá-las incessantemente. Assim como

---

<sup>19</sup> Proeminência axiológica do masculino, dicotomização, hierarquização e complementaridade com feminino (DAMO, 2007, p. 245).

<sup>20</sup> Espaço de jogo no qual pensamentos e ações estão aptos à afetação, à modificação (BOURDIEU, 2000).

brincar de boneca é uma forma de experimentar-se no papel da mãe, jogar futebol é uma forma de aprender a ser homem, embora jamais tenha ouvido quem quer que seja expressar isso aberta e publicamente, possivelmente porque essas categorias estão naturalizadas em nossas representações ordinárias (DAMO, 2007, p. 247).

Ao entrevistar Laura, que participa do futebol jogado nas ruas de um bairro em Porto Alegre, Damo (2007) afirma que ela foi uma das três, das mais de 200 meninas entrevistadas em uma escola pública, que disseram ter o sonho de se tornarem jogadoras de futebol. Apesar de considerada uma das melhores da escola, quando questionada se já havia driblado algum dos meninos na rua, ela respondeu: “apenas o Fulano, mas ele não conta! Ele não joga nada aqui no Beco; ele diz que não leva o jogo a sério”. O autor diz que a menina acredita ter rompido uma barreira de gênero, “um preconceito antigo” e que ao falar isso ela teria estalado os dedos para dar a ideia de que isso viria do passado, concluindo com a frase “Isso está mudando”. Além do jogo de futebol, há um jogo de status, um simbolismo em ação que auxilia na compreensão das alegações de que “as meninas não sabem jogar” ou “avacalham o jogo”.

Para Giulianotti (2010), apesar dos avanços no número de mulheres jogando e cobrindo o esporte, não deve haver revolução na relação das mulheres com a cultura física, uma vez que elas seriam “mais dedicadas do que os homens ao exercício físico e à modelagem do corpo do que a competições como o futebol”. A tradução brasileira do estudo atribui esse deslocamento de importância que sai do jogo para o corpo, à influência de comentários sobre “tendências lésbicas”, “masculinização física” e “desenvolvimento exagerado de membros”.

Essa visão do autor, entretanto, está eivada de generalizações e naturalizações grosseiras, com as quais não se pode concordar e que apontam a rasura do pensamento de gênero e corpo presente em grande parte dos estudos de sociologia do esporte, pensados, no mais das vezes, por homens e para homens.

A modelagem física do corpo feminino está diretamente associada à valorização estética e objetificação da mulher. O corpo feminino, nessa acepção é modelado principalmente para fins de apreciação estética e erótica. Esta modelagem, por outro lado, consequente e visando a fins esportivos – levantamento de peso, natação, outros – escapa dessa finalidade estética que, por sua vez acaba eventualmente remetendo a ideia de “tendências lésbicas” por conta de uma identificação cultural específica entre feminilidade, corpo e beleza.

Em Baltimore, nos Estados Unidos, uma goleira de 10 anos tinha performances tão surpreendentes que os pais dos outros alunos começaram a exigir que ela provasse ser uma menina e não um menino. Em Virginia e Ohio, os meninos começaram a se recusar a competir contra times femininos em torneios mistos depois que os treinadores reconheceram a superioridade técnica das meninas (GIULIANOTTI, 2010, p. 200).

Apesar do domínio masculino observado durante o desenvolvimento do futebol no século XX, há sinais de que a cultura moderna do esporte tem favorecido mais as mulheres. Além do caso japonês, onde a audiência das partidas televisionadas feminina é maior do que a masculina, nos Estados Unidos, 40% dos jogadores de futebol registrados são mulheres (GIULIANOTTI, 2010, p. 200). O caso das “mamães do futebol” é um exemplo de como o futebol feminino é visto no país. A campanha publicitária de reeleição do presidente Bill Clinton, em 1996, incluiu direcionamento especial a este público de mães, geralmente brancas e suburbanas, que representam aproximadamente 27 milhões de familiares de atletas envolvidos com o futebol entre os americanos (Giulianotti, 2010, p. 202). O mesmo não acontece com os esportes de maior popularidade no país – como o futebol americano, o basquete e o beisebol –, onde aparentemente as ligas femininas sofrem da mesma desigualdade enfrentada pelo futebol feminino no Brasil.

Giulianotti (2010) reforça a noção de performances (termo utilizado pelo autor) ligadas a gênero ao citar que é grande o número de mulheres que participam dos eventos esportivos na Irlanda, Noruega e Dinamarca, incluindo as inclinações “tipicamente ‘masculinas’ à bebedeira, à linguagem chula e à farra”. Chama atenção a expressão “feminilização entre jogadores”, utilizada pelo autor, ao afirmar que de que apesar de o futebol refletir uma distribuição mais ampla do poder associado ao gênero, este processo estaria acontecendo como forma de manter a lealdade de torcedores ao longo da vida (GIULIANOTTI, 2010, p. 200-202). Damo (2007) avalia a questão sob outra perspectiva:

“Muito embora a participação das mulheres no futebol tenha se tornado mais visível nos últimos tempos, ainda são recorrentes as representações de que é da natureza dos homens gostar desse esporte, quando o mais adequado seria pensar que se trata de um jogo moldado a forjar a natureza masculina – de certos modelos de masculinidade, bem entendido” (DAMO, 2007, p. 251)

No que diz respeito à performatividade, Judith Butler (2001) responde a Beauvoir (1949): “a mulher é algo que fazemos mais do que algo que somos” (BUTLER, 2001, p. 154). Para a filósofa, as identidades de gênero são performativas, constituem a materialidade dos corpos e, conseqüentemente, a diferença sexual a serviço da consolidação dos imperativos heterossexual. Para a autora, a performatividade regula e constrange, tendo o sexo como normal cultural que governa essa materialização dos corpos.

Uma perspectiva global a respeito da política cultural no futebol torna possível a análise dos movimentos de classes, etnia e gênero, com ênfase nos problemas do racismo e machismo situados na vertente cultural do esporte, amplamente reproduzidos pelas torcidas e profissionais envolvidos. Até mesmo gritos de torcida sexistas e homofóbicos são entoados por torcedores organizados e em geral, em diversos países, independente do continente. Os recentes movimentos contrários, segundo Giulianotti (2010), refletem a transformação da classe no futebol, mas não uma revolução estrutural de gênero ou etnia.

“Suposições preconceituosas influenciam a determinação do papel a ser desempenhado por mulheres e não brancos nas culturas de futebol do Reino Unido e no exterior. A principal contribuição histórica das mulheres e dos não brancos no futebol tende a cair no esquecimento. As novas culturas de futebol, como a dos Estados Unidos, parecem incentivar a participação das mulheres, mas à custa de um jogo realmente ‘multicultural’” (GIULIANOTTI, 2010, p. 188).

O desenvolvimento do futebol está ligado à modernização dos países e das relações entre classe e gênero. Na Europa, assim como na América Latina, o esporte foi dominado pelos homens da classe operária. Na Inglaterra, as dinâmicas de classe social no desenvolvimento histórico e estrutural do futebol estão relacionadas às mudanças na cultura de classes, influenciando as formas como se desenharam as atuais configurações que repelem à margem os não brancos e as mulheres. Posteriormente, o país passou por um processo de desindustrialização e crescimento do setor de serviços, resultando em um movimento de classes que, por sua vez, modificou o público-alvo no país – que ele chama de “pós-torcedores” (GIULIANOTTI, 2010, p. 203).

Fenômeno semelhante tem sido observado no Brasil após a Copa do Mundo de 2014 que, excluindo-se as denúncias de corrupção que permearam o processo, transformou estádios tradicionais em arenas voltadas ao lazer de uma elite disposta a

pagar altos preços pelo espetáculo do futebol, tanto durante a competição internacional quanto durante torneios nacionais, ou mesmo no aproveitamento desses espaços para a realização de eventos de grande atração de público, como shows e festivais de música em geral.

Os pós-torcedores possuem formação acadêmica e certo comportamento crítico diante da mídia e da propaganda, abraçando a cultura popular e, por vezes, combinando-a com outros interesses eruditos. Eles definem tendências, expandindo seu espectro de atuação e consumo, o que leva a um movimento da mídia especializada em esportes no Reino Unido, significando em maior abertura para minorias, na visão do autor.

Bernard Lahire (2005) afirma que não há homogeneidade nos hábitos e práticas dos indivíduos, que seriam produtos de múltiplos processos de socialização. O autor reforça a legitimidade e possibilidade de uma sociologia em escala individual, criticando as generalizações produzidas pelos modelos macrossociológicos e afirma que o conceito de *habitus*, de Bourdieu, não seria o princípio geral regulador dos sujeitos na sua relação com a sociedade, visto que haveria intencionalidades subjetivas igualmente definidoras desse *habitus*. Segue o relato:

O caráter heterogêneo do leque individual de práticas e de gostos só pode ser explicado levando em conta a pluralidade de lógicas contextuais e disposicionais que guiam os comportamentos culturais. Somos levados então a formular a hipótese da especificidade relativa de cada campo cultural (que requer competências específicas da parte dos 'consumidores culturais'), do papel importante que desempenham as condições gerais ou as circunstâncias mais singulares do 'consumo' ou da prática (sozinho, em família, com este, aquele amigo, privadamente ou publicamente, etc.) e do lugar não menos importante da pluralidade das experiências socializadoras em matéria de formação de competências e de disposições culturais. (LAHIRE, 2005, p. 28)

Tais estereótipos são particularmente relevantes na socialização das gerações mais jovens, que mais do que as anteriores, conforme Lahire (2006) já observara, experimentam um contato maior e mais constante com mídias de comunicação de massa:

crianças, bem antes da puberdade, as gerações mais novas estão em contato com canções de amor, desenhos animados e toda variedade de filmes onde heróis salvam mocinhas e as beijam no final. Tudo isso compõe grande parte da construção de seus aprendizados e valores em relação ao amor bem antes que lhes seja socialmente facultado buscá-lo e experimentá-lo. Da mesma maneira, sua imaginação, em relação ao amor e ao sexo, é estimulada

consideravelmente antes da experiência. Isso é expresso na cena de *Sintonia de Amor* em que Jonah pergunta para seu pai se, quando ele for fazer sexo com uma mulher, ela lhe arranhará as costas, referindo-se a algo que vira na televisão a cabo na casa de um amigo. (LAHIRE, 2006 apud ROSSI, 2013 p. 310)

Por outro lado, para além do suposto acesso das minorias como não brancos e mulheres, ocorre uma certa marginalização da classe trabalhadora que tradicionalmente acompanha o futebol no país. A visão, para Giulianotti (2010), apesar de “sedutora”, camufla o que ele chama de conflitos contemporâneos de classes, que estariam ao lado de outros dois conflitos fundamentais, dentre eles o de gênero.

O acesso à cultura do futebol está cada vez mais restrito à classe média, que vem dominando os “corredores do esporte”. Os pesquisadores devem continuar a observar criticamente como o futebol reflete as desigualdades sociais maiores, principalmente as de idade, etnia, gênero e classe, que seriam os quatro principais fatos da vida social a validarem a maioria das investigações científicas sobre o esporte (GIULIANOTTI, 2010, p. 217-218).

Estudos demonstrativos dão conta que, no Reino Unido, a participação das mulheres no futebol era destacada até a Primeira Guerra Mundial, liderada pelas mulheres de classe média, que costumavam jogar entre si frequentemente – o que teria se tornado um estereótipo, entre as mulheres, de que as torcedoras pertenciam à classe média. Uma multidão da classe trabalhadora assistia estas mulheres ocuparem os melhores lugares do estádio. Fenômeno semelhante ocorreu no Brasil e na América Latina:

“No Brasil, Lever (1983, p. 40-1) concluiu que a presença da classe trabalhadora no futebol na década de 1940 erradicou a presença de ‘mulheres elegantes’. Enquanto isso, na América do Sul, as barreiras de gênero eram quebradas fora dos estádios de futebol, à medida em que os jovens jogadores se tornavam heróis em *barrios*, atraindo um número constante de admiradoras especialmente em bailes” (GIULIANOTTI, 2010, p. 195).

Na Inglaterra, um dos primeiros times de futebol feminino, o Dick, Kerr Ladies XI F. C., existiu por 48 anos e ganhou notoriedade pela invencibilidade em casa. Um guia sobre futebol feminino publicado em 1997 pela ex-jogadora de futebol britânica Sue Lopez conta que a Associação de Futebol, a FA – equivalente à CBF no Brasil – viu a ascensão do futebol feminino como ameaça comercial ao masculino e banuiu as

mulheres de utilizarem campos e estádios dos clubes filiados à instituição, o que assegurou o domínio masculino no futebol britânico até hoje.

Ao relacionar a presença das mulheres nos estádios à violência das torcidas, Giulianotti (2010) considera cruciais para o debate sobre a política de gênero no futebol, o poder masculino e o cultivo à masculinidade, que chama de agressiva e chauvinista. Para o autor, a própria estética do jogo atualmente estimula uma “masculinidade tradicional” e a cobertura dos meios de comunicação satisfaz o “olhar masculino”.

“As manchetes dos jornais ‘expõem’ os segredos sexuais dos astros do esporte; as páginas finais misturam histórias do mundo do futebol com anúncios de serviços de sexo por telefone, casas noturnas e lingerie; as páginas intermediárias trazem fotos de modelos seminuas em poses provocantes tendo como tema o futebol” (GIULIANOTTI, 2010, p. 197-198).

Pressões culturais de diversas ordens arruínam o envolvimento das mulheres com o futebol em vários países, entre africanos, poloneses, orientais, mulçumanos, hindus, etc., e seus modos de pensar são levados a outras nações por meio dos processos de imigração, levando as culturas do futebol a influenciarem-se mutuamente. Divisões culturais e de classe também limitam as experiências femininas futebolísticas, tendo a intolerância racial e étnica como fontes decisivas de desigualdades (GIULIANOTTI, 2010, p. 202).

“Enquanto a ‘raça’ e o gênero permanecem importantes por si só, cada qual é fortemente influenciado pelas vicissitudes das relações entre as classes sociais. (...) As instituições do futebol talvez afirmem que esses homens e mulheres recebem uma oportunidade ‘não discriminatória’ para participar do esporte contemporâneo. (...). Os clubes de futebol e as autoridades (...) reproduzem essas profundas desigualdades ao abrir o futebol para um desagrilhoado sistema de mercado, prejudicando as pessoas por causa de sua classe (e, da mesma forma, de sua raça e gênero). Podemos notar que a crítica ‘liberal’ da ‘masculinidade tradicional’ do futebol também beneficia a comercialização do esporte, já que contém um ataque dissimulado à sua cultura masculina de classe operária” (GIULIANOTTI, 2010, p. 208)

Giulianotti (2010) se defende da acusação de ter baixo interesse em questões de gênero dizendo que “nenhum texto sociológico sobre o futebol contém mais que algumas poucas páginas sobre a mulher no esporte” e que se esforçou “para promover o trabalho de pesquisadoras mulheres” em suas pesquisas anteriores sobre o futebol, sendo a única exceção a coleção *Game Without Frontiers*, co-editada em parceria com o professor John Williams que, segundo ele, “tem um grupo de pesquisa só de

homens”. A defesa, por sua vez, acusa as mulheres de pesquisarem pouco o tema. (GIULIANOTTI, 2010, p. 211)

É razoável afirmar que parte dos estudos sobre sociologia do esporte que abordam questões de gênero no futebol produzidos até o momento encontram-se comprometidos pelas visões binárias dos cientistas, operando em uma lógica falocêntrica que considera a existência de apenas duas formas de gênero e as compara insistentemente. Entretanto, é compreensível a falta de aprofundamento no tema, uma vez que o debate sobre o assunto entrou em pauta recentemente se considerarmos o tempo intergeracional que comumente se espera para a consolidação de novas formas de saber científico.

“Por exemplo, registra-se o grande número de investigações dentro de temáticas, tais como: trabalho e gênero, violência e gênero, pensamento social e gênero, religião e gênero, meio ambiente e gênero, educação e gênero, dentre outras. Contudo, a aproximação de gênero a esses campos clássicos pode se tornar apenas uma leitura superficial de dinâmicas sociais entre grupos com identidade sexual pré-estabelecidas pelos parâmetros heteronormativos e nos parâmetros fundadores de uma ciência eurocêntrica, branca e androcêntrica – justamente aqueles parâmetros questionados pelo lançamento da própria categoria gênero em sua formulação inicial.” (ALMEIDA; BANDEIRA; KÜCHEMANN, 2015, p.77)

Mertens (2015) conta que, nos EUA, a noção de resistência à participação feminina nos esportes só começou a ser dissipada a partir do decreto do “Título IX”, publicado em 1972. A medida é um equivalente a uma emenda à Constituição e proíbe, nas escolas que recebiam financiamento do governo federal, a exclusão de qualquer pessoa das práticas esportivas com base em discriminação sexual<sup>21</sup>.

Ainda que, desde o decreto do Título IX, a participação feminina na prática esportiva não se configure como um problema nos EUA, Mertens (2015) dá conta de que a desigualdade nos esportes é tão vasta quanto a enfrentada pelas mulheres nos escritórios das grandes empresas e nos sets de filmagens, mas, por alguma razão, não incitam o mesmo nível de indignação.

A questão foi objeto de estudo da Universidade do Novo México, em 1978, assinado pela Prof. Hollis Elkins. No artigo, a pesquisadora questionava por que o movimento feminista nunca se preocupou com a igualdade no esporte e apresenta

---

<sup>21</sup> O Título IX afirma: “Nenhuma pessoa nos Estados Unidos, com base no sexo, será excluída da participação, será negada os benefícios ou será sujeita a discriminação em qualquer programa educacional ou atividade que receba assistência financeira federal”.

quatro razões principais: 1) as atletas eram percebidas como desinteressadas ou hostis quanto ao movimento feminista; 2) as feministas, que já enfrentavam o estereótipo de lésbicas, não queriam ter um segundo motivo para o rótulo; 3) o esporte era visto como um ambiente exclusivamente masculino, que provocava uma predisposição negativa de muitas feministas; e 4) as feministas consideravam o esporte como assunto frívolo, desassociado e secundário em importância em relação a questões como o direito ao trabalho, ao aborto e à igualdade de remuneração (MERTENS, 2015)<sup>22</sup>.

Surgem, assim, dúvidas quanto à relação de causa e efeito. Ausência de representatividade, falta de políticas públicas voltadas ao futebol feminino, desatenção dos clubes com as torcedoras (evidenciada por estratégias de marketing e produtos comercializados), quais seriam os fatores causadores do desinteresse das mulheres pela modalidade? Ou seriam eles consequências do desinteresse das mulheres pelo esporte?

Quase quatro décadas depois, os motivos listados por Elkins ainda persistem entre as razões do afastamento entre a mulher e o futebol, o que dá à pesquisa papel relevante no sentido de observar, em dois cenários socioculturais distintos, os fatores que levam às conjunturas atuais do futebol feminino no mundo, observando as diferenças no que diz respeito ao apoio ao esporte e à organização das relações de gênero.

Quando as mulheres são excluídas do futebol, não significa apenas a exclusão de um aspecto da esfera social, mas também a privação de um direito fundamental. Nesse sentido, a ONU promoveu o Relatório Nacional de Desenvolvimento Humano do Brasil 2017 “Movimento é vida: atividades físicas e esportivas para todas as pessoas”, que trabalha a noção de empoderamento individual e coletivo no protagonismo de processos de desenvolvimento humano e problematiza a questão de gênero no acesso às AFEs (atividades físicas e esportivas).

Para avançar na equidade de gênero é necessário incluir políticas públicas afirmativas em todos os setores, junto com uma transformação nas atitudes culturais, de maneira a modificar os estereótipos tradicionais sobre o papel das mulheres na sociedade e suas supostas limitações. (...) empoderadas, as pessoas podem ter uma participação cada vez maior nos mecanismos institucionais formais ou informais, a fim de tomar as decisões e escolher as opções que lhes permitam melhorar sua situação de vida (ONU, 2017, p. 51-54)

---

<sup>22</sup> Tradução livre.

Tomando como referência as práticas mais mencionadas (caminhada e futebol), é possível observar as diferenças na tabela a seguir:

Tabela 1 - Percentual do tipo de AFEs mais praticadas no Brasil, segundo o sexo.

AFEs	Homens (%)	Mulheres (%)
Caminhada	24,8	52,5
Futebol	41,4	2,7
Fitness/práticas de academia	8,0	18,2
Musculação	4,9	4,7
Outras modalidades esportivas	2,7	3,0
Andar de bicicleta	3,5	1,8
Outras atividades físicas	1,4	3,1
Corrida/cooper/atividade física	2,8	0,8
Luta/artes marciais	2,2	1,2
Ginástica esportiva	0,6	3,0
Ciclismo	2,4	0,9
Voleibol	0,8	1,8
Dança	0,4	2,2
Natação	0,8	1,8

Fonte: ONU, 2017, com base na PNAD, 2015.

De acordo com o relatório, as mulheres têm um envolvimento muito reduzido com o futebol (em suas variadas formas), enquanto que, entre os homens, é uma das práticas mais comuns. Inversamente, as mulheres praticam caminhada numa proporção muito maior que os homens.

A estratificação por rendimento mensal domiciliar per capita das mulheres aponta também mudanças importantes na proporção de práticas dentro de cada categoria. O futebol é proporcionalmente pouco praticado entre as mulheres (2,7%), ainda que entre as mulheres de baixa renda ele alcança o maior percentual (6,8%),

2,42 vezes mais que a média da população feminina e 34 vezes mais que as mulheres com maiores rendimentos (0,2%).

Grande parte dos estudos que problematizam a questão do gênero voltam seus olhares para as mulheres. Na vida delas essas questões são pertinentes no que se refere ao desenvolvimento humano, especialmente em relação ao que experimentam em seus cotidianos. Em relação as AFEs, sobressaem-se aquelas práticas hegemonicamente consideradas masculinas no Brasil, como boxe, futebol e esportes de aventura.

As investigações consideradas atentam para mulheres que lutam boxe, que jogam futebol, que surfam e que mergulham. Tratam de mulheres vinculadas aos esportes de alto rendimento que vivenciam essas AFEs na condição de profissionais. A ênfase dada pelas pesquisas para essas praticantes é relevante, já que essas práticas já foram proibidas para mulheres no Brasil. O decreto-lei no 3.199 de 14 de abril de 1941, trazia, no seu artigo 54, a declaração de que “às mulheres não se permitirá a prática de desportos incompatíveis com as condições de sua natureza, devendo, para esse efeito, o Conselho nacional de desportos baixar as necessárias instruções às entidades desportivas do país”. Em 1965, a partir da deliberação n. 7, passa-se a nomear quais são as práticas proibidas às mulheres, dentre as quais encontram-se futebol, futebol de salão, futebol de praia, lutas, rugby, entre outras. Essa normatização só foi revogada em 1979.

Esses dados demonstram alguns enfrentamentos que mulheres e homens precisaram fazer para poder iniciar e se manter praticando as atividades que desejavam. Exemplo disso são homens dançarinos que precisaram primeiro driblar um “conjunto de representações culturais que funcionam simbolicamente como ‘barreiras’ de gênero para, enfim, conseguir com que a prática da dança pudesse ser vivenciada por eles” (ONU, 2017, p. 83).

Mulheres praticantes de futsal, de maneira semelhante, relataram, em estudo realizado por Altmann e Reis (2013, p. 224-226), que sofreram muito preconceito por escolher praticar um “esporte masculino”, como denominado por uma das entrevistadas.

Por conta disso, mulheres e homens, ao se inserirem em AFEs hegemonicamente vinculadas a uma perspectiva de gênero que não lhes “estava prevista”, passam a fazer das suas experiências nessas atividades oportunidades para usufruir de vivências até então restritas. É assim, devido ao rompimento inicial

com as generificações presentes nas AFEs, que, muitas vezes, mulheres e homens conseguem desfrutar das práticas que escolheram. Contudo, mesmo que essas pessoas tenham acesso inicial a essas AFEs, não são raros os relatos que mostram o quanto os enfrentamentos de gênero continuam ao longo das suas permanências nessas práticas.

A associação criada entre a prática de esportes ditos masculinos e a homossexualidade das atletas que os praticam compõe um jogo de poder onde são encontrados regimes discursivos de normatividade. Vê-se uma tentativa de controlar e limitar as mulheres no que diz respeito à prática desportiva, ligada tanto ao gênero quanto à sexualidade.

Diversas “barreiras” precisam ser ultrapassadas para que a permanência em diferentes AFEs seja possível. Entretanto, ao se observar as trajetórias de homens e mulheres percebe-se que as “barreiras” enfrentadas não são sempre as mesmas. Em um contexto em que a desigualdade entre homens e mulheres é histórica e cotidianamente materializada em diferentes âmbitos da sociedade, às mulheres cabe também o enfrentamento em relação a essas desigualdades, às quais somam-se outras dificuldades que elas precisam enfrentar para que possam praticar determinadas AFEs.

No caso das mulheres boxeadoras, futebolistas, surfistas e atletas profissionais, as mesmas se deparam com questionamentos sobre as suas sexualidades, com a falta e a precarização de condições físicas e materiais para realizarem as AFEs e com a discrepância em relação aos homens quanto a patrocínios, prêmios e oportunidades de ascenderem em carreiras profissionais.

Uma jogadora de futsal, ao lembrar os conselhos que lhe foram dados pelo seu pai afirmou: “eu só concordo com ele [pai da informante]. Eu tinha que ter nascido homem, como se diz... Eu tenho que concordar com ele, né? Porque eu teria tido mais oportunidade”. Já uma atleta de natação relatou, a partir de sua trajetória no esporte de alto rendimento, que:

“Você viver numa sociedade e ser mulher já é complicado. No esporte é mais complicado. Primeiramente a parte financeira, a gente vê várias competições em que a premiação masculina é sempre mais alta do que a feminina. Os meninos sempre são a prioridade em termos de planejamento, de treinamento. Isso é muito frustrante”. (ONU, 2017, p. 160-161)

Seja frente às poucas condições, à falta de incentivos ou ao questionamento acerca de suas sexualidades, as mulheres precisam transpor dificuldades e desigualdades para continuarem suas práticas e, com isso, proporcionam aberturas para que essas discrepâncias sejam modificadas.

Já em relação aos homens, o relatório mostra que, ao se vincularem às AFES consideradas “femininas” no Brasil, as “barreiras” que enfrentaram dizem respeito, quase que exclusivamente, ao questionamento de suas sexualidades. No caso dos dançarinos, fica evidente que esse questionamento é decorrente da ideia de que o ato de dançar estaria atrelado a uma orientação homossexual que é vista como “uma espécie de degradação da ‘verdadeira’ masculinidade”.

Essas barreiras precisam ser transpostas por aquelas e aqueles que optam por praticar AFES que não seguem as “expectativas de gênero” socialmente estabelecidas, ou seja, que praticam “atividades não esperadas de acordo com os estereótipos vigentes”. Cotidianamente, ao transporem essas barreiras e continuarem praticando determinadas AFEs essas pessoas rompem de forma concreta com preconceitos historicamente atrelados a essas práticas. Ao não desistirem de praticarem as AFEs que desejam, tanto as mulheres quanto os homens também passam a denunciar e a mostrar possibilidades de ações para que a igualdade entre homens e mulheres seja alcançada nos cenários de desenvolvimento humano construídos por essas práticas.

Compreender que há feminilidades e masculinidades “no plural” é uma maneira de ampliar as possibilidades de escolhas de como se quer ser mulher ou homem. Ao não se restringir a uma única maneira de ser feminina ou masculino, é possível colocar em destaque os preconceitos presentes em muitas AFEs quando praticadas por mulheres (como é o caso das lutas e do futebol no Brasil), ou por homens (como é o caso das danças).

O que a estrutura social e a história revelam sobre a desigualdade entre mulheres e homens no esporte? Segundo o relatório, a exclusão das mulheres no mundo esportivo tem relação direta com a estrutura social vigente, que tem suas bases no sexismo e racismo, e com as origens históricas do esporte, que o caracterizaram como uma atividade inerentemente masculina. Nos Jogos Olímpicos da Antiguidade, as mulheres eram proibidas de assistirem a competição. Em 1900, nos Jogos Modernos, a participação das mulheres era tolerada em algumas modalidades, ainda que o direito de subir ao pódio tenha sido negado por mais tempo.

Seus corpos eram (e ainda são) inferiorizados em termos de performance e erotizados/objetificados. O assédio é banalizado e as mulheres são minoria em cargos de liderança e comando, como treinadoras, dirigentes, árbitras.

A intersecção das discriminações de gênero às raciais revela um quadro ainda mais preocupante. As imposições às mulheres negras no esporte se afastam radicalmente daquelas destinadas às mulheres brancas: fragilidade, fraqueza e delicadeza são substituídas por resistência, força e exotização. O número de atletas negras e brasileiras em grandes competições ainda é pequeno, muitas têm dificuldades de ascensão nos clubes, outras enfrentam o racismo de torcedores, treinadores, colegas de equipe.

Nas atividades físicas e esportivas do dia-a-dia, as mulheres negras possuem participação e acesso diametralmente diversos dos homens brancos. ou seja, vivenciam as AFEs de forma ainda mais subalterna. O acesso amplo e de qualidade ao esporte por mulheres pode contribuir para alterar relações de poder e para o empoderamento feminino em diversos âmbitos. (ONU, 2017, p. 161)

O futebol como um cenário de cidadania, que se constitui como lugar de pertencimentos e de constituição identitária, ampliava as possibilidades de agência, de perseguir e conquistar o que se valoriza, jogando não apenas com a bola e com os adversários, mas também com as barreiras e os estigmas nas/das representações sociais. (ONU, 2017, p. 176)

### 3. MÍDIA: OS PANORAMAS BRASILEIRO E NORTE-AMERICANO

A construção da análise desta pesquisa contou com a consulta ao *Digital News Report (DNR) 2017*, estudo anual realizado por meio de parceria entre o Instituto Reuters e a Universidade de Oxford que verifica o dinamismo envolvendo as notícias nos países. O relatório é baseado em uma pesquisa realizada com mais de 70.000 pessoas em 36 mercados midiáticos, incluindo análise qualitativa adicional. É considerado um dos estudos comparativos mais abrangentes sobre o consumo de notícias no mundo, com grupos de trabalho presentes em todos os continentes.

De acordo com o DNR, no Brasil, 68% da população, estimada em 204 milhões de habitantes, tem acesso à internet. É alto o nível de confiança geral dos usuários da internet nas notícias – 60%, o maior índice considerando os países latino-americanos, como a Argentina, onde há um sentimento generalizado de que a independência da mídia está sob pressão de interesses políticos e comerciais.

Em termos de marcas, um dado importante é que, no Brasil, os sites dos canais de televisão são a principal fonte de notícias, enquanto que, na Argentina e Chile, o ranking é liderado por sites de jornais impressos, e, no México, a principal fonte de notícias online é um meio exclusivamente digital.

As fortes emissoras de televisão comercial dominam o ambiente midiático no Brasil. A propriedade da mídia está concentrada nas mãos de alguns grupos domésticos, mas as mídias sociais estão desempenhando um papel cada vez mais importante no consumo de notícias.

Embora a penetração da internet continue a aumentar rapidamente, a popularidade da *web* ainda não é páreo para a televisão. Mais de 97% dos lares brasileiros possuem um aparelho de TV, mas, em 2015, apenas uma em cada duas casas estava conectada à internet. No entanto, plataformas online já são a principal fonte de informação para pessoas em áreas urbanas, especialmente aquelas com maiores níveis de renda e educação.

A recessão recente – a pior já registrada no Brasil – continua prejudicando a mídia. Em dezembro de 2016, a circulação total dos cinco primeiros diários pagos havia caído quase 8% em comparação com o número médio de cópias vendidas em 2015. As duras condições econômicas levaram ao fechamento de pelo menos duas estações de rádio, uma emissora de TV local e sete meios de comunicação impressos; incluindo o segundo jornal mais antigo do Brasil, o *Jornal do Commercio*, fundado no

Rio de Janeiro, em 1827.

Apesar da queda geral na circulação de jornais, o número de assinantes digitais registrou crescimento estável, com um número crescente de jornais adotando *paywalls* e lançando edições eletrônicas. Em agosto de 2016, a *Folha de S. Paulo* - o diário mais vendido do país - anunciou que sua circulação digital havia superado a sua edição impressa. No entanto, a porcentagem geral dos entrevistados brasileiros que pagam por notícias online (22%), em áreas urbanas, não mudou em relação ao ano anterior.

Há uma notável mudança nos dispositivos usados para acessar o conteúdo jornalístico na web. Em 2016, os *smartphones* ultrapassaram os computadores como principal canal de consumo de notícias online.

Em meio ao desemprego crescente e às mudanças do mercado, mais de 36 milhões de linhas de telefonia móvel foram desconectadas pelas operadoras de telecomunicações nos últimos dois anos, de acordo com o órgão regulador federal – a ANATEL. Isso é particularmente importante quando consideramos que - de acordo com a Pesquisa Brasileira de Mídia, conduzida pelo governo - 91% dos internautas do país acessam a web via telefone celular. No entanto, as plataformas online continuam a ser a principal fonte de notícias dentro do Brasil urbano, uma vez que a penetração dos serviços móveis continua alta.

O investimento em publicidade online cresceu 26% em relação a 2015, impulsionado por um aumento de 115% nos fundos gastos em comerciais de vídeo na Internet (IAB Brasil e comScore). Os bloqueadores de anúncios são um problema menor (17%) para o mercado de publicidade digital brasileiro quando comparados com outros países. A pesquisa mostra que os bloqueadores de anúncios foram instalados em apenas 8% dos smartphones.

Embora as mídias sociais ainda sejam extremamente populares no Brasil, seu uso como fonte de notícias perdeu força no ano passado. Quase oito em cada dez brasileiros usam o *Facebook* para qualquer finalidade, mas o uso de *paywalls*<sup>23</sup> pelos principais jornais brasileiros pode estar reduzindo um pouco o compartilhamento de notícias nas redes sociais. Já favorito entre os brasileiros, o *WhatsApp*, alcançou novos patamares de popularidade na medida que as operadoras de telecomunicações

---

<sup>23</sup> Paywall é um sistema de assinatura usado por jornais e outros veículos de comunicação digitais que permite ao internauta o acesso a conteúdos restritos.

começaram a oferecer pacotes de dados *pay-as-you-go*<sup>24</sup> especiais para o aplicativo com mensagens ilimitadas, aumentando o seu uso como ferramenta para compartilhar notícias.

Em consonância com o debate internacional sobre notícias falsas, alguns meios de comunicação - como o portal *G1* e o jornal *O Globo* - anunciaram equipes de checagem de fatos para investigar notícias publicadas na internet, rumores espalhados em mídias sociais e até mesmo informações extraídas de anúncios oficiais.

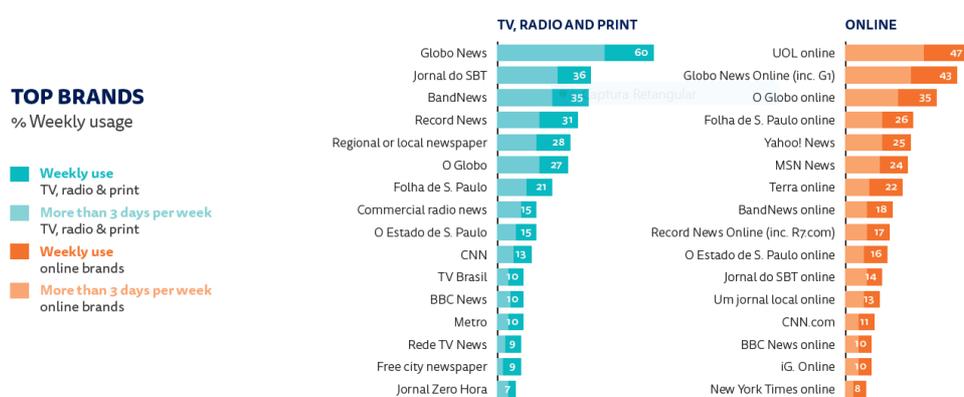


Figura 1 - Ranking de audiência online no Brasil (Digital News Report 2017)

Nos Estados Unidos, 90% de 324 milhões de habitantes têm acesso à internet. O panorama da mídia é fragmentado e dominado por empresas privadas e um quarto da população usa e-mail para notícias (23%). O *Washington Post*, por exemplo, oferece cerca de 70 boletins informativos como parte de uma estratégia para estimular o hábito e a assinatura.

Dois terços dos usuários de mídia social assistem aos noticiários da televisão (67%) e dois terços também visitam sites ou aplicativos convencionais (66%) - um pouco mais do que a população em geral. Apenas 2% só usam a mídia social para leitura de notícias, a maioria das pessoas combina várias fontes e plataformas diferentes para notícias.

A mídia noticiosa continua competindo por parcelas cada vez menores de

<sup>24</sup> "Pay as you go" é um sistema oferecido por empresas de telefonia celular em que o usuário só paga quando utiliza determinado serviço e na medida que o faz. Contrapõe-se a outros tipos de contrato em que o consumidor tem uma tarifa mensal, por exemplo, e ela se mantém, quer utilize o serviço ou não.

publicidade, com o mercado cada vez mais dominado pelos gigantes do Vale do Silício, *Google* e *Facebook*. Embora os modelos de negócios continuem a enfrentar turbulências em relação a dispositivos móveis e mídias sociais, alguns sinais surgiram em 2017, com uma súbita explosão de assinaturas pagas, após a eleição presidencial de novembro, registrada por organizações com reputação estabelecida. Houve aumento de sete pontos percentuais (16%) no aumento de assinaturas online em instituições como o *New York Times*, o *Washington Post* e o *Wall Street Journal*.

O boom de assinaturas ofuscou o declínio no mercado de publicidade impressa nos EUA. No *Times*, houve queda de 16%, número maior do que o crescimento da receita digital para o ano, com uma receita geral abaixo de 2%. Na *McClatchy*, que possui 30 jornais regionais, o forte crescimento digital (+14,8%) ainda não compensou a queda de dois dígitos, com a receita total caindo 10,8% no ano.

As empresas americanas de mídia continuam líderes globais no pioneirismo de novas fontes de receita digital, mas ainda restam dúvidas sobre se os esforços comerciais, por si só, serão suficientes para sustentar níveis de vigilância e jornalismo investigativo necessários para sustentar uma democracia saudável. Enquanto um seletivo número de jornais nacionais e um punhado de organizações sem fins lucrativos financiam operações rigorosas de coleta de notícias, o público estadual e local geralmente permanece uma sombra de sua geração anterior. O futuro das notícias nos Estados Unidos pode depender, em última análise, do fato do aumento da disposição em pagar pelo noticiário após a eleição se comprovar como ampla mudança cultural no apoio público ao jornalismo de qualidade.

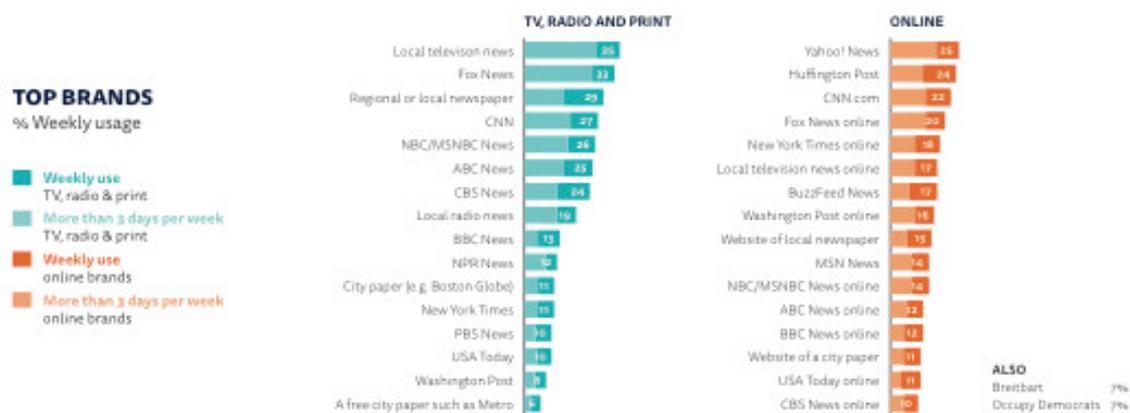


Figura 2 - Ranking de audiência online nos EUA (Digital News Report 2017)

### 3.1. A MÍDIA ESPORTIVA E SUAS CONSTRUÇÕES

No que diz respeito às análises de texto e imagem, Bauer e Gaskell (2002) afirmam que a realidade social pode ser representada de maneiras informais ou formais de comunicar e que o meio de comunicação pode ser composto de textos, imagens ou materiais sonoros. De acordo com os autores, a imagem, tanto a fotografia como o vídeo acompanhado de som, oferece um registro restrito, mas poderoso das ações temporais e dos acontecimentos reais - concretos, materiais.

Embora a pesquisa social esteja tipicamente a serviço de complexas questões teóricas e abstratas, ela pode empregar, como dados primários, informação visual que não necessita ser nem em forma de palavras escritas, nem em forma de números: a análise do impacto do tráfego no planejamento urbana, tipos de parques de diversão perigosos ou campanhas eleitorais podem, todos eles, beneficiar-se com o uso de dados visuais. (...) o mundo em que vivemos e crescentemente influenciado pelos meios de comunicação, cujos resultados, muitas vezes, dependem de elementos visuais. Conseqüentemente, “o visual” e “a mídia” desempenham papéis importantes na vida social, política e econômica. Eles se tornaram “fatos sociais”, no sentido de Durkheim. Eles não podem ser ignorados. (LOIZOS, 2007, p. 137)

O campo oferecido pela mídia, no que diz respeito à rápida e maciça circulação de modelos identificatórios e de formas de comportamentos que atuam em alguma medida na existência de cada um, é nada desprezível; um leque de performances e de possibilidades pode ser alcançado, de forma quase imperceptível. Lembramos que não só os processos psíquicos participam na formação do sujeito, mas também as interferências e as influências do meio. A possibilidade e o efeito de fascinação e de sedução, via imagem, são instrumentos da comunicação quase insuperáveis na disseminação desses modelos e de comportamentos (SZPACENKOPF, 2004, p. 196).

É por meio das diversas plataformas de comunicação que o indivíduo toma conhecimento, após a mediação jornalística, dos acontecimentos de destacada relevância social, incluindo entre estes os eventos esportivos. O ambiente do futebol é exposto por Baudrillard (1993) no que ele chama de “premonição futura dos campos”, afirmando que partidas de futebol super-reais devem acontecer em estádios vazios por conta do alto nível tecnológico das transmissões televisionadas, mesmo que a televisão não se trate de um meio de comunicação neutro, podendo recusar a cobertura de acontecimentos “controversos ou desviantes” que ocorrerem durante os jogos. Há tendências a se privilegiar as estéticas virtuais sobre as experiências reais

em razão das más instalações de alguns estádios e do interesse do espectador em absorver detalhes irreais, em uma espécie de pornografia do futebol, de acordo com Baudrillard, apesar de que, atualmente, “a divisão psicoespacial entre o jogo e o espectador encontra-se perturbadoramente mal definida”. (GIULIANOTTI, 2010, p. 113)

No que tange a essa dicotomia entre virtual e real e às críticas cada vez mais contundentes a uma suposta priorização daquele sobre este, importa destacar que essa discussão se dá justamente em um contexto em que o entendimento do que seria real é pautado pela possibilidade de ser registrado, apontando o quanto é problemática a clivagem entre realidade e representação, sendo esta normalmente usada como correspondente à imagem. Rossi (2017) acrescenta:

O que aparenta ser uma contraposição entre “imagem e realidade” revela-se uma contraposição entre imagens – todas elas construídas, mediadas, selecionadas e editadas – conflitando por legitimidade e reconhecimento, em lutas simbólicas onde o real e o imaginário são indissociáveis e se constituem mutuamente de forma pouco fidedigna ou consensual (ROSSI, 2017, p. 243).

A partir da realidade brasileira, percebemos que, com mais ou menos intensidade, com base no suporte do público e de alguns mecenas e, por vezes, com verbas públicas, o futebol consolidou-se como espetáculo, auxiliando para este fenômeno o jornalismo esportivo, que se configura como produto e produtor dessa transformação. A influência da mídia nos mais diversos aspectos do futebol é notada, por exemplo, pela concentração de interesse dos brasileiros em geral por clubes do eixo Rio-São Paulo, que pode ser explicado pelo processo de formação do público consumidor do futebol como espetáculo, constitutivo do processo de profissionalização do futebol brasileiro, com intensa participação das mídias esportivas (DAMO, 2007, p. 81).

Ao mesmo tempo, no Brasil, as ligas de futebol feminino profissionais apresentam baixo status econômico e social, recebendo uma pequena fração do que recebem os colegas do sexo masculino. Sem se dar conta de que a modalidade ainda é desprezada a ponto de beirar o amadorismo, Giulianotti (2010) fala que “a mídia do futebol feminino” – que na verdade não existe, uma vez que a modalidade recebe cobertura ocasional e direcionada do masculino – ainda não produziu uma estrela com altos contratos publicitários, entrevistas e acesso a circuitos de celebridades e, ainda que o faça, segundo o autor, estas estrelas obteriam o mesmo tipo de fama alcançado

pela tenista Gabriella Sabatini, “recompensada pela beleza feminina e não pelo esportivo”. (GIULIANOTTI, 2010, p. 201).

Exemplo da pouca atenção dada ao futebol feminino no país foi a recente não transmissão da Copa América de Futebol Feminino de 2018 por nenhum canal, quer de TV aberta, quer de TV fechada, competição na qual a seleção brasileira acabaria se sagrando campeã invicta. Enquanto isso, as competições de futebol masculino têm sido transmitidas desde as categorias de base, do sub-15 ao sub-20 (jogadores até vinte anos de idade).

Ao desconsiderarmos a ressignificação e segregação do futebol a partir do gênero, merece atenção o caso de Marta, primeira pessoa na história a ser eleita cinco vezes melhor do mundo, em 2010. O feito só foi atingido pela brasileira, por Messi e Cristiano Ronaldo, sendo que o argentino recebeu a quinta “bola de ouro” seis anos depois, em 2016, e o português, após sete anos, em 2017. A atleta pode ser vista como uma estrela intermitente, que só recebe algum destaque ocasional na mídia e está longe de receber a adoração nacional conferida a Neymar no Brasil, por exemplo, apesar do brasileiro nunca ter sido eleito o melhor do mundo.

Nesse sentido, Helal e Cabo (2010, p. 648-649), ao falarem sobre idolatria esportiva, afirmam que não só o futebol, mas o esporte em geral, não se sustenta sem ídolos, sendo que estes acabam por se transformarem em heróis. Eles ressaltam a diferença entre os status de celebridade e herói que alguns atletas recebem ao longo de suas carreiras, colocando os segundos em patamares mais elevados de importância, condicionando tais rótulos às suas próprias conquistas, sejam estas individuais ou coletivas.

Morin (1980) e Campbell (1995) chamam a atenção para a diferença entre celebridades e heróis. Enquanto os primeiros podem viver somente para si, os heróis devem agir para “redimir a sociedade”. A saga clássica do herói fala de um ser que parte do mundo cotidiano e se aventura a enfrentar obstáculos considerados intransponíveis, vence-os e retorna à casa, compartilhando suas conquistas com a comunidade para a qual se torna referencial (HELAL; CABO, 2010, p. 648-649).

Os autores mencionam uma análise comparativa entre as biografias dos ex-jogadores Zico e Romário que, segundo eles, revela “duas faces” distintas da cultura brasileira<sup>25</sup>. Eles afirmam que, a depender dos recursos acionados pela mídia, são

---

<sup>25</sup> Não há maiores problematizações sobre o termo cultura utilizado.

criados modelos de “heróis” do esporte, ídolos construídos, em parte, pelos discursos utilizados pela mídia na criação dessas imagens.

“A primeira enfatiza o sucesso por meio do esforço e do trabalho, à qual se junta um modelo de herói clássico. Já, na biografia de Romário, os recursos acionados pela mídia dimensionam aspectos relacionados à malandragem. As narrativas em torno dos dois atletas mostram também que as construções de suas biografias fazem parte de uma relação dialética entre as ações dos objetos mitificados e o contexto social (Helal, 2003). Já que sempre existe algo no objeto mitificado capaz de exercer fascínio. A idolatria esportiva é construída por meio dos feitos do atleta. A imprensa tem o poder de editá-los, dimensionando algumas façanhas e minimizando outras. (HELAL; CABO, 2010, p. 648-649)

Helal e Cabo (2010) afirmam que a mídia “não produz ídolos a partir de um vazio” e que “talento carisma e conquistas” são fundamentais para que o atleta seja “alçado à condição de ídolo”. As assertivas, apesar de serem válidas, devem observar dois pontos importantes: o primeiro é que se atribui aos personagens e a seus feitos, isoladamente, a responsabilidade pela sua própria ascensão midiática, o que nos remete a uma espécie de meritocracia midiática. O segundo é que tal visão ameniza ou diminui a influência do jornalista, ou do responsável pelo texto jornalístico, em relação ao resultado da abordagem discursiva utilizada, retirando a ação do contexto cultural em que está envolvido o profissional, o público e todos os campos afetados pelo material midiático em questão, conforme a citação a seguir:

Porém, ela (a mídia) não produz ídolos a partir de um vazio. Talento, carisma e conquistas são requisitos fundamentais para ser alçado à condição de ídolo. Ao atingir esse patamar, eles possuem a capacidade de pautar a mídia. Geralmente, ídolos esportivos possuem em comum um passado difícil. Esta dificuldade inicial contribui para o êxito da idolatria, pois aumenta a identificação com os fãs. Afinal, esses ‘ídolos heróis’ saem das vestes de um ser ‘ordinário’, tal qual o mito do super-homem, analisado por Eco (1979). (HELAL; CABO, 2010, p. 648-649)

A jogadora Marta passou a maior parte da carreira jogando fora do país, um fenômeno que, para as jogadoras de futebol é semelhante ao exílio, diferente do êxodo que ocorre com o futebol masculino. A análise profunda sobre o caso Marta aqui pincelada trata-se de um compromisso futuro desta pesquisa.

Outro ponto que se configura como barreira ao acesso das mulheres são os discursos e apresentações sobre o futebol na mídia, que criam um “mundo do futebol” exclusivamente masculino, conforme aponta Giulianotti (2010). Preso aos padrões de performances de gênero, o autor escreve que comentaristas e ex-profissionais

empregam discursos baseados no “mundo masculino do trabalho público”, ao invés de entrarem no “campo feminino da intimidade e da emoção”.

“Na década passada, algumas mulheres tiveram destaque dentro da mídia futebolística. No sul da Europa, repórteres frequentemente entrevistam personalidades do futebol ou apresentam programas de televisão. No entanto, sua atração visual e não sua habilidade analítica é o que conta; poucas mulheres preenchem a posição de especialistas em tática ou de principal entrevistadora, cedendo o espaço aos colegas homens mais velhos. No Reino Unido, Elanor Levy aparece como principal destaque entre os jornalistas do futebol. (GIULIANOTTI, 2010, p. 201).

No Brasil, buscando investigar a atuação da mulher no círculo opinativo da editoria de esportes, Raposo (2013) analisa o trabalho desenvolvido pela jornalista e comentarista Soninha Francine, nos canais ESPN Brasil, excluindo a atuação de profissionais de ancoragem e reportagem por ter foco voltado à esfera opinativa do jornalismo.

O canal ESPN Brasil é uma franquia brasileira do canal norte-americano ESPN, especializado na cobertura televisiva esportiva em “TV por assinatura”. Controlado pela The Walt Disney Company, a emissora transmite eventos esportivos de modalidades em nível nacional e internacional. Entre os programas de maior audiência do canal está o Bate-Bola, anteriormente chamado de Prorrogação. É exibido em duas edições diárias, de segunda a sexta-feira, e uma edição aos domingos, com 1h30 de duração, mediado por um apresentador, que assume as vezes de âncora e faz a mediação das discussões entre dois ou três comentaristas esportivos, sentados em uma espécie de bancada ou mesa-redonda. É comum a participação de apresentadores e comentaristas de outros estados, num cenário similar ao do estúdio principal.

O conteúdo tem foco voltado aos fatos esportivos recentes, exibindo reportagens, análises de jogo, resultados, classificações em campeonatos, notícias em tempo real e entrevistas. Os comentaristas promovem debate por meio da apresentação de informações e dados relacionados aos assuntos tratados e inflam o debate público, interagindo com os telespectadores por meio de perguntas e comentários enviados pela internet.

Os comentaristas expressam pontos de vista variados e promovem debates a respeito dos fatos esportivos diários, abordando temas por meio do comentário, enquadrado no gênero opinativo do jornalismo (MELO, 1992). Com isso, os

profissionais que adquirem esse poder na mídia esportiva se tornam referências. São vistos como críticos na área em que atuam, influenciando a opinião pública.

Soninha Francine foi, até aquela oportunidade, a única mulher a participar do grupo de comentaristas da ESPN tanto na transmissão de jogos de futebol quanto no programa Bate-Bola. Na grade de programação esportiva da TV fechada, ou por assinatura, a atuação feminina se restringe, quase sempre, ao campo informativo com a apresentação de programas, ancoragem e reportagem. Trabalhou na televisão entre 1990 e 2010, ingressando na editoria de esportes a partir de 1999, quando começou a fazer parte da equipe de apresentadores e comentaristas da ESPN Brasil. Foi colunista semanal no caderno de esportes do jornal Folha de S. Paulo durante dez anos, editando um blog na Folha Online posteriormente. Por mais dois anos, foi comentarista de futebol do sistema Globo/CBN de rádio. Em 2005 e 2007, foi escolhida, por votação na internet, a “melhor comentarista esportiva” no Prêmio Comunique-se, que premia a partir da diferenciação de gênero, o que reduzia o espectro de concorrência da jornalista naquele momento. Por ocasião do lançamento do livro “Meu pequeno palmeirense”, de sua autoria, Soninha contou como se tornou comentarista esportiva:

“Eu descobri isso quando eles foram gravar um Rock Gol e tivemos um problema, o Marco Bianchi, o Paulo Bonfá e o Felipe Xavier não podiam gravar, e olhando para quem trabalhava na MTV, eu era quem tinha mais perfil na época para isso. Eu narrei o jogo e as pessoas começaram a me chamar para uma coisa ou a outra por aí, para fazer entrevistas, comentar um jogo específico, enfim, até que a ESPN me convidou”.<sup>26</sup>

Na ESPN, Soninha comentou partidas do Campeonato Paulista, Copa do Brasil, Copa do Mundo e Olimpíadas, revelando um esforço da emissora em manter uma mulher em seu quadro de comentaristas. Sobre a discriminação das mulheres no jornalismo esportivo, a jornalista naturaliza as atitudes preconceituosas testemunhadas ao longo da carreira.

“Eu acho que é um preconceito normal. Sempre foi muito mais masculino que feminino e aí de repente aparece uma voz feminina chata como a minha (risos). Tem essas grosserias adicionais. ‘Com quem essa menina da MTV tá dormindo pra chegar aqui?’. Enfim, uma vez eu critiquei o Botafogo e ouvi um ‘Vai lavar roupa!’. Também já teve um tipo de preconceito ao contrário, falando: ‘Essa é Soninha, essa entende!’ Eu acho que o mercado está abrindo para jovens meninos e meninas. Uma hora a gente não vai distinguir uma

---

<sup>26</sup> Entrevista concedida em chat do UOL, no dia 2 de fevereiro de 2009.

coisa da outra e não desgostar de um ou de outro porque é homem ou mulher”<sup>27</sup> (RAPOSO, 2013, p. 40-41)

Em 2018, pela primeira vez, houve a abertura de um canal, ainda que secundário (Foxsports 2), para a transmissão de jogos da Copa do Mundo inteiramente por mulheres (narração, comentários e reportagens). Questiona-se, no entanto, o fato de que os mesmos jogos foram transmitidos simultaneamente por homens no canal principal (Foxsports). Segundo dados do Painel Nacional de Televisão (PNT)<sup>28</sup>, o FoxSports teve em média 59.580 espectadores por minuto, catorze vezes mais que “a versão feminina” do canal, que obteve média de 3.840 espectadores por minuto.

Na abordagem sobre a participação das mulheres na cultura do futebol, Giulianotti (2010) critica os acadêmicos que depreciam as políticas de gênero de seus colegas e de si próprios, e afirma que, enquanto isso, as mulheres lutam para abrir espaços no futebol em todo o mundo.

### 3.2. FUTEBOL FEMININO NA MÍDIA

Nesse contexto, impele questionar a afirmação do futebol feminino como apêndice daquele praticado pelos homens, bem como a visibilidade deficiente nos noticiários e mesmo no meio acadêmico. A análise do problema nos contextos do Brasil e nos Estados Unidos (EUA) possibilita verificar os fatores que tornam o empreendimento do futebol feminino “malsucedido” ou “bem-sucedido” nos dois países, considerando fatores como a posição dos países no ranking da Federação Internacional de Futebol (FIFA), número de títulos conquistados e participações em torneios, existência de ligas nacionais organizadas promotoras do esporte, a cobertura da imprensa esportiva da modalidade e a participação da audiência. Um exemplo é o futebol ser o esporte mais popular no Brasil e a seleção feminina da modalidade ocupar, atualmente, a 7ª posição no Ranking Mundial da FIFA<sup>29</sup>, frente ao 2º lugar da seleção masculina. Quanto aos Estados Unidos, o esporte não está entre os de maior popularidade do país, mas a seleção feminina ocupa a 1ª colocação na lista, frente ao 25º lugar do masculino.

---

<sup>27</sup> Entrevista concedida em chat do UOL, no dia 2 de fevereiro de 2009.

<sup>28</sup> Do Ibope (Instituto Brasileiro de Opinião Pública e Estatística). Disponível em: <https://sobretv.com.br/tag/painel-nacional-de-televisao/>.

<sup>29</sup> Disponível em <https://www.fifa.com/fifa-world-ranking/ranking-table/women/index.html>.

Os Jogos Olímpicos da Era Moderna tiveram início em Atenas, na Grécia, em 1898, tendo incluído o futebol masculino, em 1908, na edição realizada em Londres, no Reino Unido. Desde então, foram realizados 20 torneios olímpicos de futebol masculino e seis de futebol feminino, modalidade incluída somente em 1996, em Atlanta, nos Estados Unidos. Ao lado da Copa do Mundo de Futebol Feminino, as Olimpíadas figuram como uma das principais competições internacionais da modalidade, com o desempenho das seleções avaliado e contado na elaboração do Ranking Mundial de Futebol Feminino da FIFA.

Nos seis torneios realizados, a seleção norte-americana obteve quatro medalhas de ouro, seguida de Alemanha e Noruega, com um ouro cada. O Brasil aparece depois com duas medalhas de prata, seguido dos Estados Unidos, Japão, China e Suécia, com uma prata cada. A Alemanha tem mais medalhas de bronze, com três, seguida do Canadá, com duas e Noruega, com uma.

Vale observar que, entre os países mais fortes no futebol feminino, apenas a Alemanha obteve notoriedade no futebol masculino. Estados Unidos, Canadá, Japão, China e Suécia não possuem títulos mundiais entre os homens, por exemplo. O que leva ao questionamento: a menor relevância da modalidade entre os homens aumenta a atenção dada às mulheres? Ou se trata de mera coincidência? Uma das hipóteses que poderia explicar a popularidade do futebol entre as mulheres nos Estados Unidos e Canadá é a existência de esportes mais “agressivos”, como futebol americano e hockey, nos quais ainda há forte resistência à prática por mulheres.

O momento dos Jogos Olímpicos no Rio de Janeiro em 2016 é considerado estratégico para o futebol feminino em todo o mundo, por evidenciar a prática da modalidade, as formas de repercussão pelos veículos de imprensa e a percepção do público em nível internacional, enriquecendo a presente pesquisa em seus aspectos qualitativos.

Outra questão em debate a ser considerada é o domínio masculino na imprensa, que reforça os estereótipos em relação à mulher. Ao escrever o prefácio do livro “Vida que segue – João Saldanha e as Copas de 1966 e 1970”, o jornalista Sérgio Cabral revelou um relato do colega biografado, que teria declarado posicionamento contrário à prática do futebol feminino durante uma palestra para estudantes universitários, denunciando o cenário de resistência quanto à participação feminina no futebol.

(...) uma aluna quis saber dele o que achava do futebol feminino. Pensou muito, indicando que se tratava de uma questão embaraçosa pelo menos para ele. Mas resolveu responder: “Sou contra”. As moças manifestaram surpresa e decepção. João Saldanha, um cara sem preconceitos, como poderia ser contrário ao futebol feminino? Mas ele explicou: “O sujeito tem um filho, que leva a namorada para conhecê-lo. O pai faz a pergunta clássica: ‘Você trabalha ou estuda?’”. “Trabalho”, ela responde. “Em quê?”, quer saber o velho. “Sou zagueira do Bangu”, conclui Saldanha: “Pega mal, vocês não acham?”. (CABRAL apud FILHO, 2000)

Foucault (2007) observa que a lógica da interdição, inexistência e mutismo é um dos adventos do “puritanismo moderno”, inaugurado com a moral vitoriana no século XVII, momento a partir do qual passa a vigorar uma ideia de sexualidade contida, muda, hipócrita, na qual a família conjugal incita o silêncio ao sexo. É também quando surgem as representações estereotipadas dos sujeitos.

Aparecem, então, estas personagens novas: a mulher nervosa, a esposa frígida, a mãe indiferente ou assediada por obsessões homicidas, o marido impotente, sádico, perverso, a moça histérica ou neurastênica (...) São as figuras da aliança desviada e sexualidade anormal (FOUCAULT, 2007, p. 103).

Adorno (1999) teoriza sobre a indústria cultural, que é a forma pela qual a produção artística e cultural se organizou com o desenvolvimento tecnológico no contexto da lógica capitalista de produção, quando a reprodução da obra de arte, que era realizada manualmente, passa então a utilizar o uso da técnica. Segundo o autor, este uso da técnica e a reprodução descontrolada da obra de arte podem promover a alienação social, impedindo a formação de indivíduos autônomos, independentes, capazes de julgar e de decidir conscientemente (FREITAG, 1986).

Em contraponto, Walter Benjamin, em *A Obra de Arte na Era de sua Reprodutibilidade Técnica*, afirma que o uso da técnica representa um avanço da reprodutibilidade e tende a proporcionar o acesso a obras de arte antes inacessíveis para a maioria da população, o que contribuiria positivamente para o processo de produção. Como exemplos, o autor cita os casos da fotografia e da imprensa. O primeiro teria possibilitado a apreciação de obras artísticas como pinturas, esculturas, arquitetura, enquanto, a segunda, a reprodução em massa de diversos tipos de literatura, o que interferiu decisivamente na conjectura social contemporânea (VIERA, 2013).

Em outro contexto, Bourdieu (1997) aponta para a TV como campo midiático, no qual são exercitadas relações de dominação. A mídia, tendo a televisão como

destaque, constitui uma forma moderna de submissão da consciência, de aniquilamento da vontade individual, visualizando a imprensa como um todo como um potente instrumento de “manutenção da ordem simbólica”.

Isso ocorreria por meio de uma confusão: a televisão, vista como mera observadora da realidade, como responsável por levar os fatos, a “verdade” ao conhecimento do grande público, na prática se constituiria em instrumento de criação da realidade. Todavia, conforme já apontado nesse trabalho, há que se criticar essa dicotomia que opõe de forma antagônica o real do representado, isto porque, cada vez que a representação fosse ressignificada, se legitimaria como realidade.

#### 4. COBERTURA DO FUTEBOL FEMININO NA RIO 2016

Para análise dos dados, as notícias foram identificadas por número, separadas por país e veículo, e destacadas informações como sexo do autor<sup>30</sup>, extensão (número de linhas), e quantidade e tipo de material audiovisual (fotografias e/ou vídeos) contido em cada relato jornalístico, conforme o resumo geral demonstrado na Tabela 2 a seguir.

Tabela 2 - Dados gerais sobre o noticiário analisado

Identificação	Nº de linhas	Sexo do autor	Audiovisual
Estados Unidos			
<i>U.S. women's soccer team hopes to continue its Olympic dominance in Rio</i> <sup>31</sup>	81 linhas	Homem (Michael Lewis)	1 foto
<i>Solo jeered as US women win Olympic soccer opener against New Zealand</i> <sup>32</sup>	51 linhas	-*	1 foto
<i>Carli Lloyd continues her game-changing ways in USA Olympic opener</i> <sup>33</sup>	39 linhas	Mulher (Caitlin Murray)	-
<i>Hope Solo brushes off 'Zika, Zika!' chants during Olympic match against New Zealand</i> <sup>34</sup>	36 linhas	-	2 fotos
<i>What to expect as the USWNT faces their toughest</i>	61 linhas	Mulher (Caitlin Murray)	-

<sup>30</sup> Por questões puramente analíticas e metodológicas foi utilizada a classificação entre homens e mulheres.

<sup>31</sup> Time de futebol feminino dos EUA espera continuar seu domínio olímpico no Rio (tradução livre).

<sup>32</sup> Solo é vaiada enquanto mulheres dos EUA vencem na abertura do futebol olímpico contra a Nova Zelândia (tradução livre).

<sup>33</sup> Carli Lloyd dá continuidade às suas formas de mudar o jogo na abertura olímpica dos EUA (tradução livre).

<sup>34</sup> Hope Solo apaga gritos de 'Zika, Zika!' durante partida olímpica contra a Nova Zelândia (tradução livre).

<i>Olympics test vs. France<sup>35</sup></i>			
<i>Hope Solo the hero as she leads USWNT to huge win in Rio<sup>36</sup></i>	40 linhas	Mulher (Caitlin Murray)	1 vídeo
<i>What to expect as the USWNT finishes their Olympic group vs. Colombia<sup>37</sup></i>	58 linhas	Mulher (Caitlin Murray)	-
<i>Late goal forces US women's soccer to settle for 2-2 tie with Colombia<sup>38</sup></i>	43 linhas	-	1 foto
<i>Hope Solo's errors force USA to settle for stunning draw vs. Colombia<sup>39</sup></i>	50 linhas	Mulher (Caitlin Murray)	1 foto e 1 vídeo
<i>Player ratings: How did the USWNT do in the Olympics group stage?<sup>40</sup></i>	140 linhas	Mulher (Caitlin Murray)	-
<i>Rio 2016: Hope Solo's errors help Colombia stall U.S. women's Olympic dominance<sup>41</sup></i>	79 linhas	-	1 foto
<i>US women's soccer shocked by Sweden in penalty shootout<sup>42</sup></i>	46 linhas	-	1 vídeo
<i>The Latest<sup>43</sup></i>	10 linhas	-	-
<i>U.S. women's soccer team ousted by Sweden</i>	49 linhas	-	1 foto

<sup>35</sup> O que esperar da USWNT ao enfrentar seu teste mais difícil dos Jogos Olímpicos contra a França (tradução livre).

<sup>36</sup> Hope Solo heróica leva a USWNT a grande vitória no Rio (tradução livre).

<sup>37</sup> O que esperar da USWNT na final de grupos olímpicos contra a Colômbia (tradução livre).

<sup>38</sup> Gol tardio força o futebol feminino dos EUA a empatar em 2-2 com a Colômbia (tradução livre).

<sup>39</sup> Erros de Hope Solo forçam os EUA a aceitar um empate impressionante contra a Colômbia (tradução livre).

<sup>40</sup> Avaliação das jogadoras: Como a USWNT foram na fase de grupos das Olimpíadas? (tradição livre).

<sup>41</sup> Rio 2016: Erros de Hope Solo ajudam Colômbia a deter o domínio olímpico das mulheres nos EUA (tradução livre).

<sup>42</sup> Futebol feminino dos EUA surpreendidos pela Suécia na disputa por pênaltis (tradução livre).

<sup>43</sup> O mais recente ou Tempo real (tradução livre).

<i>during penalty shootout<sup>44</sup></i>			
<i>After loss, US women's soccer goalie Solo calls Sweden 'cowards'<sup>45</sup></i>	30 linhas	-	2 fotos
<b>Total 1</b>	Média de 52,3	Homem (1), mulher (6), sem identificação (8)	10 fotos e 3 vídeos
<i>Brasil</i>			
<i>Brasil sobra em campo e estreia com vitória no futebol feminino na Rio-2016</i>	55 linhas	Pedro Ivo Almeida	3 fotos e 1 vídeo
<i>Mulheres estreiam bem contra a China</i>	10 linhas	Juca Kfourri	1 foto
<i>A maior partida da Seleção desde... Brasil 5 X 1 Suécia</i>	11 linhas	Mauro Beting	-
<i>Futebol é pra mulher</i>	17 linhas	Juca Kfourri	2 fotos
<i>Brasil dá novo show e garante classificação, mas Cristiane sai machucada</i>	55 linhas	Luís Augusto Simon	8 fotos e 1 vídeo
<i>Marta ou Neymar?</i>	12 linhas	Cláudio Carsughi	1 foto
<i>Brasil poupa meio time e fica no zero com África do Sul, mas avança em 1º</i>	40 linhas	-	4 fotos e 1 vídeo
<i>Heroína, Bárbara diz que Brasil não merecia perder com erro de Marta</i>	7 linhas	-	1 vídeo
<i>Marta se emociona com vaga após perder pênalti: Não queria ser protagonista</i>	25 linhas	-	1 vídeo

<sup>44</sup> Time de futebol feminino dos EUA superado pela Suécia em disputa de pênaltis (tradução livre).

<sup>45</sup> Após derrota, goleira de futebol feminino dos EUA Solo chama a Suécia de 'covardes' (tradução livre).

<i>A medalha muito mais perto</i>	11 linhas	Paulo Vinicius Coelho	-
<i>Seleção feminina cai na maldição do "favoritô, perdeu"! Uma pena...</i>	13 linhas	Milton Neves	1 foto
<i>Vadão respeita retranca sueca e lamenta queda: "nos sentimos horríveis"</i>	26 linhas	Pedro Ivo Almeida	1 vídeo
<i>Suécia vence o Brasil nos pênaltis e põe fim ao sonho do ouro inédito</i>	44 linhas	Maurício Stycer	1 vídeo
<i>Milton Neves polemiza: "futebol de muié é de lascar, não tem graça nenhuma"</i>	11 linhas	-	1 foto
<i>Atletas lésbicas da Rio-2016 denunciam homofobia da torcida no futebol</i>	14 linhas	-	1 foto
<b>Total 2</b>	Média de 23,4	Homem (10), mulher (0), sem identificação (5)	22 fotos e 10 vídeos

\*(-) Textos não assinados ou assinados pela redação ou agências de notícias.

A partir desses dados, foi possível traçar as diferenças e semelhanças existentes no trabalho realizado pela imprensa dos dois países, criando gráficos que indicam as formas como a imprensa atuou em cada contexto, os esforços envolvidos na organização das coberturas do futebol feminino e os tipos de discursos divulgados ao público.

No que diz respeito às imagens, correspondente às fotografias e vídeos presentes nas reportagens analisadas, não foi possível perceber uma diferença significativa nem em relação ao número de matérias com e sem imagens, nem na escolha da forma de exibição das atletas, tendo sido excluídas da análise detalhada.

Ainda, é necessário observar a exclusão da série de reportagem realizada pela UOL, intitulada #QueroTreinarEmPaz, em razão da mesma ter sido uma ação realizada em parceria com a ONG de empoderamento feminino *Think Olga*, pelo projeto *Olga Esporte Clube*, e, portanto, se tratar de cobertura direcionada para abordagem que se coaduna com a ideologia da instituição.

#### 4.1. AUTORIA

Quanto à autoria, no UOL, das 15 matérias analisadas, 10 (67%) foram redigidas por autor do sexo masculino e as outras 5 (33%) não tiveram identificação de autoria, conforme evidenciado na Figura 3 a seguir:

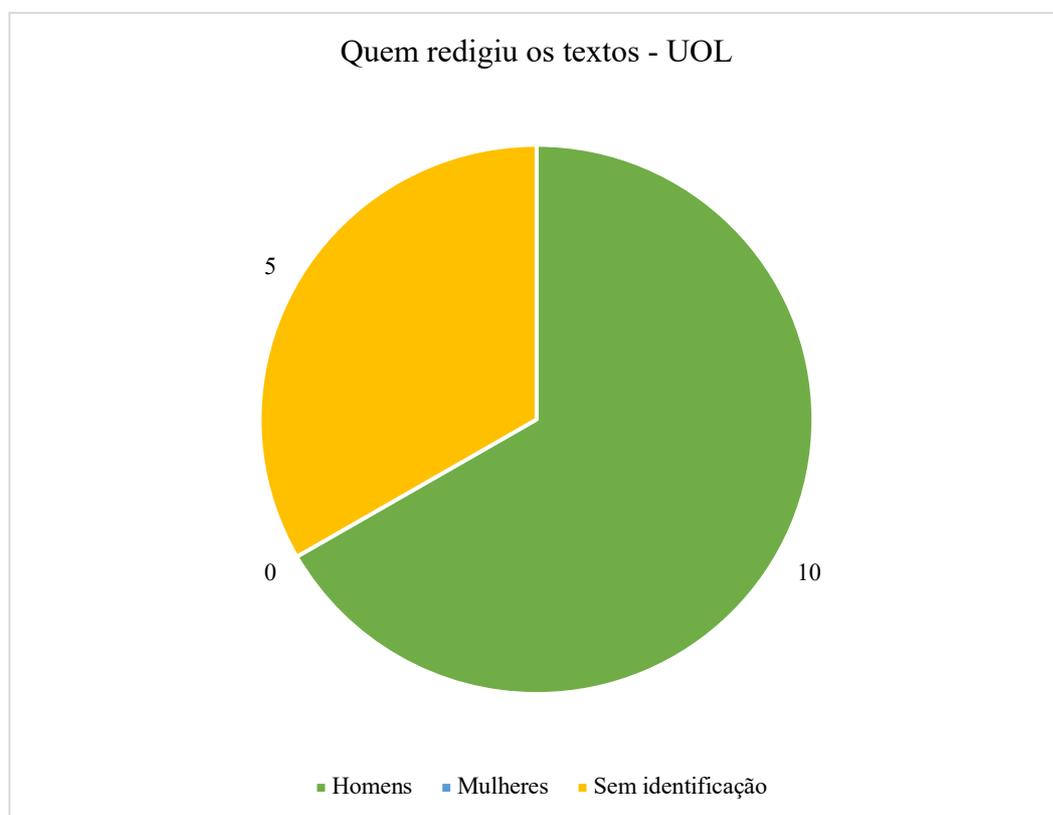


Figura 3 - Representação de autoria dos textos no Brasil

A predominância da cor verde, que representa os autores do sexo masculino, torna visível a dominação deste grupo na cobertura do futebol feminino durante as Olimpíadas Rio 2016 e abre questionamentos quanto à participação de jornalistas do sexo feminino nas redações e principais coberturas esportivas no Brasil.

O mesmo padrão sobre a autoria das reportagens não se repetiu na FoxNews. Das 15 reportagens, 6 (40%) foram redigidas por autor do sexo feminino e 1 (7%) por um autor do sexo masculino, restando 8 (53%) não identificadas ou identificadas pelo veículo como texto da redação ou de agências de notícias. Os números estão representados na Figura 4 em seguida:

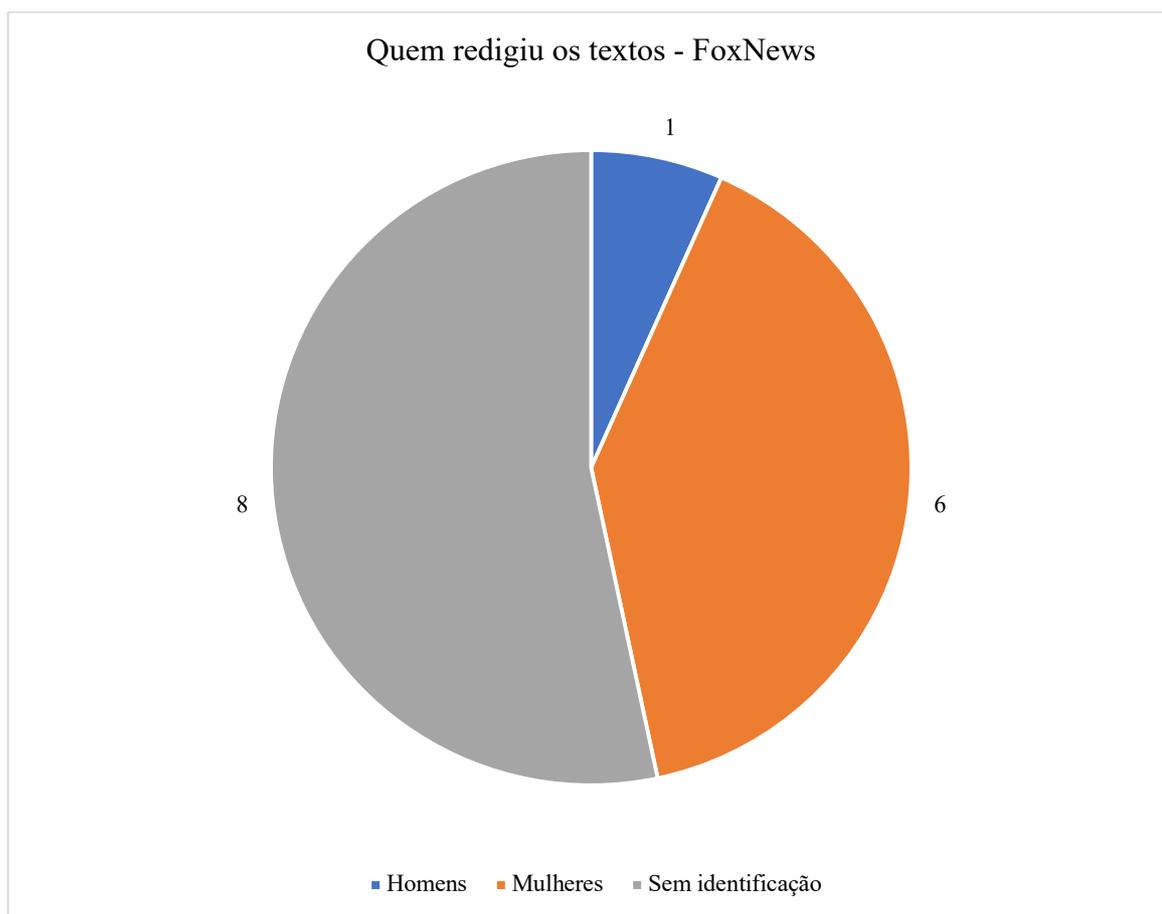


Figura 4 - Representação de autoria dos textos nos EUA

A predominância da cor cinza, que representa os textos publicados sem identificação ou assinados pela redação ou agência de notícias demonstra uma neutralidade no que diz respeito à autoria, na cobertura norte-americana. A segunda cor com maior predominância é o laranja, que representa os textos assinados por autores do sexo feminino, e mostra uma tendência ou movimento da imprensa norte-americana em ceder espaço ou lugar de fala a mulheres na cobertura do futebol feminino no país.

## 4.2. EXTENSÃO DAS MATÉRIAS

Os dados coletados mostram que, no Brasil, a média de linhas por texto publicado (23,4 linhas/notícias) sobre o futebol feminino nas Olimpíadas é menor do que nos Estados Unidos (52,3 linhas/notícias), de acordo com a Figura 5 e Figura 6 a seguir:

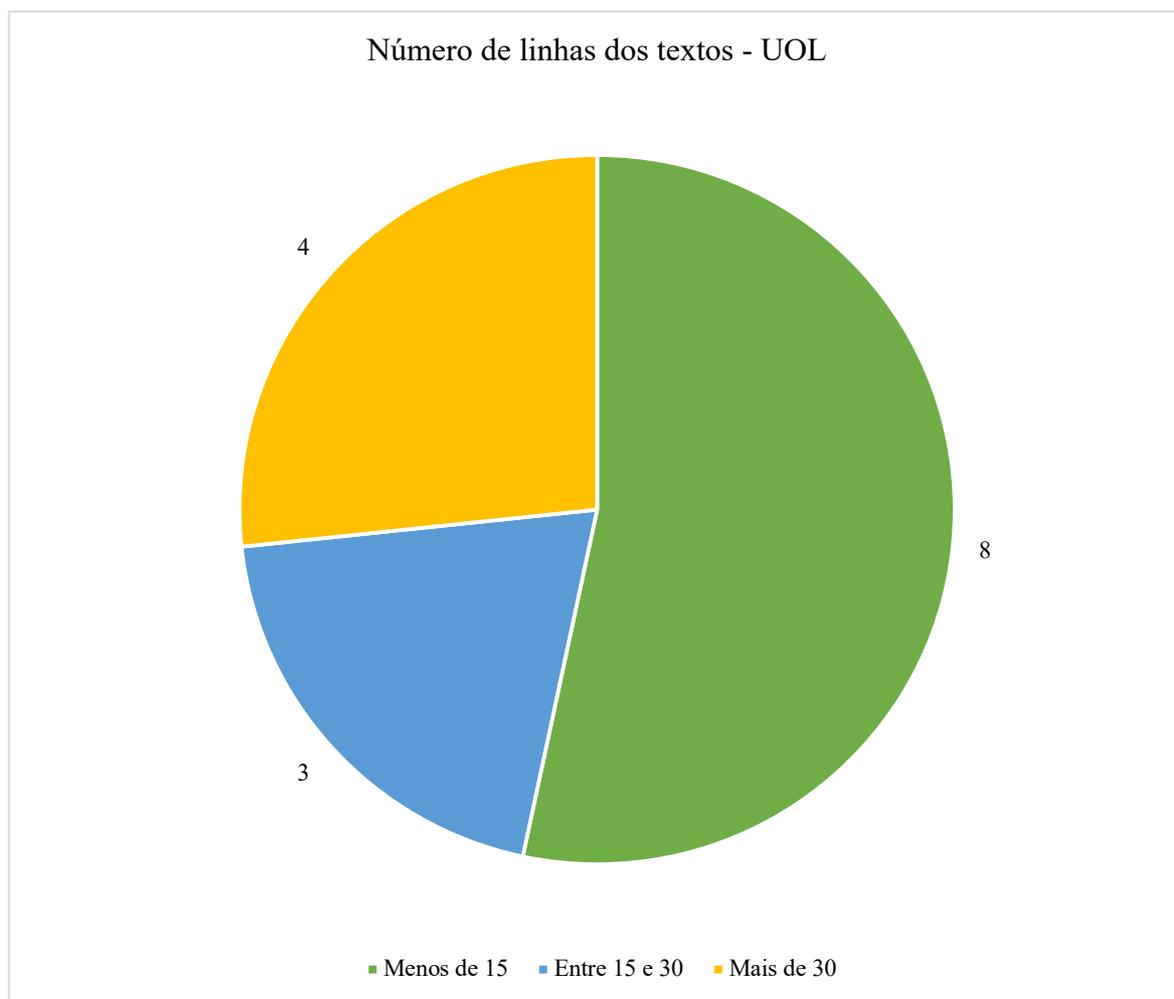


Figura 5 - Extensão dos textos publicados no Brasil

Os relatos jornalísticos publicados no Brasil são significativamente menores, indicando menor dedicação de tempo na elaboração dos mesmos. A predominância da cor verde mostra que a maioria dos textos publicados pelo UOL, 8 (53%), possuem menos de 15 linhas; 3 (20%) possuem entre 15 e 30 linhas e 4 (27%) contam com mais de 30 linhas.

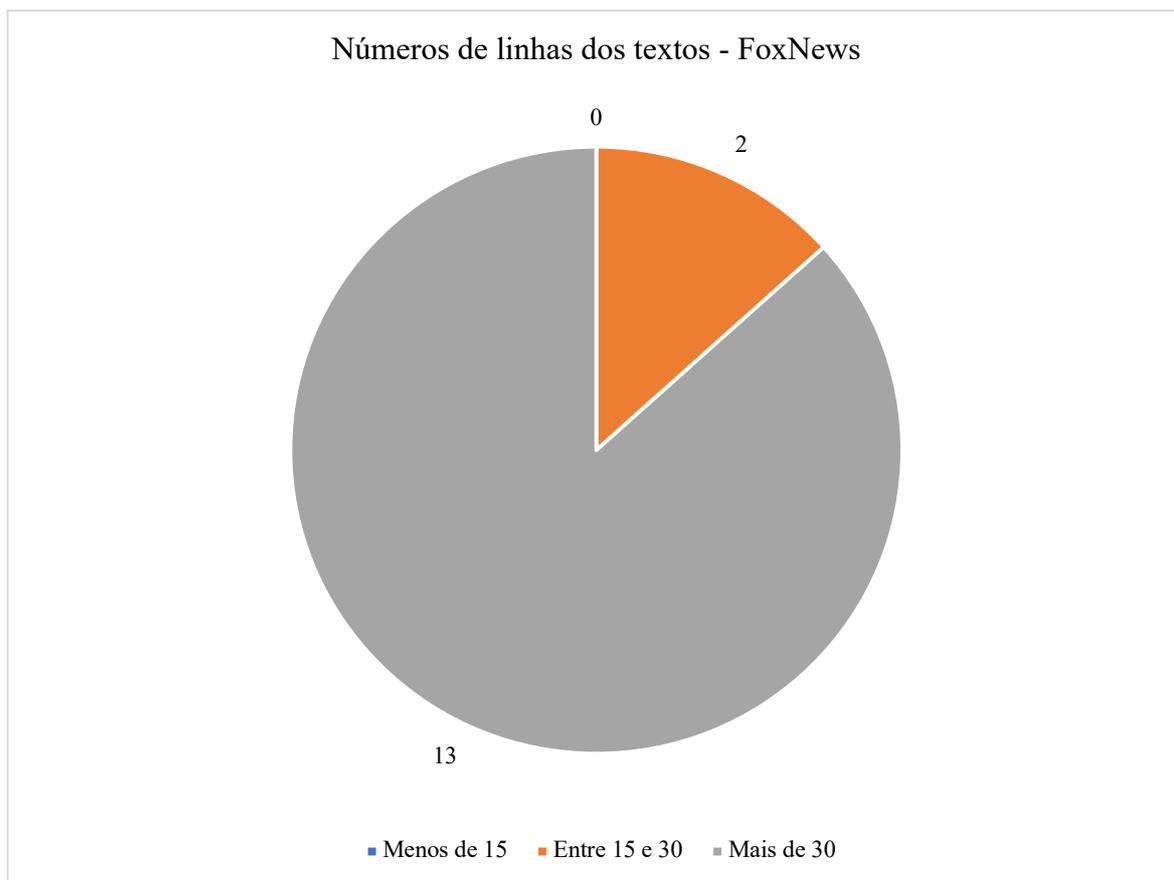


Figura 6 - Extensão dos textos publicados nos Estados Unidos

O mesmo padrão não se repete nos Estados Unidos, conforme demonstrado na Figura 6. A maior fatia do gráfico é tomada pela cor cinza, que representa 13 (87%) dos relatos jornalísticos com mais de 30 linhas. Apenas 2 (13%) contam com extensão entre 15 e 30 linhas e não houve registro da publicação de textos com menos de 15 linhas. A diferença média de extensão das reportagens publicadas entre os dois países é de aproximadamente 30 linhas por relato.

#### 4.3. DISCURSOS

No que diz respeito aos discursos presentes nos relatos jornalísticos, emergiram as seguintes categorias: Reconhecimento do futebol feminino a partir da comparação com o masculino; Abordagem não-profissional do futebol feminino; Rotulação da suposta “fragilidade feminina”; Representação normalizada de feminilidade. Estes itens surgiram a partir da frequência observada durante as análises textuais realizadas.

Foram destacados 8 textos do UOL com ocorrências relacionadas às categorias citadas e 1 da FoxNews, representado na Figuras 7 a seguir.

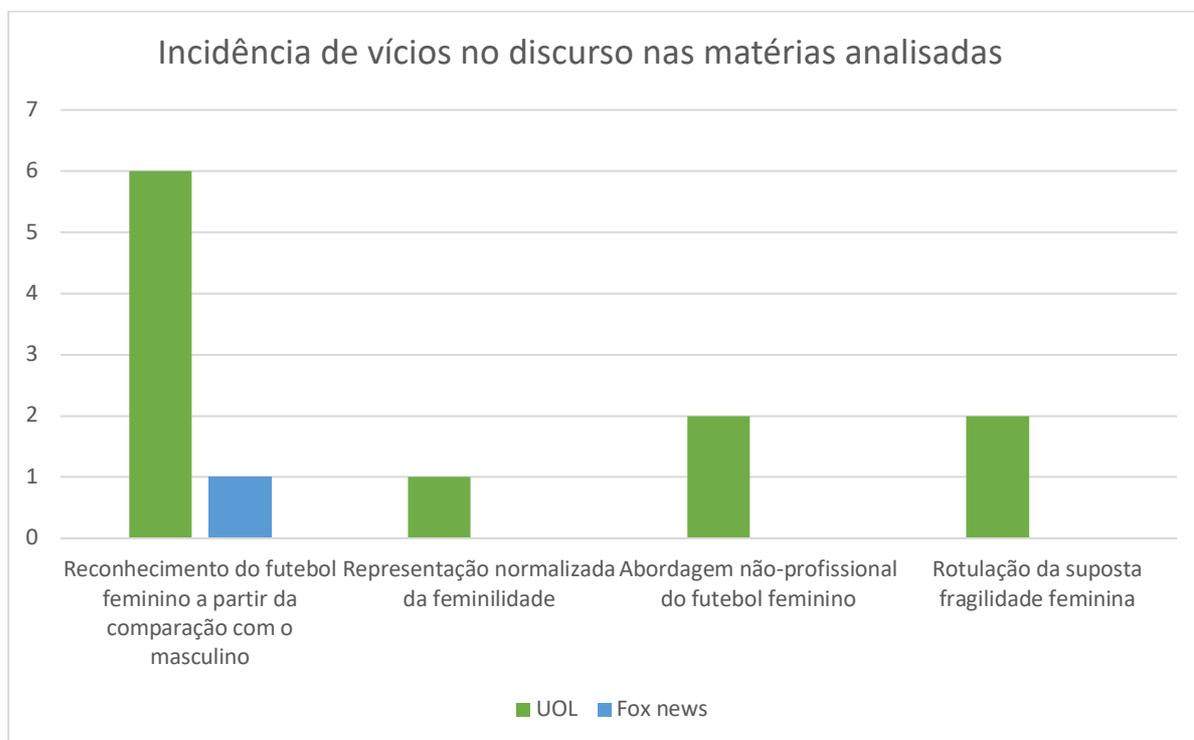


Figura 7 - Categorias de discursos encontradas na análise

#### A) O RECONHECIMENTO DO FUTEBOL FEMININO A PARTIR DA COMPARAÇÃO COM O MASCULINO

Na cobertura realizado pelo UOL, foram identificadas pelo menos 06 (seis) comparações com o futebol masculino.

Na reportagem *Brasil sobra em campo e estreia com vitória no futebol feminino* (ALMEIDA, 2016), o trecho a seguir demonstra a ocorrência deste tipo de discurso, destacando a falta de conquistas de medalhas de ouro das duas seleções, além da presença do presidente da CBF, indicada como prestígio:

A busca pelo inédito ouro brasileiro não é exclusividade do futebol masculino. Assim como os homens, as mulheres do Brasil também estão atrás do lugar mais alto do pódio pela primeira vez nos jogos olímpicos. (ALMEIDA, 2016)

Marco Polo Del Nero, presidente da Confederação Brasileira de Futebol (CBF), prestigiou a estreia da seleção feminina na Olimpíada. Evitando estádios por causa das investigações dos últimos meses, o mandatário já havia aparecido no último amistoso da seleção masculina contra o Japão. (ALMEIDA, 2016)

O mesmo ocorre no texto *Mulheres estreiam bem contra a China* (KFOURI, 2016):

Que os homens se espelhem nas mulheres e estreiem com a tranquilidade que elas mostraram para vencer a China por 3 a 0 (...) (KFOURI, 2016)

O time peca apenas naquilo em que, normalmente, as mulheres são sempre superiores aos homens: no capricho final, no requinte. (KFOURI, 2016)

Na publicação *A maior partida da Seleção desde... Brasil 5 x 1 Suécia* (BETING, 2016), no contexto apresentado, nota-se, ainda, o uso da palavra gênero para destacar o sucesso da seleção de futebol feminino:

Qualquer seleção brasileira de qualquer gênero e idade não joga o que as meninas de Vadão jogaram desde... desde... (BETING, 2016)

A publicação *Futebol é para mulher* (KFOURI, 2016) levanta a hipótese de que a prática do futebol entre as mulheres ainda é passível de afirmação:

Futebol é pra mulher. (KFOURI, 2016)

Um show como faz tempo não vemos os homens dar. (KFOURI, 2016)

Porque as mulheres não se limitam a vencer, buscam dar espetáculo, nem que isso custe ir à frente e tomar um gol. (KFOURI, 2016)

Em *Marta ou Neymar?* (CARSUGHI, 2016), são observadas as comparações entre Marta, considerada a maior jogadora de futebol feminino da história, eleita cinco vezes melhor do mundo, primeira pessoa a conquistar cinco títulos do tipo, e Neymar, o principal jogador da seleção masculina no momento, até então sem premiações individuais destacáveis em nível mundial:

Já a equipe masculina, de quem se aguardava um ataque arrasador ao lado, eventualmente, de alguma incerteza defensiva sobretudo a partir da falta do carisma de Fernando Prass, chega hoje ao último jogo de seu grupo numa situação desesperadora. (CARSUGHI, 2016)

No texto *Milton Neves polemiza: “futebol de muié é de lascar, não tem graça nenhuma”* (UOL, 2016), a reportagem destaca a polêmica envolvendo o jornalista Milton Neves, que expressou opiniões pessoais sobre o futebol feminino em TV aberta, declarando não ver “graça” no futebol feminino e ressaltando uma suposta superioridade das mulheres “em tudo, menos pra futebol”. A reportagem não possui qualquer problematização da fala, opiniões contrárias ou mesmo posicionamento da empresa de televisão onde a opinião foi veiculada. Segue o relato:

Milton Neves polemiza: “futebol de muié é de lascar, não tem graça nenhuma”. (UOL, 2016)

“Querendo xingar, xinguem, mas vamos combinar: futebol de muié é de lascar, não tem graça nenhuma. A mulher é tão sublime em tudo, menos pra futebol”, disparou. (UOL, 2016)

“Futebol feminino é igual gordo comendo salada: não tem graça nenhuma”, reforçou. (UOL, 2016)

“É apenas uma opinião, gente. Cada um tem a sua, ok?”, deu outro recado a seus seguidores Milton, após emitir a opinião polêmica. (UOL, 2016)

No *U.S. women’s soccer team hopes to continue its Olympic dominance in Rio*<sup>46</sup> (LEWIS, 2016), o autor compara a hegemonia da seleção de futebol feminino dos Estados Unidos com as seleções de futebol masculino do Brasil do passado. É o único relato escrito por um autor do sexo masculino, considerando o material coletado da FoxNews. Segue:

Few countries have enjoyed as long a reign as the United States women's national soccer team has over a quarter of a century – not even the fabulous Brazilian men's sides of yesteryear.<sup>47</sup> (LEWIS, 2016)

## B) REPRESENTAÇÃO NORMALIZADA DE FEMINILIDADE

O autor de *Mulheres estreiam bem contra a China* (KFOURI, 2016) usa termos que fazem referência à aparência como o verbo “espelhar”, além de palavras como “capricho”, “requinte”, que denotam uma padronização de conduta das mulheres, conforme o destaque a seguir:

---

<sup>46</sup> Time de futebol feminino dos EUA espera continuar seu domínio olímpico no Rio (tradução livre).

<sup>47</sup> Poucos países desfrutaram de um reinado tão longo quanto o time feminino de futebol dos Estados Unidos, que tem mais de um quarto de século - nem mesmo os fabulosos times masculinos brasileiros de antigamente (tradução livre).

Que os homens se espelhem nas mulheres e estreiem com a tranquilidade que elas mostraram para vencer a China por 3 a 0 (...) (KFOURI, 2016)

O time peca apenas naquilo em que, normalmente, as mulheres são sempre superiores aos homens: no capricho final, no requinte. (KFOURI, 2016)

### C) ABORDAGEM NÃO-PROFISSIONAL DO FUTEBOL FEMININO

Outra conduta observada foi a abordagem discursiva que indica uma visão não-profissional do futebol feminino no Brasil. Um dos indícios é o uso da palavra “meninas”, termo comumente utilizado, no futebol masculino, para se referir a jogadores que atuam nas bases dos times de futebol profissional. Além disso, é difundida a ideia de que atletas que se dedicam por décadas à modalidade estão atuando na carreira “por amor” e não de forma profissional.

Em *A maior partida da Seleção desde... Brasil 5 X 1 Suécia* (BETING, 2016), há a ocorrência do termo “meninas” em quatro oportunidades:

Qualquer seleção brasileira de qualquer gênero e idade não joga o que as meninas de Vadão jogaram desde... desde... (BETING, 2016)

Meninas de Vadão. E não só de Marta. Tem Cristiane. (BETING, 2016)

Já pode incluir um verbete maior para as meninas do Brasil depois dessa antológica atuação. (BETING, 2016)

Obrigado por eu ter tido a chance de ver essas meninas e esse futebol ao vivo. (BETING, 2016)

O texto *Seleção feminina cai na maldição do “favoritô, perdeu”! Uma pena...* (NEVES, 2016) também remete a esta questão aspecto:

Quando a seleção masculina perde, a gente fica revoltado, porque sabe o quanto de apoio eles recebem de todos os lados. Mas quando o fracasso acontece com as nossas meninas (!!!), a gente só consegue sofrer junto com elas, não é verdade? (NEVES, 2016)

Isso por sabermos que elas estão ali em campo muito mais por amor ao esporte do que por qualquer outra coisa. (NEVES, 2016)

#### D) ROTULAÇÃO DA SUPOSTA “FRAGILIDADE FEMININA”

Em *Marta se emociona com vaga após perder pênalti: Não queria ser protagonista* (UOL, 2016), nota-se o uso do discurso da “mulher emocional”. O relato destaca, ainda, a fala da jogadora Marta em que ela afirma não desejar representar um papel de protagonismo na seleção feminina. A posição da atleta é problematizável na medida em que se nota um pessimismo a respeito da posição de protagonista e uma supervalorização dos papéis secundários aos quais as mulheres vêm sendo limitadas ao longo da história. Segue o trecho:

Marta se emociona com vaga após perder pênalti: não queria ser protagonista. (UOL, 2016)

No *Seleção feminina cai na maldição do “favoritô, perdeu”! Uma pena...* (NEVES, 2016), o autor destaca o sofrimento das jogadoras de futebol:

Quando a seleção masculina perde, a gente fica revoltado, porque sabe o quanto de apoio eles recebem de todos os lados. Mas quando o fracasso acontece com as nossas meninas (!!!), a gente só consegue sofrer junto com elas, não é verdade? (NEVES, 2016)

Isso por sabermos que elas estão ali em campo muito mais por amor ao esporte do que por qualquer outra coisa. (NEVES, 2016)

Em *Suécia vence o Brasil nos pênaltis e põe fim ao sonho do ouro inédito* (STYCER, 2016), o autor destaca o erro de da jogadora Cristiane, duas vezes indicada para melhor do mundo, e utiliza a expressão “é claro”, demonstrando a visão de que jogadas sem sucesso das atletas são esperadas e óbvias no que diz respeito ao futebol feminino:

A bola, ainda solta, ofereceu-se para Andressinha, mas Cristiane a atrapalhou no lance e tentou finalização de costas para a meta. Errou, é claro. (STYCER, 2016)

Em contraposição a este aspecto, o texto *Player ratings: How did the USWNT do in the Olympics group stage?*<sup>48</sup> (MURRAY, 2016) demonstra a visão da imprensa norte-americana em relação às atletas que compõem o elenco da seleção,

---

<sup>48</sup> Classificações das jogadoras: Como o USWNT fez na fase de grupos da Olimpíada? (tradução livre).

exaltando-as independente de indicações ou premiações, conforme indicado no trecho abaixo:

It's hard to get a lot wrong when you're the coach of the U.S. women's national team. The roster is full of choices between good players and great players. (MURRAY, 2016)<sup>49</sup>

And given that the Americans won Group G and will advance to the quarterfinals, it's job done for Ellis, who didn't make any major blunders that cost the U.S. their spot atop the standings<sup>50</sup> (MURRAY, 2016).

---

<sup>49</sup> É difícil errar quando você é técnico da seleção feminina dos EUA. A lista está cheia de escolhas entre boas jogadoras e grandes jogadoras (tradução livre).

<sup>50</sup> E, dado que os norte-americanos venceram o Grupo G e avançaram para as quartas de final, o trabalho foi feito por Ellis (técnica), que não cometeu quaisquer erros graves que custaram aos EUA seu lugar no topo da classificação (tradução livre).

## 5. CONCLUSÃO

Esta pesquisa foi realizada entre os meses de fevereiro de 2016 a agosto de 2018, totalizando 30 (trinta) meses, somando os 24 (vinte e quatro) meses regulares mais 6 (seis) prorrogáveis, conforme as diretrizes referentes ao Curso de Mestrado do Programa de Pós-graduação em Ciências Sociais da Universidade Federal do Maranhão (PPGCSoc/UFMA).

É importante registrar a trajetória realizada durante este período, uma vez que todas as etapas experienciadas levaram aos resultados aqui expostos. Foram cursadas as disciplinas de Teoria Antropológica, ministrada pelo professor José Benedito Souza Filho; Teoria Sociológica, em conjunto pelos professores José Benevides Queiroz e Juarez Lopes de Carvalho Filho; Epistemologia das Ciências Sociais, pelo professor Horácio Antunes de Sant'Ana Júnior; Metodologia das Ciências Sociais, pelo professor Túlio Cunha Rossi; Tópicos Especiais em Ciências Política 1: Norbert Elias e Relações de Poder, pela professora Eliana Tavares dos Reis; e Tópicos Especiais em Sociologia 1 Gêneros e Narrativas, pela professora Sandra Maria Nascimento Sousa, com o cumprimento dos créditos exigidos nos primeiros 12 (doze) meses cursados. Houve, ainda, participação no curso Metodologia das Ciências Sociais e Pesquisa Qualitativa com a Utilização de CAQDAS (Computer Assisted Qualitative Data Analysis Software) NVivo, com o professor convidado Fernando de Gonçalves, da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS).

Desde o processo seletivo para ingresso no Curso de Mestrado, realizado entre dezembro de 2015 e fevereiro de 2016, foram executadas três modificações no escopo total do projeto de pesquisa inicial, anteriores ao início da produção da dissertação. O cronograma correspondeu ao projeto, com alterações pontuais no tempo previsto de conclusão, em razão da logística envolvida nos procedimentos de inclusão de etapas referentes ao acesso e análise aos relatórios digitais sobre dados de notícias desenvolvido pela Oxford University e sobre desenvolvimento por meio do esporte, pela ONU.

O vínculo institucional que o programa me proporcionou com a instituição de ensino superior em questão, no caso, a UFMA, permitiu que eu me mantivesse focada na minha formação acadêmica e profissional. Quantos aos aspectos práticos, a obtenção de bolsa mensal pela Coordenação de Aperfeiçoamento Pessoal (Capes)

permitiu, além da dedicação ao Curso de Mestrado, a execução de projetos paralelos, como a participação no Edital Fapema de Apoio a Publicação de Obras Literárias. A proposta aplicada para publicação literária, do gênero romance, foi realizada com o apoio do coordenador do programa à época, Prof. José Benevides, tendo sido selecionada e publicada em formato de livro literário *Cidade Espanto*, pela Editora Oito e Meio, com sede no Rio de Janeiro (RJ), em abril de 2018. A coordenação individual do projeto, com participação em todas as etapas envolvidas do processo de produção editorial, permitiu, além da aplicação do repertório científico adquirido ao longo da minha trajetória acadêmica – iniciada no Curso de Comunicação Social Jornalismo, entre 2008 e 2012 e complementada no Curso de Mestrado do PPGCSoc/UFMA, entre 2016 e 2018 –, o conhecimento e desenvolvimento de práticas relacionadas à gestão de projetos e produção editorial que são essenciais às carreiras acadêmicas na atualidade.

A orientação do professor Túlio Rossi foi realizada de forma minuciosa do início ao fim deste trabalho. Primeiro pessoalmente, no período em que foi professor adjunto com dedicação exclusiva no Departamento de Ciências Sociais da UFMA e, posteriormente, após sua mudança para Campos dos Goytacazes (RJ), quando continuou vinculado ao PPGCSoc/UFMA como professor colaborador, momento em que a orientação passou a ser acompanhada via internet por meio de troca de e-mails, mensagens e videoconferências, sem qualquer prejuízo ao desenvolvimento das etapas desta pesquisa.

Durante os meses em que transcorreram o Curso de Mestrado, foi aplicada, ainda, proposta ao Edital de Estágio Internacional da Fapema, com carta de aceite oficial para realização de etapas referentes ao desenvolvimento deste trabalho *in loco*, assinada pela Diretoria do Departamento de Sociologia da University of Colorado Colorado Springs (UCCS). A proposta foi recusada pela Fapema por razões relacionadas ao vínculo institucional, mas ficou o saldo positivo resultante da relação iniciada entre a UFMA e a UCCS, na pessoa do professor diretor Jeffrey Montez de Oca e do professor emérito Jay Coakley. A presente pesquisa também foi aceita para apresentação em painel na Conferência Internacional da Associação Norte-americana de Sociologia do Esporte (NASSS), a ser realizada em outubro de 2018, em Vancouver, no Canadá.

O trabalho aqui descrito, ainda, segue a linha de pesquisa iniciada durante a graduação em Comunicação Social Jornalismo, quando foi defendido e aprovado, com nota máxima, o Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) “Jornalismo esportivo e questão de gênero: uma (des)construção de estereótipos”, sob a orientação do Prof. Dr. José Ribamar Ferreira Júnior. É confirmado o compromisso de continuidade desta pesquisa, em busca da produção científica de excelência na área da sociologia relacionada aos estudos de esporte, gênero e mídia, que deverá se desenvolver em realização futura de doutorado, em área afim. Também contribuíram para o resultado deste trabalho os anos de experiência profissional como redatora de impresso, de portal de notícias e assessora de imprensa que antecederam o ingresso no mestrado acadêmico.

O auxílio financeiro também foi essencial para a participação em eventos científicos locais, nacionais e internacionais. As etapas e resultados parciais desta foram devidamente divulgados, apresentados nos formatos: pôster, no *I Seminário de Gênero, Memória e Identidade (Geni) Simone de Beauvoir: contribuições e releituras*, realizado em São Luís, em 2016; pôster, no *18º Congresso Brasileiro de Sociologia da Sociedade Brasileira de Sociologia (SBS)*, em Brasília (DF), em 2017; pôster, no *World Congress of Sociology of Sport 2018*, em Lausanne, na Suíça, em 2018, tendo os resumos publicados nos anais de congresso destes dois últimos, com o enriquecimento da experiência acadêmica registrada na *Plataforma Lattes*. Vale ressaltar que a participação nos eventos científicos ocorreu sem a obtenção de auxílio específico para tal fim, em razão da crise financeira resultante da recente política de cortes na educação que vem sendo implementada pelo governo federal, após o processo de impeachment da presidente Dilma Rousseff e início da gestão de Michel Temer.

Entre os obstáculos enfrentados encontrados, houve alguns percalços no que diz respeito à obtenção dos dados internacionais. No que diz respeito ao levantamento bibliográfico e de dados referente aos estudos norte-americanos, a forte comercialização de notícias impõem restrições cada vez maiores a conteúdo jornalístico gratuito em sites de notícias, softwares de análise qualitativa ou mesmo a trabalhos científicos publicados em plataformas de revistas digitais acadêmicas. Ressalte-se que o acesso a relatórios internacionais se tornou mais acessível durante as realizações pesquisas online fora do país, quando da ocasião de participação em

congresso internacional, levantando questionamentos sobre quais tipos de bloqueios seriam arbitrados e impostos aos sites hospedados na rede brasileira de internet e aos seus usuários.

É razoável afirmar que os estudos em sociologia do esporte estão avançados ao redor do mundo, dado o número de associações organizadas que reúnem pesquisadores e realizam eventos científicos. Atualmente, estão em pleno funcionamento a *International Society of Sociology of Sport (ISSA)*, a *European Association for Sociology of Sport (EASS)* e a *North American Society for Sociology of Sports (NASSS)*. Na Ásia, é atuante a *The Japan Society of Sociology of Sport (JSSS)*. Na África, destaca-se o trabalho internacionalmente reconhecido da professora Cora Burnett, da Universidade de Johannesburgo, mas não há notícias de associações até o momento, assim como na Índia. Na Oceania, a Universidade de Waikato e Universidade de Otago, ambas na Nova Zelândia, estão ligadas à NASSS.

Na América Latina, a *Asociación Latinoamericana de Estudios Socioculturales del Deporte (ALESDE)* mostra-se vacilante pela ausência de regularidade quanto à estruturação e periodicidade de publicações e eventos. Não há instituições genuinamente brasileiras voltadas para associação de pesquisadores e realização de eventos sobre sociologia do esporte.

Internacionalmente, é notável a interdisciplinaridade, com incontáveis estudos de excelência que relacionam a sociologia do esporte aos estudos de gênero e mídia, tanto na área da sociologia, como na educação física e na saúde. No entanto, a enorme abrangência acaba evidenciando a falta de organização de grupos de estudos especializados ou avançados sobre os assuntos.

No universo bibliográfico até o momento pesquisado, seja no que diz respeito aos clássicos da sociologia ou aos pesquisadores em sociologia do esporte, as teorizações a respeito do gênero indicam a deficiência de um entendimento atualizado sobre tema, mesmo nos estudos mais recentes, publicados aproximadamente 30 anos depois das primeiras teorizações de Judith Butler, por exemplo, a respeito do assunto.

A bibliografia clássica é assinada, em sua maioria, por cientistas identificados com o masculino, com o binarismo ou patriarcalismo, mas este é um problema estrutural identificado não só nas ciências sociais, no jornalismo ou no esporte, mas na sociedade em geral. Os próprios meios de comunicação têm pautado

frequentemente movimentos de protestos contra a falta de representação das mulheres na política, por exemplo, ou na equidade de salários entre homens e mulheres.

Apesar das novas formas de individualismo e de sujeito individual trazidas pela modernidade e das mudanças nos paradigmas de construção da ciência, que fizeram surgir vozes de novos sujeitos sociais, dentre eles as mulheres, a ausência de uma educação básica de gênero, ignorada durante o desenvolvimento educacional dos indivíduos, se reflete de forma grave nos estudos acadêmicos, seja na forma de pesquisa e produção científica notadamente defasada, seja na rotina universitária, com a reprodução de estigmas e rótulos de grupos de pesquisadores e objetos de estudo relacionados ao tema, em uma área de produção de conhecimento que se dispõe às desconstruções mais diversas, mas que reproduz, de incontáveis formas, as mesmas práticas que critica e reforça a manutenção das mesmas desigualdades exploradas cientificamente. É inaugurado, assim, um conflito social contemporâneo.

Quanto aos teóricos de gênero, é notável a pequena produção acadêmica afeita às questões do empoderamento das minorias por meio do esporte e seus aspectos socioculturais, que despertaram a atenção de poucos teóricos, o que só legitima a abordagem do tema e confirma um significativo afastamento entre as áreas.

É sintomático retratar que, durante os dois anos e meio que a pesquisa se estendeu, não houve qualquer avanço no que tange à cobertura do futebol feminino na mídia, ao crescimento do interesse do público, à uma equalização salarial entre os atletas ou a um aprofundamento relevante nos estudos sobre o tema.

Em um momento que vimos movimentos fortes pela equiparação salarial entre homens e mulheres no cinema, por exemplo, cinco atletas da seleção de futebol dos Estados Unidos, entre elas a melhor jogadora do mundo pela FIFA em 2015 e 2016, Carli Lloyd, ajuizaram uma ação contra a United States Soccer (USS), a Federação Americana de Futebol por discriminação nos salários, por meio da Comissão de Igualdade de Pagamento e Oportunidade. Baseiam-se em um relatório financeiro da própria federação americana de futebol: apesar de as mulheres terem gerado US\$ 20 milhões (vinte milhões de dólares) a mais de lucro do que os homens, a seleção feminina recebeu quatro vezes menos que a masculina.

Juntaram ao processo informações que atestam que a diferença não se restringe aos salários, atingindo também os bônus distribuídos pela Federação: pelo

aclamado título da Copa do Mundo de 2015, cada jogadora do elenco recebeu US\$ 75 mil (setenta e cinco mil dólares) de bônus, enquanto, por chegar às oitavas de final em 2014, cada um dos homens embolsou US\$ 407 mil (quatrocentos e sete mil dólares).

Em artigo escrito para o jornal *New York Times*, a melhor jogadora do mundo à época, Carli Lloyd, escreveu justificando o processo judicial: “Simplificando, estamos fartas de sermos tratadas como cidadãs de segunda classe. Isso acaba se tornando cansativo. E nós estamos cansadas. (...) O fato de as mulheres serem injustiçadas financeiramente não é, infelizmente, uma notícia nova. Ele se espalha por todas as áreas de atuação. Não podemos corrigir todos os erros do mundo, mas estamos totalmente determinadas a corrigir a injustiça em nosso campo, não apenas para nós mesmas, mas também para as jovens jogadoras que nos seguirão e para nossas irmãs de futebol ao redor do mundo”. Em 2017, as jogadoras chegaram a um acordo, cujos termos não foram divulgados, com a Federação.

Na análise aqui exposta, são notáveis as diferenças entre a produção jornalística realizada durante a cobertura do futebol feminino no Brasil e nos Estados Unidos referente ao período do torneio nas Olimpíadas realizadas no Rio de Janeiro, em 2016, conforme o material coletado e descrito detalhadamente no item 4 deste estudo.

É alta a diferença entre a produção de autores jornalística esportiva entre homens e mulheres nos dois países, o que indica maior abertura para jornalistas mulheres, na cobertura de esportes, no cenário norte-americano. Outra observação que evidencia este acesso maior é o número de linhas das reportagens, consideravelmente maior nos Estados Unidos do que no Brasil.

No único relato produzido por um homem, no entanto, é indicada uma visão jornalística norte-americano por meio da observação das comparações entre o masculino e o feminino. Quando Lewis (2016) afirma: “not even the fabulous Brazilian men's sides of yesteryear”<sup>51</sup>, ele dá pistas sobre a visão do futebol feminino no país, onde é considerado esporte “de mulher”, enquanto as atletas norte-americanas encontram dificuldades similares às da jogadora de futebol brasileiro quando se trata dos esportes mais populares dos Estados Unidos, como o futebol americano, o basquete, o beisebol e o golf, por exemplo.

---

<sup>51</sup> “nem mesmo os fabulosos times masculinos brasileiros de antigamente” (tradução livre).

Quanto à cobertura da mídia, da relação de causa e efeito que influencia na atual ausência de representatividade feminina na imprensa, no futebol e nas torcidas, na falta de políticas públicas voltadas ao futebol feminino, na desatenção dos clubes com as torcedoras em estratégias de marketing e produtos comercializados, impende problematizar que a reprodução de estereótipos pela imprensa contribui para a construção de um imaginário social e destaca a assimetria entre os gêneros no que diz respeito ao empoderamento dos indivíduos por meio do esporte.

Os estudos desenvolvidos no ambiente acadêmico são formas autênticas de provocar o debate sobre esse assunto e de evitar o confinamento dos indivíduos em determinados papéis e performances, oferecendo novas possibilidades de experiências, antes socialmente limitadas.

## 6. BIBLIOGRAFIA

- ADORNO, T. *Textos Escolhidos*. São Paulo: Nova Cultural, 1999.
- ALMEIDA, T.; BANDEIRA, L.; KÜCHEMANN, A. *A categoria gênero nas ciências sociais e sua interdisciplinaridade*. Revista do Ceam, Brasília, v. 3, n. 1, p. 63-81, jan.-jun. 2015.
- ALTMANN, H; REIS, h. *Futsal feminino na América do Sul: trajetórias de enfrentamentos e de conquistas*. Movimento, Porto Alegre, v. 19, n. 03, p. 211-232, jul.-set., 2013.
- ARAÚJO, A. C. *Elementos do pós-moderno na representação do esporte no cinema contemporâneo*. 2012. Tese (Doutorado em Comunicação) – UFPE. Recife. 2012.
- ALVES, B.; PITANGUY, J. *O que é feminismo?* São Paulo: Brasiliense, 2007.
- BAUER, M.; GASKELL, G. *Pesquisa qualitativa com texto, imagem e som: um manual prático*. Petrópolis: Vozes, 2002.
- BEAUVOIR, S. *O segundo sexo: fatos e mitos*. Vol. 1. 3ª ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2016.
- \_\_\_\_\_. *O segundo sexo: a experiência vivida*. Vol. 2. 3ª ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2016.
- BETTI, M. *A janela de vidro: esporte, televisão e educação física*. Tese (Doutorado em Educação) – UNICAMP. São Paulo. 1997.
- BHABHA, H. *O local da cultura*. Belo Horizonte: UFMG, 1998.
- BOURDIEU, P. *A dominação masculina*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1999.
- \_\_\_\_\_. *Sobre a televisão: seguido de a influência do jornalismo e os jogos*. Rio de Janeiro: Zahar Editora, 1997.
- BRAH, Avtar. *Diferença, diversidade, diferenciação*. Cadernos Pagu, vol. 26, jan.-jun., 2006, p. 329-376.
- BUTLER, J. *Corpos que pesam: sobre os limites discursivos do “sexo”*. In: LOURO, Guacira. *O corpo educado: pedagogias da sexualidade*. Belo Horizonte: Autêntica, 2000.
- \_\_\_\_\_. *Problema de gênero: feminismo e subversão da identidade*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2013.
- Cambridge dictionary of american English: for speakers of Portuguese* – 1ª ed. – São Paulo: Martins Fontes, 2005.

CARVALHO, M. *O conceito de gênero: uma leitura com base nos trabalhos do GT Sociologia da Educação da ANPED (1999-2009)*. Revista Brasileira da Educação, v.16, n. 46, 2011. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/rbedu/v16n46/v16n46a06.pdf>. Acesso em: 22 de fevereiro de 2017.

DaMATTA, R. *A casa e a rua*. Rio de Janeiro: Rocco, 2000.

DAMO, A. *Do dom à profissão: a formação de futebolistas no Brasil e na França*. São Paulo: Aderaldo & Rothschild Ed., Anpocs, 2007.

DERRIDA, J. *Point de Suspension – Entretiens*. Paris, Galilée, 1992. In: RODRIGUES, C. *Diferença sexual, direitos e identidade: um debate a partir do pensamento da desconstrução*. Cadernos Pagu, 2010, n. 34, p. 209-233.

*Dicionário Houaiss: sinônimos e antônimos – 2ª ed.* – São Paulo: Publifolha, 2008.

DUNNING, E. *Sociologia do esporte e os processos civilizatórios*. São Paulo: Annablume, 2014.

DURKHEIM, E. *As formas elementares da vida religiosa*. São Paulo: Martins Fontes, 2000.

FARIA JÚNIOR, A. G. *Futebol, Questões de Gênero e Coeducação - Algumas considerações didáticas sob enfoque multicultural*. Revista do Núcleo de Sociologia do Futebol, Rio de Janeiro, n. 2, 1995.

FERREIRA, A.; MARCHI JR, W. *O campo da sociologia do esporte no Brasil: entre a emergência e a consolidação*. Sociologia & Política, UFPR, 2009. Disponível em: <http://www.humanas.ufpr.br/site/evento/SociologiaPolitica/GTs-ONLINE/GT9%20online/campo-sociologia-AnaLeticiaPadeskiFerreira.pdf>. Acesso em: 1º de novembro de 2016.

FREITAG, B. *Teoria crítica: ontem e hoje*. São Paulo: Brasiliense, 1986.

FREYRE, G. *O negro no futebol brasileiro*. Rio de Janeiro: Mauad, 2003.

FORNARI, L; GESSNER, R.; FONSECA, R.; SANTOS, D; EGRY, E. *Jogos Olímpicos Rio 2016: uma análise qualitativa de reportagens sobre mulheres atletas*. Atas CIAIQ2017. Investigação Qualitativa em Saúde. vol. 2. p. 1331-1340.

FOUCAULT, M. *A história da sexualidade: a vontade de saber*. Vol. 1. Rio de Janeiro: Edições Graal, 2007.

\_\_\_\_\_. *Microfísica do poder*. Rio de Janeiro: Graal, 1989.

- GENRO FILHO, A. *O segredo da pirâmide: para uma teoria marxista do jornalismo*. Florianópolis: UFSC, 1987.
- GERHARDT, T.; SILVEIRA, D. (org.). *Métodos de pesquisa*. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2009.
- GIULIANOTTI, R. *Sociologia do futebol: dimensões históricas e socioculturais do esporte das multidões*. São Paulo: Nova Alexandria, 2010.
- HARAWAY, D. "Gênero" para um dicionário marxista: a política sexual de uma palavra. *Cadernos Pagu*, Campinas, v. 22, p.201-246. 2004.
- HELAL, R.; CABO, A. *Idolatria esportiva*. Enciclopédia Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação, vol. 1, 2010, p. 648-649.
- LAHIRE, Bernard. *A cultura dos indivíduos*. São Paulo: Artmed, 2006.
- LE BRETON, D. *Adeus ao corpo: antropologia e sociedade*. Campinas: Papirus, 2003.
- LÉVI-STRAUSS, C. *Totemismo hoje*. Petrópolis: Vozes, 1975.
- LOVISOLO, H. *Mulheres e esporte: processo civilizador ou (des)civilizador*. *Comunicação e Esporte*. vol.17, n. 2, 2010, p. 34.
- LUKÁCS, G. *História e consciência de classe: estudos sobre a dialética marxista*. Tradução de Maria Ermantina de Almeida. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2012.
- MAUSS, M. *Ensaio sobre a dádiva*. In: *Sociologia e Antropologia*. São Paulo: Cosac Naify, 2003.
- MERTENS, M. *Women's soccer is a feminist issue*. *The Atlantic*, 05/06/2015. Disponível em: <http://www.theatlantic.com/entertainment/archive/2015/06/womens-soccer-is-a-feminist-issue/394865/>. Acesso em: 02 de novembro de 2016.
- PAIVA, A. *A conjugalidade homossexual no sistema de gêneros e para além: micropolíticas homoeróticas*. *Revista de Ciências Sociais*, v. 37, n. 1, p. 63-76, 2006. Disponível em: <http://www.periodicos.ufc.br/index.php/revcienso/article/viewFile/555/537>. Acesso em: 22 de fevereiro de 2017.
- PISCITELLI, A. *Recriando a (categoria) mulher?* In: ALGRANTI, L. (org.). *A prática feminista e o conceito de gênero*. Textos Didáticos, n. 48. Campinas: IFCH/Unicamp, 2002, p. 7-42.

QUINTANEIRO, T.; BARBOSA, M.; OLIVEIRA, M. *Um toque de clássicos*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2003. p. 96-137.

RAMOS, A. *Curso de Direitos Humanos*. São Paulo: Saraiva, 2017.

RAPOSO, C. *Jornalismo esportivo e imprensa feminina: uma (des)construção de estereótipos*. Monografia (Graduação em Comunicação Social Jornalismo) – UFMA. São Luís. 2013.

REIS, L. *Nos anos 50, futebol feminino tinha gracejos, fãs e talento*. 2011. Disponível em: <http://www1.folha.uol.com.br/esporte/2011/06/928860-nos-anos-50-futebol-feminino-tinha-gracejos-fas-e-talento.shtml>. Acesso em: 16 de novembro de 2015.

\_\_\_\_\_. *Primeiro time feminino brasileiro é reativado em Minas*. 2011. Disponível em: <http://www1.folha.uol.com.br/esporte/2011/06/928856-primeiro-time-feminino-brasileiro-e-reativado-em-minas.shtml>. Acesso em: 16 nov. de 2015.

ROSSI, T. *Projetando a Subjetividade: a construção do amor a partir do cinema*. Tese (Doutorado em Sociologia) – USP. São Paulo. 2013. Disponível em: [http://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/8/8132/tde-26062013-093448/publico/2013\\_TulioCunhaRossi.pdf](http://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/8/8132/tde-26062013-093448/publico/2013_TulioCunhaRossi.pdf). Acesso em: 07 de agosto de 2018.

ROSSI, T. *Feminilidade e suas imagens em mídias digitais: questões para pensar gênero e visualidade no século XXI*. Tempo Social, Revista de Sociologia da USP, São Paulo, v. 29, n. 1, p. 235-255, abr. 2017. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/ts/v29n1/1809-4554-ts-29-01-0235.pdf> > Acesso em: 07 de agosto de 2018.

SANTOS, Harlon. *A objetividade do conhecimento nas ciências sociais: o caminho weberiano*. Fortaleza, CE: 2015. Blog AdObservare. Disponível em: <http://wp.me/pFciT-8N>. Acesso em: 15 out. 2017.

SCOTT, J. *Gênero: uma categoria útil de análise histórica*. Educação & Realidade, Porto Alegre, v. 2, n. 20, p. 71-100, jul.-dez., 1995.

SOUZA JR, M.; DARIDO, S. *A prática do futebol feminino no ensino fundamental*. Revista Motriz, Rio Claro, v. 8, n.1, p.1-9, jan.-abr. 2002.

SOUZA, J.; MARCHI JR., W. *Por uma gênese do campo da sociologia do esporte: cenários e perspectivas*. Movimento (ESEF/UFRGS), v. 16, n. 2, p. 45-70, 2010.

SZPACENKOPF, M. *O olhar da mídia e a violência*, Revista Rio de Janeiro, n. 12, jan-abril, 2004.

TURNER, V. *O processo ritual: estrutura e anti-estrutura*. Petrópolis: Vozes, 1974.

VIEIRA, D. *Benjamin versus Adorno e Horkheimer: reflexões sobre a reprodução técnica da obra de arte*. Trilhas Filosóficas - Revista Acadêmica de Filosofia, Caicó-RN, ano VI, n. 2, p. 29-35, jul.-dez. 2013. Disponível em: [http://periodicos.uern.br/index.php/trilhas\\_filosoficas/article/viewFile/1219/673](http://periodicos.uern.br/index.php/trilhas_filosoficas/article/viewFile/1219/673). Acesso em 22 fev. 2017.

WEBER, M. A “objetividade” do conhecimento nas ciências sociais. In: COHN, Gabriel (org.). *Sociologia*. São Paulo: Ática, 2003. p. 79 – 127.

\_\_\_\_\_. *Economia e Sociedade*. vol. 1 Brasília: UNB, 2009.

WILLIAMS, R. *Television: technology and cultural form*. Routledge: London, 2004.

WOOLF, V. *Um teto todo seu*. 2ª ed. São Paulo: Nova Fronteira, 2004.

## DOCUMENTOS CONSULTADOS

BRASIL. Decreto nº 4377, de 13 de setembro de 2002. Promulga a Convenção sobre a Eliminação de Todas as Formas de Discriminação contra a Mulher, de 1979, e revoga o Decreto no 89.460, de 20 de março de 1984. Brasília, 2002. Disponível em: [http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/decreto/2002/d4377.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/decreto/2002/d4377.htm). Acesso em: 10 de agosto de 2018.

ORGANIZAÇÃO DAS NAÇÕES UNIDAS (ONU). Programa das Nações Unidas para o Desenvolvimento (PNUD). *Relatório Nacional de Desenvolvimento Humano do Brasil “Momento é vida: atividades físicas e esportivas para todas as pessoas”*. Brasília, 2017. 375 p.

OXFORD UNIVERSITY. Reuters Institute for the Study of Journalism. *Digital News Report 2017*. Oxford, 2017. 136 p.

## REPORTAGENS CONSULTADAS

### BRASIL

ALMEIDA, P. I. *Brasil sobra em campo e estreia com vitória no futebol feminino na Rio-2016*. Disponível em: <https://olimpiadas.uol.com.br/noticias/redacao/2016/09/12/>

alessandro-silva-e-ouro-no-lancamento-de-disco-com-recorde-paraolimpico.htm.

2016. Acesso em: 03 de agosto de 2016.

ALMEIDA, P. I. *Vadão respeita retranca sueca e lamenta queda: “nos sentimos horríveis”*. 2016. Disponível em: <<https://olimpiadas.uol.com.br/noticias/redacao/2016/08/16/vadao-respeita-retranca-sueca-e-lamenta-queda-nos-sentimos-horriveis.htm>>. Acesso em: 16 de agosto de 2016.

BETING, M. *A maior partida da Seleção desde... Brasil 5 X 1 Suécia*. 2016. Disponível em: <<http://maurobeting.blogosfera.uol.com.br/2016/08/06/a-maior-partida-da-selecao-desde-brasil-5-x-1-suecia/>>. Acesso em: 06 de agosto de 2016.

CARSUGHI, C. *Marta ou Neymar?* 2016. Disponível em: <<http://carsughi.uol.com.br/2016/08/marta-ou-neymar/>>. Acesso em: 10 de agosto de 2016.

KFOURI, J. *Futebol é pra mulher*. 2016. Disponível em: <<https://blogdojuca.uol.com.br/2016/08/futebol-e-pra-mulher-2/>>. Acesso em: 06 de agosto de 2016.

KFOURI, J. *Mulheres estreiam bem contra a China*. 2016. Disponível em: <<https://blogdojuca.uol.com.br/2016/08/mulheres-estreiam-bem-contra-a-china/>>.

Acesso em: 03 de agosto de 2016.

NEVES, M. *Seleção feminina cai na maldição do “favoritô, perdeu”! Uma pena...* 2016. Disponível em: <<https://blogmiltonneves.bol.uol.com.br/blog/2016/08/16/selecao-feminina-cai-na-maldicao-do-favorito-perdeu-uma-pena/>>. Acesso em 16 de agosto de 2016.

PVC. *A medalha muito mais perto*. 2016. Disponível em: <<https://pvc.blogosfera.uol.com.br/2016/08/13/a-medalha-muito-mais-perto/>>. Acesso em: 13 de agosto de 2016.

SIMON, L. A. *Brasil dá novo show e garante classificação, mas Cristiane sai machucada*. 2016. Disponível em: <<https://olimpiadas.uol.com.br/noticias/redacao/2016/08/06/brasil-x-suecia-futebol-feminino.htm>>.

Acesso em: 06 de agosto de 2016.

STYCER, M. *Suécia vence o Brasil nos pênaltis e põe fim ao sonho do ouro inédito*. 2016 Disponível em: <<https://olimpiadas.uol.com.br/noticias/redacao/2016/08/16/futebol-feminino-brasil-x-suecia-pela-semifinal-da-rio-2016.htm>>. Acesso em: 16 de agosto de 2016.

UOL. *Atletas lésbicas da Rio-2016 denunciam homofobia da torcida no futebol*. 2016. Disponível em: <<https://olimpiadas.uol.com.br/noticias/redacao/2016/08/06/atletas->

lesbicas-da-rio-2016-denunciam-homofobia-da-torcida-no-futebol.htm?cmpid=fb-uolnot>. Acesso em: 06 de agosto de 2016.

UOL. *Brasil poupa meio time e fica no zero com África do Sul, mas avança em 1º*. 2016. Disponível em: <<https://olimpiadas.uol.com.br/noticias/redacao/2016/08/09/brasil-x-africa-do-sul-futebol-feminino.htm>>. Acesso em: 09 de agosto de 2016.

UOL. *Heroína, Bárbara diz que Brasil não merecia perder com erro de Marta*. 2016. Disponível em: <<https://olimpiadas.uol.com.br/noticias/redacao/2016/08/13/heroína-barbara-diz-que-brasil-nao-merecia-perder-com-erro-de-marta.htm>>. Acesso em: 13 de agosto de 2016.

UOL. *Marta se emociona com vaga após perder pênalti: 'Não queria ser protagonista'*. 2016. Disponível em: <<https://olimpiadas.uol.com.br/noticias/redacao/2016/08/13/marta-se-emociona-com-vaga-apos-perder-penalti-nao-queria-ser-protagonista.htm>>. Acesso em: 13 de agosto de 2016.

UOL. *Milton Neves polemiza: "futebol de muié é de lascar, não tem graça nenhuma"*. 2016. Disponível em: <<https://olimpiadas.uol.com.br/noticias/redacao/2016/08/16/milton-neves-polemiza-futebol-de-muie-e-de-lascar-nao-tem-graca-nenhuma.htm?cmpid=fbsp-geral>>. Acesso em: 16 de agosto de 2016.

## ESTADOS UNIDOS

ASSOCIATED PRESS. *Late goal forces US women's soccer to settle for 2-2 tie with Colombia*. 2016. Disponível em: <<http://www.foxnews.com/sports/2016/08/09/late-goal-forces-us-womens-soccer-to-settle-for-2-2-tie-with-colombia.html>>. Acesso em: 09 de agosto de 2016.

ASSOCIATED PRESS. *Solo jeered as US women win Olympic soccer opener against New Zealand*. 2016. Disponível em: <<http://www.foxnews.com/sports/2016/08/03/solo-jeered-as-us-women-win-olympic-soccer-opener-against-new-zealand.html>>. Acesso em: 03 de agosto de 2016.

FOXNEWS. *After loss, US women's soccer goalie Solo calls Sweden 'cowards'*. 2016. Disponível em: <<http://www.foxnews.com/sports/2016/08/12/in-defeat-u-s-womens-soccer-goalie-solo-calls-sweden-cowards.html>>. Acesso em: 12 de agosto de 2016.

FOXNEWS. *Hope Solo brushes off 'Zika, Zika!' chants during Olympic match against New Zealand*. 2016. Disponível em: <<http://www.foxnews.com/sports/>

2016/08/04/hope-solo-brushes-off-zika-zika-chants-during-olympic-match-against-new-zealand.html>. Acesso em: 04 de agosto de 2016.

FOXNEWS. Rio 2016: *Hope Solo's errors help Colombia stall U.S. women's Olympic dominance*. 2016. Disponível em: <<http://www.foxnews.com/sports/2016/08/10/rio-2016-colombia-stalls-us-women-olympic-soccer-dominance-with-2-2-draw.html>>.

Acesso em: 10 de agosto de 2016.

FOXNEWS. *US women's soccer shocked by Sweden in penalty shootout*. 2016. Disponível em: <<http://www.foxnews.com/sports/2016/08/12/us-womens-soccer-shocked-by-sweden-in-penalty-shootout.html>>. Acesso em: 12 de agosto de 2016.

LEWIS, M. *U.S. women's soccer team hopes to continue its Olympic dominance in Rio*. 2016. Disponível em: <<http://www.foxnews.com/sports/2016/08/01/us-womens-soccer-team-hopes-to-continue-its-olympic-dominance-in-rio.html>>. Acesso em: 1º agosto de 2016.

MURRAY, C. *Carli Lloyd continues her game-changing ways in USA Olympic opener*. 2016. Disponível em: <<http://www.foxnews.com/sports/2016/08/03/carli-lloyd-continues-her-game-changing-ways-in-usa-olympic-opener.html>>. Acesso em: 03 de agosto de 2016.

MURRAY, C. *Hope Solo the hero as she leads USWNT to huge win in Rio*. 2016. Disponível em: <<http://www.foxnews.com/sports/2016/08/07/hope-solo-hero-as-leads-uswnt-to-huge-win-in-rio.html>>. Acesso em: 07 de agosto de 2016.

MURRAY, C. *Hope Solo's errors force USA to settle for stunning draw vs. Colombia*. 2016. Disponível em: <<http://www.foxnews.com/sports/2016/08/10/hope-solo-errors-force-usa-to-settle-for-stunning-draw-vs-colombia.html>>. Acesso em: 10 de agosto de 2016.

MURRAY, C. *Player ratings: How did the USWNT do in the Olympics group stage?* 2016. Disponível em: <<http://www.foxnews.com/sports/2016/08/10/player-ratings-how-did-uswnt-do-in-olympics-group-stage.html>>. Acesso em: 10 de agosto de 2016.

MURRAY, C. *What to expect as the USWNT faces their toughest Olympics test vs. France*. 2016. Disponível em: <<http://www.foxnews.com/sports/2016/08/05/what-to-expect-as-uswnt-faces-their-toughest-olympics-test-vs-france.html>>. Acesso em: 05 de agosto de 2016.

MURRAY, C. *What to expect as the USWNT finishes their Olympic group vs. Colombia*. 2016. Disponível em: <<http://www.foxnews.com/sports/2016/08/09/what-to>

expect-as-uswnt-finishes-their-olympic-group-vs-colombia.html>. Acesso em: 09 de agosto de 2016.

## REPORTAGENS DE APOIO

ESCUDEIRO, L. *Por que a seleção feminina dos EUA recebe menos que a masculina se gera mais dinheiro?* 2016. Disponível em: <<http://trivela.uol.com.br/por-que-selecao-feminina-dos-eua-recebe-menos-que-masculina-se-gera-mais-dinheiro/>>.

Acesso em: 10 de agosto de 2016.

ESPN BRASIL. *Marta supera Pelé e vira a maior artilheira da história da seleção.* 2016. Disponível em: <[http://espn.uol.com.br/noticia/563554\\_marta-supera-pele-e-vira-a-maior-artilheira-da-historia-da-selecao](http://espn.uol.com.br/noticia/563554_marta-supera-pele-e-vira-a-maior-artilheira-da-historia-da-selecao)>. Acesso em: 10 de agosto de 2016.

KFOURI, J. *O futebol masculino secou? Ou apodreceu?* 2016. Disponível em: <<http://blogdojuca.uol.com.br/2016/08/o-futebol-masculino-brasileiro-secou-ou-apodreceu/>>. Acesso em: 07 de agosto de 2016.

UOL. *#QueroTreinarEmPaz.* 2016. Disponível em: <<https://www.uol/olimpiadas/especiais/querotreinarempaz.htm>>. Acesso em: 02 de agosto de 2018.